

CEMAP - ESCRITA - 1977 - N - 17

ESCRITA

Ano II Nº 17 1977 Cr\$ 15,00

Revista Mensal de Literatura



ENCARTE DO MÊS: HISTÓRIAS DA TERRA TRÊMULA, NOVO LIVRO DE MOACYR SCLiar

**PRÊMIO DE
ROMANCE PARA
POSSIDÔNIO**

**MÁRIO CHAMIE
ANALISA
HAROLDO DE
CAMPOS**

**SEIS NOVOS
CONTISTAS
E POETAS**

**NA PÁGINA 3
AS BASES DO
II CONCURSO
ESCRITA**

Cr\$ 20,00 em Manaus, Santarém, Boa Vista, Altamira, Porto Velho e Rio Branco (via aérea)



ESCRITA

Editor
Wladyr Nader
Conselho de Redação
Astolfo Araújo
Hamilton Trevisan

Arte

José Américo Mikas
Publicidade
Sônia Maria Audi
Colaboradores
Dennis Toledo
Y. Fujiyama
Marco Aurélio Nogueira
Moacir Amâncio
Roniwalter Jatobá de Almeida
Representantes

Rio

Antônio Torres
Flávio Moreira da Costa

Porto Alegre

Antônio Hohlfeldt
Belo Horizonte

Dúlio Gomes

Luiz Fernando Emediato

Brasília

Ana Lagoa

Niterói

Júlio César Monteiro Martins

Curitiba

Reinoldo Atem

Florianópolis

Raimundo Caruso

Recife

Nagib Jorge Neto

Natal

J. Medeiros

Jarbas Martins

Paris

João Natali

Londres

Maria Amélia Mello

Uma publicação da
Vertente Editora Ltda.
Rua Monte Alegre, 1434
Fone: 62-3699
05014 - São Paulo (SP)

Assinaturas

(por vale postal
ou cheque visado)

anual: Cr\$ 180,00

(com direito a
três números atrasados)

semestral: Cr\$ 90,00

(com direito a
dois números atrasados)

Números atrasados

Cr\$ 15,00

Distribuição

Abril

Composição/Impressão

Pat-Publicações
e Assistência Técnica Ltda.
Rua Dr. Virgílio de
Carvalho Pinto, nº 412
Fone: 853-7461

Registro na D.C.D.P.
do D.P.F. sob o nº
1464-P. 209/73

PAUTA

A propósito do convênio firmado entre a embaixada brasileira em Buenos Aires e a editora argentina Sudamericana — que já resultou na publicação, naquele país, de “O Coronel e o Lobisomem”, de José Cândido de Carvalho, e “O Vampiro de Curitiba”, de Dalton Trevisan, disse **Osman Lira** em 10 de janeiro, a Moacir Amâncio, da Folha de S. Paulo: “Literatura de um lado, governo do outro. O escritor não deve procurar esse patrocínio. Mas, inversamente, o governo tem obrigação de patrocinar escritores de seu país. A literatura cria o país mítico, o país imaginário, que tem relações com o país do escritor. Mas uma coisa não é a outra. A gente pode detestar a Inglaterra Real, mas gostar da mesma Inglaterra de Dickens, Lawrence e outros autores. Um governante governa dois países, o imaginário e o real. Assim, ele é responsável pelos dois, tem obrigação de zelar pelos dois. Não importa se a imagem transmitida pela literatura seja favorável ou não.”

Eu queria chegar a uma coisa descarnada, que fosse realmente a realidade. Claro que isso foi me levando a desarticular a linguagem, porque o conhecimento está articulado pelo discurso. Então, distanciado do conhecimento, comecei a reinventar. Lembro-me de que esse poema que está em *A Luta Corporal* e se chama *O Roseiral* foi o limite desse processo. Isso porque um dia eu vi um canteiro ali em Botafogo, que sempre tinha flor. E depois um dia eu passei e não tinha mais flor porque era o período de verão. Aí depois tinha flor de novo. Então fiquei com vontade de escrever isso, como quem diz: “Bem, estas coisas estão aí, depois elas desaparecem, mas ficam, embora a gente não as possa ver. E depois é como se fossem formas abstratas, porque, depois que desaparecem, elas continuam, embora invisíveis. Mas depois voltam a se vestir de cores, de perfumes de tudo isso.” Então eu queria exprimir tudo isso. Tentei escrever em linguagem normal mas não deu. Até que, num dia de muita *baratinação*, me pus a escrever de uma maneira totalmente louca, cheio de sonho e fúria. (**Ferreira Gullar** em entrevista a Vinicius de Moraes, Revista de Domingo, do Jornal do Brasil, em 2/1/77).

O ano começou mal para a literatura brasileira: por determinação federal, a revista **Inéditos** deverá agora ser submetida a censura prévia. A princípio os diretores da revista acharam melhor suspender sua publicação, para evitar as humilhações dos cortes. Hoje, porém, isso pode mudar: dependendo do comportamento da censura do Estado, a revista continuará a circular. Publicações como **Inéditos** desafiam nosso marasmo cultural. É óbvio, mas precisa ser repetido a cada momento. (WN)

Índice

- 3 — II Concurso Escrita de Literatura: regulamento
- 4 — Prosa: contos de Valdomiro Silveira, Ashokamitran, AntônioGiaquinto, Bia Bracher e Esmênia Simões Almeida
- 11 — I Concurso Escrita de Literatura — Romance: resultado
- 13 — Livro encartado: “Histórias da Terra Trêmula”, de Moacyr Scliar, vencedor (com Roniwalter Jatobá de Almeida) do I Concurso Escrita de Literatura: Conto
- 37 — Poesia: de Paulo Venturelli, Antônio Otávio Cortes Villela e Marília Bessa Zenkner
- 38 — Teoria: “O Percurso em Marcha à Ré”, uma análise da obra de Haroldo de Campos por Mário Chamie
- 42 — Livros: as impressões dos críticos e dos leitores
- 46 — Registro: regulamento do concurso mensal e candidatos
- 47 — Informação: notícias e comentários/Cartas: a opinião dos leitores.

II CONCURSO ESCRITA DE LITERATURA

REGULAMENTO

- 1 — O II Concurso Escrita de Literatura, patrocinado pela Vertente Editora Ltda., oferecerá um prêmio de Cr\$ 5 mil ao vencedor de cada uma das seguintes categorias: poesia, conto, romance, estória infantil e ensaio. Além disso, Escrita publicará como encartes os trabalhos vencedores, desde que não ultrapassem os limites de páginas estabelecidos. Não sendo possível a publicação como encarte, o livro será editado pela Vertente. Neste caso o autor terá direito aos 10% habituais sobre o preço de capa menos os Cr\$ 5 mil do prêmio.
- 2 — Todos os candidatos ao concurso deverão enviar seus trabalhos sob pseudônimo, em quatro vias, à revista Escrita, rua Monte Alegre, 1434, 05014 — São Paulo (SP). Em envelope à parte deverão ser colocados o nome real, o pseudônimo, o endereço, dez linhas de dados pessoais, uma foto de no mínimo 5 cm de largura por 7 cm de altura e os números da carteira de identidade — com indicação do departamento que emitiu e da localidade — e do CPF.
- 3 — Os trabalhos deverão ser datilografados em espaço duplo numa só face do papel, com a média aproximada de 30 linhas de 70 toques cada uma por página.
- 4 — Os trabalhos deverão obedecer às seguintes extensões:
 - a) poesia: mínimo de 40 e máximo de 80 páginas;
 - b) conto: mínimo de 40 e máximo de 80 páginas;
 - c) romance: mínimo de 50 e máximo de 100 páginas;
 - d) estória infantil: mínimo de 10 e máximo de 80 páginas;
 - e) ensaio: mínimo de 40 e máximo de 80 páginas.
 Quando os trabalhos vencedores ultrapassarem os limites acima determinados serão publicados em forma de livro. Portanto, a extensão máxima determinada nas referidas letras não é obrigatória.
- 5 — Independentemente de autorização dos autores, os trabalhos encartados poderão ser lançados, em forma de livro, na Coleção Econômica, da Vertente. Nesse caso, além do prêmio, seus autores receberão, pois, 10% de direitos autorais sobre as vendas efetuadas.
- 6 — Os trabalhos deverão ser entregues nos seguintes prazos:
 - a) poesia: até 31 de março de 1977;
 - b) conto: até 30 de abril de 1977;
 - c) romance: até 31 de maio de 1977;
 - d) estória infantil: até 30 de junho de 1977;
 - e) ensaio: até 31 de julho de 1977.
- 7 — As datas prováveis para publicação dos trabalhos vencedores como encartes da revista Escrita são as seguintes:
 - a) poesia: em julho de 1977;
 - b) conto: em agosto de 1977;
 - c) romance: em setembro de 1977;
 - d) estória infantil: em outubro de 1977;
 - e) ensaio: em novembro de 1977.
- 8 — Para publicação dos trabalhos vencedores em forma de livro, a Vertente Editora se reserva o prazo de um ano a partir da publicação do resultado do concurso.
- 9 — Para cada categoria serão dados um 2º e um 3º lugar. A Vertente se reserva o direito de opção, para publicação, sobre esses originais, por 180 dias após a divulgação do resultado do concurso relativo da cada categoria, seja como encarte da Escrita, seja em forma de livro.
- 10 — Na eventualidade de publicação como encarte de livros classificados em 2º ou 3º lugar, o autor receberá Cr\$ 2 mil de prêmio.
- 11 — Os originais apresentados não serão devolvidos.
- 12 — Os casos omissos serão resolvidos pela direção da revista.



RESIGNADO



Valdomiro Silveira

— Ansim que dobrei o morro e cai naquela meia chapada (o sol já 'tava esmorecendo, a sombra vinha resbalando p'ro morro abaixo), topei c'uma coisa à toa, uma coisa de nada, mas porém que me fez o coiração dar um balanço forte.

Ora o que não haverá de ser? Um passarinho, o pobre d'um tietê, que parava entre as folhas d'uma embaúva e cantava suzinho a sua cantoria meia chiada, que em tal hora me pareceu muito triste. Reparei em roda de mim umas duzentas braças, não vi ninguém, ninguém: inté penso que, afora eu e a avinha, faz muito tempo que não hai quem tenha corage' de se aventurar p'r aqueles ermos.

Sentei numa pedra escura, que tinha limo esverdeado e feio, e peguei a 'maginar neste mundo de barafunda que tem sido a minha vida, de certos meses p'ra cá: alegria não me chegou

nenhuma, tristeza não me tem fartado, trabalho tenho tido em demasia... e arriba de tudo p'ra me deixar nas toeiras d'uma vez, a lembrança d'aquela tirana, que não me larga um instante.

O tietê, a mó' que troceu a língua, ou não sei o que: ficou mudo de repente, virou a cabeça p'ra abaixo quaji que rodou da arv'e, e enrufou o corpo inteiro, de repente, como quem 'garrou a pensar amargurado e não tem ânimo de tirar mais o sentido d'aquele pensamento de tanta malinco-nia.

“Uiai! Tietê cantador (foi o que me veio na mente, aí nessa hora), pois você também 'tá vendido desse feitio? você também tem seu rabicho? você também 'tá só e desamparado? Não seja bobo: se uma não quis ouvir sua cantiga, hai outra, e hai outras ainda, a terra anda cheia de amor e tem que sobejar argum p'ra você, como p'ra



tudo o resto dos que véve' espalhados p'r esses centros de chão! Arvore o vôo, enquanto a noite não fecha, campeie o seu fado, que o seu fado com certeza não é ficar pinchado nessa folha, suzinho e Deus, ver eu que só tenho por mim a minha sombra, e isso mesmo mal e mal!"

— Passou uma arage', não houve ramo que não bulisse, a embaúva estremeceu de alto a baixo, e a coitada da avinha sumiu entre o meio das folhas, quando as folhas se ajuntaram, depois alevantou a cabeça, empapuçou o pescoço e cantou outra vez uma temporada. A arage' foi-se embora, a noite veio chegando: e umas par' de estrelas já 'tava' mexe-mexendo no fundo craro do céu.

Estudei aquela avinha, enquanto o dia foi dia; vi bem que não saiu do canto onde 'teve cantando: achei que a arage' era soturna demais, não tinha uma risada de fonte que se esborrifa, nem a boniteza de uma flor que cheira no entrançado da cipoama: tirei de mim p'ra mim que o passarinho inda era mais desinfeliz do que eu.

Quem me queria não me quis mais, isso é verdade, andou-me armando a ingratitude mais negra que eu tenho visto; não piso num palmo de terra meu, isso é verdade; não encontro na minha estrada uma cara que sirra p'ra mim com amizade verdadeira, isso é verdade: mas porém, quando eu quero, enrolo os meus tilangues, vou fazer o meu empreito lá da outra banda do rio, lá da outra banda do morro, afundo no mato velho, derreto

no sertão, fico morto p'ra quem fica e vivo só pra mim mesmo.

Agora a noite já tapou de tudo, a única luzinha que me alumeia é a claridade das estrelas e um pouco do branco do crescente; não me chegou alegria nenhuma, não me farta tristeza, 'tou como dante', ou quaji: mais ou menos vou rompendo, vou seguindo, levo o meu coiração amargurado p'ra lavar noutros ares, e pode bem que os outros ares um dia me lave' de-reito o meu coiração...

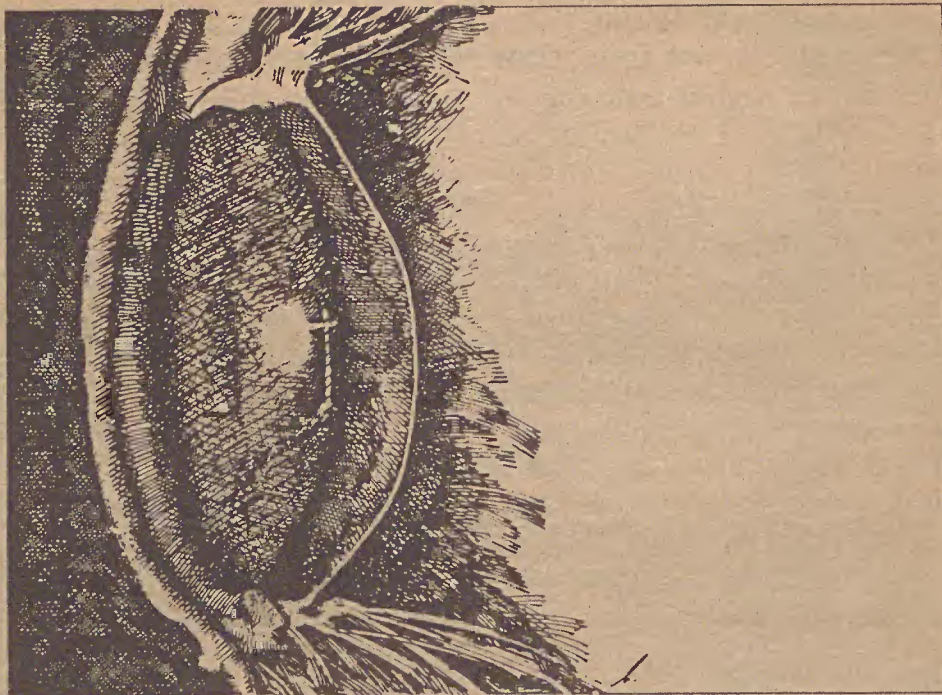
E o pobre do tietê? Ficou tranca-do porque quis e foi seu gosto, naquela folhage', naquela arv'e sem alegria, naquela chapada temerosa. Tem muita dor, e não abre; desesperou, e não foge; 'tá morre-não-morre, e percura a vida. Si é certo que eu carrego comigo a minha malinconia, ela vai arejando e mudando de figura, p'r o sol e p'r a chuva, p'r o vento e p'r as tempestades: talvez inda vire narguma coisa bem deferente, de menos tristura e de mais consolo, alguma coisa assim como uma sodade bem antiga, de bem longe, de muito bem.

Eu, antão, hei de sentir alívio no coiração, sussego de alma, felicidade... Felicidade, pode ser que não, mas contanto que o sussego e o alívio eu hei de ter, tão certo como sem dúvida: e um filho de Deus, que já viu o inferno de tão perto como eu ando vendo, inda é tão ambicioneiro que queira mais? O mais é à toa, não vale muito pra quem já não espera nada — e sabe que esperar por alguma coisa é ter o desengano como fim de tudo!...

Considerado por muitos como o criador da literatura regionalista no Brasil e por outros como um escritor que soube, com rara sensibilidade, aproveitar-se do folclore e das manifestações de cultura espontânea do brasileiro. Valdomiro Silveira nasceu em 1873 na cidade de Cachoeira Paulista e morreu em Santos em 1941. Juiz, advogado e homem público, seus contos traduzem — num típico linguajar regional-rural — as experiências e maneiras de agir, sentir e pensar do nosso homem, particularmente do paulista, do "caboclo". "Resignado" pertence à coletânea "Leréias (Histórias Contadas por Eles Mesmos)", cuja 1ª edição é de 1945 pela Martins e a 2ª, de 1975, pela Civilização Brasileira.



A IRMÃ CEGA



Ashokamitran

traduzido do inglês
por Hamilton Trevisan

O portão rugeu quando meu filho o empurrou e eu vi a garota que se encolhia para lhe dar passagem. Depois que ele o lançou para trás e disparou a caminho do escritório, a garota fechou delicadamente o portão e veio ao meu encontro, na varanda. Carregava uma grande sacola de couro e eu logo gritei: "Vá embora. Vá embora. Não há ninguém em casa e estou sem dinheiro algum."

Mesmo assim, ela disse: "Vim fazer a demonstração de um novo sabão em pó."

"O quê?"

"Um novo sabão em pó. Com ele, pode-se lavar roupas, limpar utensílios, vidraças, pisos, sanitários, móveis e até carros."

Lembrei-me de um nome e perguntei-lhe: "É esse?"

"Não, não. Este é um novo produto introduzido no mercado há duas semanas apenas. É um novo sabão em pó neutro com o qual até as roupas mais finas e caras podem ser lavadas sem esforço e com segurança. A espuma produzida por este sabão em qualquer tipo de água, mineral ou natural, quente ou fria, penetra no espaço entre a sujeira e o tecido, separando-os completamente. As roupas duram mais, quando lavadas com este sabão. Panelas e talheres ficam brilhando e o sabão remove toda a poeira e gordura do assoalho em questão de segundos. Ele atua praticamente dissolvendo a sujeira. Não é preciso bater as roupas, nem esfregar panelas e assoalhos. Além de roupas e utensí-

lios, ele também lava vidraças, pisos, sanitários, móveis e até carros. Por favor, traga-me um pouco d'água."

A garota tirou da sacola uma pequena caixa de papelão. Era uma jovem franzina, de pele escura, e estava visivelmente cansada. Com a caixinha na mão, tornou a dizer: "Por favor, traga-me um pouco d'água e algumas peças de roupa. Mostrarei como lavar com este sabão."

"Sabemos como lavar nossas roupas. Me dê três amostras. Há três famílias vivendo aqui."

"Por favor, traga-me um pouco d'água. Este sabão tem de ser usado de maneira especial."

A garota falava de um modo suave, mas com irresistível convicção. Como se estivesse apresentando uma mágica, aplicou o polegar numa das extremidades da caixinha e abriu-a instantaneamente. Como fumaça, um pouco do pó escapou pela abertura. A garota ficou esperando, a caixinha suspensa em sua mão.

"Quanto é que eles lhe pagam?" perguntei a ela.

"Perdão?"

"Quanto é que lhe pagam?"

"Eles nos pagam cem rúpias, mais uma diária de quatro rúpias pelo trabalho de campo."

"Você trabalha na rua todos os dias?"

"Temos trabalho de campo quatro dias por semana. As quartas-feiras, fazemos nossos relatórios. Assistimos também às aulas de demonstração e participamos da reunião semanal."

"Então deve estar ganhando mais de 170 rúpias por mês!"

"Depende. Não é possível economizar a diária toda. Temos de visitar vinte casas por dia. Café, lanche e outras despesas consomem às vezes mais de quatro rúpias."

"Você fez o curso colegial?"

"Sou formada em ciências humanas."

"Oh, formada em letras! Muito bem."

"Por favor, traga-me um pouco d'água."

"Há quanto tempo está nesse trabalho? Dois anos?"

"Não, não. Fui contratada há seis meses apenas. No começo eu trabalhava na seção de cosméticos, mas este mês eles me transferiram para o setor de detergentes."

"Não sei se posso lhe perguntar. De que religião você é?"

"Somos cristãos."

"É o que eu pensava."

Por um momento, ficamos em silêncio. A garota foi quem primeiro tornou a falar.

"Éramos hinduístas a princípio mas nos tornamos cristãos. Por favor, arranje-me um pouco d'água. Esta é ainda a quinta casa. Já são onze horas."

"Não será preciso. Me dê três amostras. Há três famílias morando aqui."

"Estão todos em casa? Eu mesmo falarei com eles, se me permitir."

"Não. Sairam todos. Darei as amostras para eles."

"Não pode me arranjar um pouco d'água?"

"Está bem. Kamala! Kamala!"

Passado um instante, tornei a chamar minha filha: "Kamala!"

"Por que está gritando? O que é que você quer?" perguntou ela de dentro da casa.

"Traga um pouco d'água no balde pequeno."

"Pegue você mesmo."

"Há um pessoa aqui que vai nos mostrar como lavar as roupas."

"Faça o que bem entender. Não posso me levantar."

Olhei para a garota-sabão com o canto dos olhos e a surpreendi concentrada na leitura das legendas de uma folhinha de parede. Disse-lhe: "Por favor, sente-se. Vou buscar um pouco d'água."

"Não se preocupe comigo."

Trouxe um balde cheio d'água. A garota tirou-o da minha mão e bateu a caixinha meia dúzia de vezes sobre ele. Em seguida, mergulhou a mão na água e agitou-a bastante. Depois que o pó se dissolveu completamente, ela revolveu a superfície do líquido. Em pouco tempo o balde transbordava de espuma.

"Agora traga uma peça de roupa que precisa ser lavada."

"Tem um sári."

"Um sári?" A garota refletiu um instante, depois perguntou: "De quantos metros?"

"Nove."

"Nove metros!" Depois de nova pausa, ela disse: "Esta bem. Pode trazê-lo."

Quando me afastava para ir buscar o sári, ela acrescentou: "E traga também um balde maior, por favor."

A garota transferiu o líquido para a vasilha maior e nela mergulhou suavemente o meu sári. Enxugou a testa e disse: "Para lavar algodão, lã, náilon e seda, devemos colocar uma colher e meia de sopa em meio balde de água quente ou fria. Após agitar bem para formar a espuma, temos de deixar a roupa de molho cerca de quinze minutos."

"Você é casada?"

Por um breve instante, uma sombra de censura cruzou o rosto da garota.

"Não," disse ela.

"Em sua comunidade, não são os pais que decidem o casamento, é verdade?"

"Não. O casamento normalmente é acertado pelos pais, exceto em alguns casos muito raros."

"Você tem de ir à igreja todos os domingos, não é?"

"Sim. Mas podemos ir nos outros dias também. Tem gente que vai todos os dias."

"Nós vamos ao templo na sexta-feira e nos dias de festa."

"Também já fui muitas vezes ao templo na sexta-feira."

"Mas você não disse que era cristã?"

"Nos nos tornamos cristãos. Somos cristãos há apenas cinco anos."

"Verdade? Por quê?"

Tive a impressão de que ela estremeceu. Dirigiu-me um olhar inquisitivo e respondeu:

"Muitos anos atrás, minha irmã ficou cega de repente."

"Oh!"

"Tinha dez anos e eu estava na décima série. Morávamos na cidade velha de Sivaprakasam e papai era professor do colégio. Uma noite choveu muito, com relâmpagos e trovões. Na manhã seguinte, quando nos levantamos, minha irmã não podia mais enxergar. Tinha ficado cega."

"Como? Foram os relâmpagos?"

"Ela não soube dizer. Minha mãe ficou em prantos durante meses e meu pai levou minha irmã a inúmeros médicos, chegando inclusive a interná-la num hospital. Mesmo assim, ela continuou sem enxergar."

"E daí?"

"Nada podia ser feito. Vivíamos chorando o tempo todo, minha irmã era uma menina tão bonita e gentil."

A garota falava friamente, como se estivesse narrando uma velha fábula.

"Que tristeza! E daí?"

"Ficou cega durante três anos. Papai se aposentou e meu irmão mais velho foi trabalhar em Madurai. Eram quase onze horas da manhã. Estávamos sozinhas em casa — eu, minha mãe e minha irmã. Um velho bateu à porta e pediu um pouco de comida. Imediatamente, minha mãe trouxe-lhe um pouco de arroz e manteiga. Ele sentou-se e comeu. Não poderia saber nada a respeito de nós, nada lhe dissemos, mas ele falou para minha mãe: "Louve o nome de Karthar e haverá luz outra vez."

"O que é que ele disse?"

"Karthar. É uma palavra da língua tâmil. É Jesus Cristo. Karthar significa aquele que faz."

"Aquele que faz?"

"Sim. Nosso Senhor tudo faz. Ele é o único que faz."

"Quem era o velhinho?"

"Até hoje não sabemos. Disse-nos para louvar o nome de Jesus e se foi. Papai era contra, mas eu e minha mãe louvamos o Seu nome em segredo, porque desejávamos que minha irmã recobrasse a visão, fosse como fosse. Ele foi misericordioso. Em seis meses minha irmã começou a distinguir os objetos. Então papai também começou a louvar o Seu nome. Antes que um ano se passasse, minha irmã recuperou totalmente a visão. E todos nós

nos tornamos Cristãos."

Ficamos longo tempo em silêncio. Súbito, a garota lembrou-se do sári que estava no balde.

"Agora já se pode espreme-lo um pouco."

"Como está sua irmã?"

"Ela vai muito bem. Estuda para ser professora primária. Este é o último mês do curso."

"Tornou a encontrar o velhinho alguma vez?"

"Não, nunca mais o vimos depois daquele dia. Mas agora nós temos Jesus. Onde é que eu posso enxaguar o sári? Não creio que haja água na torneira. Vocês tem um poço?"

"Não se preocupe. Cuidarei eu mesmo disso. Kamala!"

"Por favor, não a perturbe. Posso enxaguar-lo para você. Onde está o poço? Se fosse uma peça pequena, poderia ser lavada e enxaguada aqui mesmo. Mas é um sári."

"Não se preocupe. Eu cuido disso."

"Bem, eu poderia fazê-lo. Use, por favor, bastante água para enxaguar. Só assim obterá o melhor resultado. Este sabão em pó praticamente penetra no espaço entre a sujeira e o tecido, isolando-os por completo. As roupas duram mais porque este sabão em pó não reage quimicamente à composição dos tecidos. Aqui está uma amostra grátis. Dá para lavar de quinze a vinte peças."

"Está aberto."

"Sim. Nós o abrimos na sua frente e demonstramos como usar o sabão. Não distribuimos amostras fechadas. Por favor, leia isto com atenção. São instruções muito úteis."

"Sei ler somente em tâmil."

"Estão escritas em tâmil. Aqui está um cupom-brinde. Com ele você poderá comprar uma embalagem econômica com vinte e cinco por cento de desconto. Por favor, use o sabão em pó exatamente como eu ensinei."

"Me dê mais duas amostras. Há duas outras famílias morando nesta casa."

"Tentarei voltar aqui outro dia e falar em eles. Qual é o número desta casa?"

A garota fechou a sacola.

Notei que o portão, também dessa vez, não fez o menor ruído. A garota se foi. Levantei-me e fui guardar a caixinha de sabão na prateleira da cozinha. Depois, apanhei os dois baldes e fui até o poço repassar a roupa.

Ashokanuran/J. Thyagarajan

Nós convivemos durante quase um ano, na Universidade de Iowa, durante o International Writing Program de 1973/74. Por isso, prefiro escrever esta pequena nota em tom quase pessoal. Thyagarajan é meu amigo, embora possivelmente jamais nos encontraremos: ele vivendo, lá em Madras, uma vida de pobre, de santo, de personagem de Hermann Hesse; e eu aqui no Brasil. Quando nos despedimos, ele me abraçou emocionado e me entregou um elefantezinho esculpido em madeira, que tenho até hoje. E disse: "God bless you". (Ele é religioso.)

Mas o que interessa é o escritor Ashokanuran, que é como ele assina seus contos e livros. "Escrevo em tâmil, porque alguém precisa escrever na língua do meu povo. Depois, passo para o inglês", me dizia ele. E é só através do inglês que podemos entrar em contato com esse escritor curtido, vivido, sofrido, e ao mesmo tempo com alguma coisa de Checov, um Checov do sul da Índia. Um de seus livros se chama Dissolving Images (Karainda Nizhagal), e é um romance. Tem contos publicados (alguns prontos) em dezenas de revistas da Índia. (Fica a sugestão para alguma editora inteligente: a reunião desses contos resultaria num livro incrível. Posso servir de intermediária.)

Thyagarajan vive em Madras, com a mulher e três filhos, sobrevivendo de biscates, que vão desde um trabalho em cinema ou em publicidade até a venda dos seus contos. (Flávio Moreira da Costa)

O DRAGÃO DE MOFO

Antônio Giaquinto

Paulista, 22 anos, Antônio Giaquinto ainda não tem livro publicado. Mas um conto seu — "Para Se Comer Cerejas" — foi incluído na coletânea "Assim Escrevem os Paulistas", reservada a inéditos, da Alfa-Omega.

Seguia por uma avenida ornada com palmeiras velhas, tal e qual um braço de músculos distendendo-se pelas calçadas. Era tarde e àquela hora havia silêncio, um desalarde calmo e gelado que pressupunha o correr de mais algumas horas. Agora, porém, tudo estava deserto e silencioso, a avenida, as palmeiras. As solas de seu sapato começaram a rabiscar uma estranha melodia no asfalto cru, passo a passo em contraponto com a solidão.

Dobrou a esquina e se deu numa viela estreita e esburacada, de casas iguais e brancas com bicicletas junto aos portões. A sola de seu sapato tlaquetaqueava no escuro e acordava os cachorros, aborrecidos pela noite que nunca findava. Desejou luzes e festas na rua, um carnaval de improviso, bebidas, qualquer coisa assim, capaz de calar o tlac-tlac de seus pés solitários. No céu, estrelas.

Foi entrando em qualquer uma daquelas casas brancas mergulhadas no beco. Parado na varanda sentiu um cheiro forte e acre como hortelã, igual aos armários descobertos na infância lotados de surpresas e prazer. Pelo vão da porta não conseguiu distinguir luzes. Hesitou mais uma vez tomado de medo. A um toque no trinco a porta imitou as pernas das prostitutas loiras, um ranger esqualido e nada mais. Escuro.

Aos poucos os olhos tomaram a cor de breu e delinearam contornos. A sala parecia ser a mesma de sempre, menor do que nunca ela tinha sido. Móveis espalhavam-se por todos os cantos, na parede as fotos penduravam-se como estranhas aranhas grávidas. Mesmo no escuro a sensação de segurança emanada da limpeza brilhava nos móveis. Esbarrou na estátua junto à janela.



— Afinal você veio.
Da sombra a voz de mulher, calma e rouca.

— Como vai?

— Pensei que não viesse.

Silêncio. Seus olhos mais acostumados distinguiram no sofá pufado a cabelereira branca e o contorno da cabeça, ainda a mesma cabeça alongada e magra. Provavelmente seriam os mesmos também o perfil, o nariz reto, os olhos fundos...

— Há bebida no armário, sirva-se de um gole.

Encheu o copo de licor e sentou na cadeira velha, balanço de pó e mofo, a sua cadeira. Sentia perto de si a respiração forte e curta da velha. Seus dedos lembraram de escorregar pelas nádegas da companheira e retirar o suor pesado como naquela vez no hotel, a primeira vez. Passou a mão pelas calças tentando secar a pele, livrar-se de todas as vezes que tinha grudado seu corpo ao corpo magro da mulher.

— Dez anos depois e cá estamos nós de novo na sala, calados!

Bebeu do licor sem saber o que responder.

— A casa está bonita.

— E você não mudou nada

— Tampouco você

— Ora, as rugas

— Não se notam

— Como em você

— Eu estou acabado

— Eu também.

Acabar-se, descer até o chão, viver inutilmente buscando a vida até chegar uma hora que os lábios

se fecham para o passado e o desejo é cuspidado pela pele.

— A menina casou?

— Qual nada, vive solta por aí, não pode nem ouvir falar em casar.

— Não?

— E eu também fico quieta, afinal ela é livre e comigo pelo menos muito carinhosa. Ficou bonita, lembra muito você...

— Perguntou de mim?

— Pensa que está morto, de desastre.

Viu na mente carros se chocando, gente misturada à fumaça e seu corpo no chão, retalhado em cruces.

— Está dormindo?

— Como um anjo.

Teve um desejo enorme de vê-la, tocar seus cabelos e sussurrar no ouvido que era papai, que não havia morrido.

— Como foram esses anos, felizes?

Bebeu mais um gole do licor. Esses anos, dez anos que ela fala como se fossem horas, um pulo até o bar para falar com os amigos e pronto!. De novo a cama quente e o cotidiano das nádegas.

— Nem sei...

— Ao menos parou de fumar.

Havia até esquecido que fumava, tanto tempo... Tanto tempo e essa vontade de falar de tudo, dos anos, das coisas, dos loucos, tentativas, fracassos...

— E você, foi feliz?

— Talvez sim, talvez não. Estou em paz comigo, tentei viver todos os dias como o penúltimo e agora

me vejo pronta para ele. Às vezes, à noite, sozinha no quarto, a raiva do mundo era tanta que eu chorava; depois tudo passava na cozinha, na televisão... Mas era feliz quando lembrava do passado.

Passado, a coisa só nossa onde ninguém tem o direito de mexer ou de brincar. A lembrança que ele tinha esquecido.

— Mas senti sua falta... dentro de mim, me abrindo toda, sendo a faca de ouro no meu céu de enxofre, como na primeira vez, no hotel, quando sentia que você me dava os seus anjos e eu já não era mais um balão oco, um gás perdido no ar. Eram as noites do desespero, o sangue fervia nas cobertas, a cabeça parecia girar entre as paredes, eu desejava você...

A filha, como um anjo, dormia em cima, no quarto.

- Eu também senti sua falta
- Por que não veio
- Tinha sede de ódio
- Eu dava de beber
- Não podia
- Não devíamos é ter feito
- Talvez
- Podia-se evitar

- Nem tudo
- Ao menos rever-se às vezes
- Seria pior
- Penetrar-me e sair
- Seria injusto
- Até o fundo
- Não.

Um resto de claridade veio tímido se alojar no colo da mulher. Ele reviu o rosto esquecido, belo e apagado, os olhos fundos cheios de cansaço, a espera. Deixou-se falar pela angústia-pelo medo.

— Hoje estamos juntos de novo, eu voltei como prometi.

Suavam-lhe as mãos.

— Não, não estamos juntos, você voltou e eu lhe esperei, mas não estamos juntos de novo.

— Poderíamos estar, se quiséssemos.

— E a poeira dos móveis? Grudou-se às minhas pernas e está como cola, não conseguiria abri-las, voltar.

— E o passado?

— Passou, como o orgasmo também passa...

— Eu ainda tenho a faca

— Que é dos anjos, não nossa

- Penetrar-te e sair
- Não posso
- No fundo
- Seria doloroso
- Ao menos tentar
- Injusto
- Eu lhe amo
- Eu também.

O dia vinha de longe e rajava no rosto da velha. Seria inútil continuar. Levantou-se da cadeira o pó voou até seus olhos. A velha, como da primeira vez, continuou impassível.

- Daqui a dez anos talvez
- Daqui a dez anos talvez

Despediu-se com um aceno. Atravessando a varanda pensou na filha, na filha que não tinha, como da primeira vez restava apenas o suor das nádegas na mão quente.

Na avenida o sol alisava as palmeiras. Homens começavam a passar com pressa e faziam barulho. Com as mãos molhadas cobriu o rosto: dentro de si um dragão de mofo remexia-se como a vida.

O TREM DA MEIA-NOITE

Bia Bracher

A paulista Bia Bracher tem 15 anos, cursa o 2º grau e mora em Brasília há pouco tempo. "A respeito de contos", confessa, "uma vez escrevi: Tudo em um só contexto para formar a situação do momento. Ou se criam palavras e através delas vai se descobrindo a situação, ou se cria a situação e as palavras não correspondem a ela. Frases soltas em um papel branco é a situação, é o contexto e o texto."



O trem da meia-noite partiu sem nenhum passageiro para lugar nenhum. Sua missão principal era a de levar um vazio imenso para os corações superlotados de emoções e angústias inexplicavelmente belas. Aquele vazio iria acalmá-las um pouco, iria distanciá-las das explicações e dos raciocínios lógicos e estúpidos. Iria deixar que elas sentissem aquele monte de emoções e angústias sem ter a terrível obrigação de explicá-las.

O trem simplesmente partiu, e isto não queria dizer absolutamente nada. Parava em todas as estações para coisa alguma. Ninguém o dirigia e não havia trilhos de ferro que o guiassem. Seu rumo era simplesmente seu rumo, o vazio fazia com que ele se movesse para todos estes lugares que o raciocínio não permite que existam. Seu barulho era desagradável, era o barulho do não saber. Era o barulho das coisas que se movem e que existem mas que não são explicadas. Elas simplesmente existem e esta é a sua única beleza.

I. imagens

Quadrado azul do quarto, no escuro. Roupas suadas jogadas sobre a cabeceira da cama. Cheiro de sabonete, de sabor, de suor e inquietação em cada aresta. Ave-Maria de Bach. Dreher com gelo. Não! Martini com uma cereja. É mais suave. Um rock. Pááára! Desliga essa televisão! Nãããooooooooo!...

..... é no silêncio que se forjam as idéias puras, as grandes idéias. Reflexão. Silêncio. Paz. Quem disse que ainda existe calma? Quem disse?

O quarto azul é como um estádio de futebol onde todos querem entrar pra assistir o jogo e xingar o juiz. Como gritam!... Marinho, vai, droga! Vai! O Bota já ganhou pra esses times de merda! Cartão amarelo pra ele, juiz ladrão! Bicha! Bicha! Bicha! Eh, deixa o livro na estante! Estão distribuindo panfletos de propaganda política no meio da rua. Tô com uma dor de cabeça dos diabos!

engraçado... parece que tocam violino. Ah! São os gatos. Eles sabem tocar?!...

Como são doces os gatos. Fazem do amor uma orquestra de mios ao luar. Cio. Mio. Ociografia. Filosofia. Economia. Futurismo. Modernismo. Histerismo. Homossexualismo... Tanto io, tanto ia, tantos ismos por aí! Que vida besta, meu Deus!

II. acontecidos

Hoje, quando Mariana se levantou, encontrou no seu travesseiro um bichinho de pelúcia. Era uma gatinha angorá, de olhos piedosos. Apertou-a nos braços, beijou-lhe o focinho e deixou-a enrolada nas cobertas. Foi para o escritório.

A história de Mariana é uma história grande e triste. Prometo que um dia irei escrevê-la todinha. Desta vez só vou contar o que aconteceu a partir do dia em que ela encontrou a gatinha angorá na sua cama.

Certas pessoas, parece, já nascem marcadas pelo destino. É certo que os existencialistas não acreditam nisso. Nem Sartre, nem Simone. Eles afirmam que é o próprio homem o responsável pela destinação de sua vida. Somos nós quem construímos a nossa existência. Isto tudo, fundamentado no princípio de liberdade, característica do ser humano. Rousseau falou sobre ela, na época da Revolução Francesa, mas muitos outros falaram antes dele. Falar, todo mundo fala. Mas só a partir do grito é que atentamos para a força da palavra. A palavra devagar não vibra, nem ecoa; é como vento que passa e a gente nem sente, ou, nem ouve. O grito, sim. Palavra que nasce da garganta e quase faz explodir as cordas vocais; grito de socorro, de rebelião, de alegria, qualquer grito, é bem mais audível. Conheci um homem que, de tanto que gritou, ficou mudo mas, no dia em

INQUIETA VIAGEM



Esmênia Simões Almeida

A autora de "Inquieta Viagem", mineira de Leopoldina, fez pedagogia em Muriaé e estuda letras em Cataguases. Publicou poesias e crônicas em jornais do interior do Estado e classificou-se em 3º lugar no Festival da Canção Popular, de Juiz de Fora, com "Ponto Final" (é autora da letra).

que isto aconteceu, ele ouviu, por todos os lados, o eco da sua voz. Mais de cem mil pessoas repetiam suas palavras. De tanto ouvir seu próprio grito, ele ficou surdo, mas ele ainda podia ver. E viu um navio de homens solitários, desembarcando no cais suas idéias. Viu e chorou, porque tinha lágrimas, e as idéias dos homens eram aleijadas. Eles vestiam calções brancos e tinham cabelo no peito. Suas faces eram duras e seus dentes mascavam fumo.

E a história de Mariana? Ah. Já contei que Mariana tinha uma gatinha angorá. E que Mariana foi para o escritório e deixou o bichinho de pelúcia em cima da cama. Pois é. Quando ela voltou do serviço, a gatinha não estava mais lá não. Mariana não ligou muito, porque bicho não é gente e mesmo porque ela já estava acostumada a perder sempre. Acontece que a gatinha voltou pra beber leite e se enroscou toda entre as pernas de Mariana. Com pena, ela coçou a gatinha e botou um pouco de leite numa tigelinha de ágata. Mariana gostava muito de desenho animado. Já falei que ela tinha chegado do escritório. Tirou os sapatos. As calças compridas. Todo o seu blue jeans. Desabotoou o sutiã e foi assim, só de calcinha, até o seu quarto. A gatinha atrás. Pegou um camiseta nova na gaveta e voltou nuinha, sentindo aquela sensação de bem-estar, de liberdade, de Eva no paraiso. Chico e Betânia na vitrola. "Vem, que eu te quero todo meu. Eu quero a prenda imensa..." O ar refrigerado percorrendo todo o seu corpo nu. Foi na cozinha e botou água pra ferver. A gatinha atrás. Ah, que vontade de tomar café! Pegou o radinho de pilha e foi pro banheiro. A gatinha ficou do lado de fo-

ra. Mariana, já disse, gostava de desenho animado. A angorá também gostava, por causa do Tom. Só que ela chorava muito quando via o Tom sofrendo. Nesta noite, Mariana estava muito cansada. Quando abriu os olhos, viu sua angorá nos braços de Tom. E nunca mais teve notícias de sua gatinha. No outro dia, Mariana se levantou às sete, fez sua automassagem oriental Do-In, escreveu um pensamento na parede do quarto com um pincel incolor e foi para o escritório. Estacionou o carro no lugar de sempre, mas notou que o guarda do estacionamento usava uma farda britânica; o seu carro mudara de cor; não era vermelho, era branco. Ela não era loura de olhos azuis, era morena. Não ligou para isso. Era bom variar um pouco, pensou. Tomou o elevador e subiu sozinha. No corredor, esbarrou numa árvore. Que peste! Agora eles estão querendo transformar os edifícios em jardins suspensos! Por que não pensar antes? Agora que a selva é de pedras querem fazer nascer o verde no concreto! Quando entrou no escritório, ele havia se transformado numa loja de bonecas. Continuou indo todos os dias ao escritório mas, no lugar dele, encontrava um dia uma loja de brinquedos, outro, uma confeitaria; até que derrubaram o edifício e, do escritório, o muito que restou foram escombros.

Mariana estava no seu apartamento e ouviu a voz de sua mãe lá embaixo. Mariana morava sozinha porque não tinha ninguém; sua mãe tinha morrido e ela ficara sozinha, com alguns milhões depositados em sua conta bancária e um apartamento modesto, em Copacabana. O carro, ela comprou depois que começou a trabalhar. Quando Mariana ouviu pela segunda vez a voz de sua mãe, pensou que fosse mulher biônica e pulou do 10º andar, pra encontrar com ela mais depressa. E foi assim que aconteceu. Não se tem mais notícias de Mariana porque agora ela só conversa com a mãe. As duas sempre foram amigas inseparáveis.

III. retrocesso

... engraçado... parece que tocam violino. Ah! são os gatos. Eles sabem tocar?!... Como são doces os gatos. Fazem do amor uma orquestra de mios ao luar. Cio. Mio. Ociografia. Filosofia. Economia. Futurismo. Modernismo. Histerismo. Homossexualismo... Tanto io, tanto ia, tantos ismos por aí! Que vida besta, meu Deus!

O quarto azul é como um estádio de futebol. O juiz é bicha. Todo mundo grita.

Ave-Maria de Bach. Martini com cereja.

... é no silêncio que se forjam as idéias puras, as grandes idéias. Quem disse que ainda existe calma? Quem disse?

I CONCURSO ESCRITA DE LITERATURA

— Romance —

Vencedor: Antônio Possidônio Sampaio ("Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não...")

1ª Menção Honrosa: Ronaldo Costa Fernandes ("Obstinato")

2ª Menção Honrosa: Jaime Rodrigues ("Mingau-das-Almas")

OS TRÊS PRIMEIROS

O baiano Antônio Possidônio Sampaio, vencedor do I Concurso Escrita de Literatura – Romance, publicou quatro livros de 1970 para cá, sempre pela mesma editora, a Ibrex, de São Paulo: "A Arte da Paquera" (1970), "Galeria da Solidão" (1972), "Vendedores de Ilusão" (1973) e "Vamos Empinar Papagaio" (1974). Nascido em Morro Preto, município de Santa Teresinha, em 29 de outubro de 1931, Possidônio mora em São Paulo desde 1949. Aqui cursou os colégios Oswaldo Cruz e Estadual de São Paulo, tendo ainda se formado em direito pela Faculdade de Direito da USP. O autor de "Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não...", que concorreu com o pseudônimo de Amaro Sim, também trabalhou como repórter dos jornais Gazeta Mercantil e Notícias Populares, em São Paulo.

Ronaldo Costa Fernandes, que usou o pseudônimo de Ulysses Maranhão, é maranhense de São Luís, onde nasceu em 29 de agosto de 1952. Seu livro de contos "Os Três Corpos do Acidente", publicado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, obteve menção honrosa no concurso Fernando Chinaglia, de 1974, promovido pela UBE. Tem contos publicados no nº 9 desta revista ("Fita Magnética") e no jornal Movimento nº 44. Formado em letras pela UFRJ, dá aulas de literatura desde o 1º ano. Está traduzindo um livro para a editora Artenova, do Rio, onde reside desde os seis anos de idade.

"Mingau-das-almas" é o primeiro romance do carioca Jaime Rodrigues (pseudônimo Charm), de 35 anos, bacharel em direito, ex-crítico de cinema e ex-diretor de divisão do ex-Instituto Nacional do Cinema. Foi redator de propaganda, editor, autor de textos de diafilmes e tradutor. Agora é funcionário do setor comercial de uma editora. Tem escrito ensaios sobre cinema, literatura e política. Um conto seu foi publicado em nossa edição 10 ("Significado e Conteúdo").

IDENTIFICAÇÃO DOS CANDIDATOS MENCIONADOS

nome	pseudônimo
Antônio Possidônio Sampaio (São Paulo, SP)	Amaro Sim
Danilo Angrimani Sobrinho (São Paulo, SP)	D. Angrimani
Euclides (Pereira de) Castro (Campinas, SP)	Faisca
Jaime Rodrigues (Rio de Janeiro, RJ)	Charm
Luiz Carlos Dolabela (São Paulo, SP)	Lech
Ronaldo Costa Fernandes (Rio de Janeiro, RJ)	Ulysses Maranhão

Justificação dos Votos

1 — Antônio Torres

1 — "O Paradoxo" — D. Angrimani.

Os comerciais coloridos injetam na cabeça do pobre um mundo de fantasia e alienação. Nada de novo — mas o autor consegue ver nele um "alienado". Eu, não. Vi as contradições de uma juventude escrava das grandes promessas que o vídeo anuncia:

mulheres lindas e gostosas, carros fabulosos, o que se sabe. O chamado da grande sociedade em contraponto com a miséria — e essa grande sociedade tratando os miseráveis como simples lixo.

Senti no autor um romancista potencial. São lamentáveis, porém, os seus descuidos no trato do texto em algumas partes, o que chega até a irritar. O livro

COMISSÃO JULGADORA E VOTOS

1 — Antônio Torres

(romancista, representante da revista Escrita no Rio de Janeiro e publicitário)

Vencedor: Danilo Angrimani Sobrinho ("Um Paradoxo", pseudônimo D. Angrimani)

1ª Menção Honrosa: Antônio Possidônio Sampaio ("Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não...", pseudônimo Amaro Sim)

2ª Menção Honrosa: Jaime Rodrigues ("Mingau-das-Almas", pseudônimo Charm)

2 — Gilberto Mansur

(contista, crítico e diretor de redação da revista Status)

Vencedor: Ronaldo Costa Fernandes ("Obstinato", pseudônimo Ulysses Maranhão)

1ª Menção Honrosa: Jaime Rodrigues ("Mingau-das-Almas", pseudônimo Charm)

2ª Menção Honrosa: Antônio Possidônio Sampaio ("Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não...", pseudônimo Amaro Sim)

3 — João Antônio

(contista e jornalista)

Vencedor: Antônio Possidônio Sampaio ("Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não...", pseudônimo Amaro Sim)

1ª Menção Honrosa: Euclides Castro ("Os Desapossados", pseudônimo Faisca)

2ª Menção Honrosa: Ronaldo Costa Fernandes ("Obstinato", pseudônimo Ulysses Maranhão)

ATENÇÃO

O livro vencedor do I Concurso Escrita de Literatura – Romance será publicado como encarte em nossa edição de março (nº 18).

precisa de um bom copidesque. Há, no entanto, páginas e situações verdadeiramente reveladoras.

2- "Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não..." - Amaro Sim.

Desde o princípio, este foi o meu preferido para o primeiro lugar. Mas no final o livro dá uma pequena derrapada - não chega a tombar, é certo. "Sim Senhor, Inhor Sim" tem ótimos achados e prende a atenção. Há, aqui a ali, umas certas obviedades, inteiramente compensadas pela atualidade do assunto - o medo, a opressão, o desespero e toda a insegurança individual neste lado do paraíso. Livro para se ler de um fôlego.

3- "Mingau-das-Almas" - Charm

Formalmente, foi o que mais me impressionou. É um livro muito bem escrito.

Afora estas escolhas, citaria ainda "Obstinato" e "Os Desapossados."

No todo, diria que o concurso não apresentou grandes contribuições, chegando mesmo a causar espanto como a maioria dos concorrentes parece desconhecer os princípios mais elementares da escrita. Há muito desleixo e falta de informação. Alguns originais chegam a dar a impressão de que seus autores nunca leram um romance.

2 - Gilberto Mansur

Com todos os seus "defeitos" - alguns capazes de irritar até um frade de pedra - "Obstinato", de Ulysses Maranhão, é para mim não apenas, e de longe, o melhor romance do concurso, como um dos bons romances dessa nova literatura brasileira.

Os "defeitos" (e a palavra vai entre aspas porque não quero dar um parecer didático, mas apenas uma opinião muito pessoal) prejudicam enormemente a leitura, levando o leitor a tropeçar em jogos de palavras, trocadilhos, excesso de aliteração - tudo, a meu ver, perfeitamente dispensável. Porque as qualidades de "Obstinato" são tantas e tão visíveis e brotam tão espontaneamente que o autor não precisaria se dar ao trabalho de caçar artifícios - que é onde exatamente o tiro sai pela culatra, atingindo o pé do autor e o rosto do leitor. Mas esse ligeiro mancar de "Obstinato" e a neblina espalhada nos olhos do leitor não conseguem destruir nem a elegância e o ritmo do romance e nem a vontade de prosseguir de quem está lendo.

O texto, de um modo geral, é rico e quase sempre sempre flui admiravelmente; a construção é inteligente, profissional. E, acima de tudo, "Obstinato" tem histórias, excelentes histórias de gente de carne e osso, com problemas de sexo, política, droga, com euforias e depressões. E, embora os diálogos nem sempre sejam tão coloquiais quanto se desejaria, nunca deixam de ser verossímeis.

Outra grande qualidade de "Obstinato": um clima, ao mesmo tempo bem brasileiro e bem latino-americano (fato raro na nossa literatura) e uma bem dosada intromissão da fábula no seu realismo contundente.

Como segundo colocado, e levando em consideração apenas o texto, o bom texto, eu votaria em "Mingau-das-Almas", de Charm. O "defeito", imenso aqui, a meu ver, é a monotonia da exposição: é exigir demais de um leitor comum (e foi assim que eu procurei ler todos os romances) que ele tenha paciência e interesse para acompanhar 71 páginas de um monólogo na primeira pessoa. Mesmo assim,

"Mingau-das-Almas" tem força, tem pontos altos e, sobretudo - coisa rara - é bem escrito.

O terceiro é "Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não...", de Amaro Sim (que confirma a linha de péssimos títulos presentes a concurso): um romance que promete muitíssimo no começo e que não corresponde a partir da metade final: decresce assustadoramente, demonstrando uma certa falta de fôlego e uma não menos certa confusão mental.

Fora disso, só me chamou a atenção (além de um texto altamente pornográfico e, por isso mesmo, capaz de chamar qualquer atenção) "O Menino do Estômago de Ouro", de Lech, que tem alguns bom momentos, mas se perde pelo excesso de criatividade. Ou de tentativa de.

3 - João Antônio

Vencedor - "Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não...", de Amaro Sim: O romance do candidato Amaro Sim consegue ser um retrato forte do violento quadro atual de uma parte do Terceiro Mundo, a que o autor denomina América Portucalenses. Trabalhando uma aparentemente desprezível primeira pessoa, num tom de diálogo quase familiar com o leitor, o autor estabelece de pronto um clima, uma tensão, uma atmosfera de grande atualidade em que o medo, a repressão, as prevalências, as anulações da individualidade vão num crescendo de palpável atualidade. Não se poderá negar certa influência de José J. Veiga, salientável quando Amaro Sim trabalha os elementos do grotesco, do patético e do trágico-grotesco (principalmente a força algo "mágica" e justiceira do gato Veludim, que passa a funcionar e valer para os cupins como uma espécie de símbolo da luta pela libertação). Mas a verdade é que, a refletir o mundo conturbado e tumultuário em que vivemos, Amaro Sim trabalha muito mais dentro de uma linha de realismo crítico e o tom supostamente familiar de sua linguagem está, no fundo, a serviço de uma água-forte marcadamente nossa, com traços dramáticos que vão se adensando até os toques sinistros e macabros dos últimos cinco capítulos do trabalho. Sobriedade, um tom livre e irônico, toque de viva tipicidade brasileira, uma visão descar nada de nossa atualidade, principalmente na faixa urbana, e um poder de condução de situações que indicam claramente a presença firme de um escritor que faz de seu instrumento um elemento de denúncia, contestação e alerta. Os quatro últimos capítulos de "Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não..." atestam uma capacidade literária incontestável na condução de situações dramáticas. A qualidade principal desse romance, que talvez se possa chamar de literatura de participação, é um higiênico poder de contensão, que lhe transfere, claramente, uma dignidade de obra séria, também do ponto-de-vista formal.

1ª Menção Honrosa - "Os Desapossados" de Faísca: Um trabalho que, com força, consolida as potencialidades que o gênero ainda tem entre nós. Quadro violento das realidades da luta pelo poder da terra na região da Ribeira.

2ª Menção Honrosa - "Obstinato", de Ulysses Maranhão:

Uma aventura forte sob a ótica de certa tendência do atualmente chamado movimento latino-americano. Mas literariamente bem realizada e com muitas de vivência interior e externa. Força, ritmo, tensão, um romance de muscularidade e humanismo.

HISTÓRIAS DA TERRA TRÊMULA

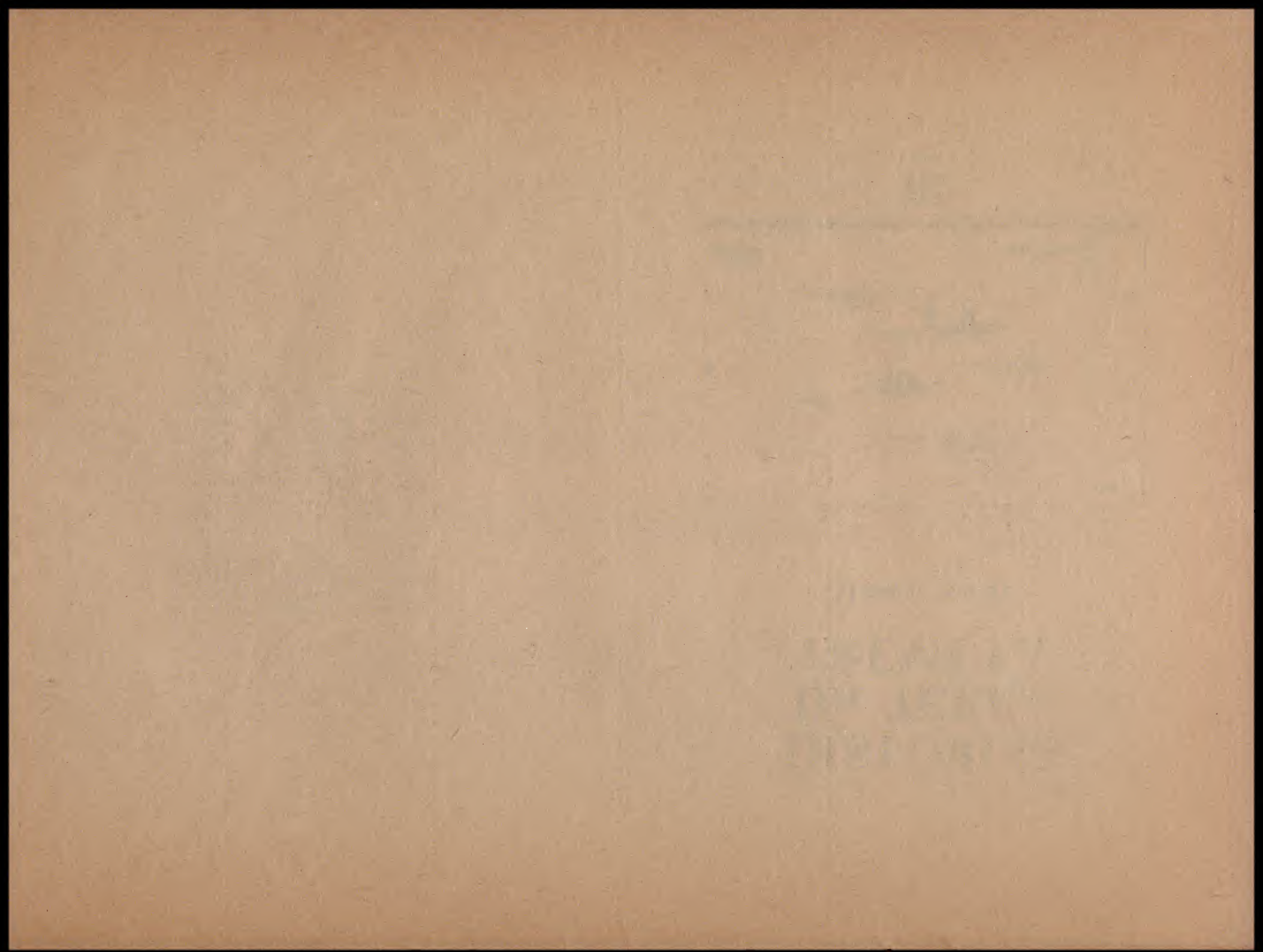
Moacyr Scliar

O gaúcho Moacyr Scliar, que dividiu com Roniwalter Jatobá de Almeida o prêmio do I Concurso Escrita de Literatura – Conto, é médico em Porto Alegre e autor de sete livros, alguns já reeditados: “Histórias de Médico em Formação”, “O Carnaval dos Animais”, “A Guerra no Bom Fim”, “O Exército de um Homem Só”, “Os Deuses de Raquel”, “Os Mistérios de Porto Alegre” e “A Balada do Falso Messias”. Alguns dos contos de **Histórias da Terra Trêmula** foram publicados antes em jornais e revistas.



Vertente Editora





Composição/Impressão
Pat-Publicações e Assistência Técnica Ltda.
Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412
Fone: 853-7461
São Paulo (SP)

HISTÓRIAS DA TERRA TRÊMULA



Coleção Econômica:

- I – Sabor de Química – Roniwalter Jatobá de Almeida – contos
- II – Histórias da Terra Trêmula – Moacyr Scliar – contos

Capa de José Américo Mikas

(c) 1977 by Moacyr Scliar
Direitos desta edição reservados à Vertente Editora Ltda.
Rua Monte Alegre, 1434 – Fone: 62-3699
05014 – São Paulo (SP)

dido. Agora – quem mandou ela ser gulosa e comer tanto, não é verdade? Isto foi um castigo. Mas eu não estou brabo, não; logo a gente vai sair daqui e buscar um médico para ela.

Júlio mais calmo, voltaram ao trabalho, que ia se tornando cada vez mais difícil. O senhor Isidoro teve de construir um sistema de sustentação, à semelhança de usado em minas. Usou para isto a madeira dos móveis. O túnel era tão comprido que ele teve de instalar também uma rede elétrica. Isidoro cavava, os meninos transportavam a carne cortada.

O trabalho levou cerca de doze horas. À noite atiraram o antebraço, furaram a pele e saltaram para a palma da mão. Afastaram os dedos – e viram-se diante da porta! A saída!

Depois libertaram a dona Débora, depois se abraçaram, riram, contavam-se a história uns para os outros, mil vezes.

A história que eles contam é esta.

Eu conto outra história. Sou empregada, sou uma colona do interior, mas sei ler e escrever, sei contar histórias. A história que eu conto é de quatro bichinhos que passeavam pelo meu corpo, me picando, me mordendo, me tirando sangue. Quatro bichinhos que estavam à vontade, como habitantes de uma terra amável. Vão ver, os quatro bichinhos quando a terra tremer. Vão ver que histórias lhes conta esta terra trêmula.



— Deu resultado — gritou o senhor Isidoro. —Cauterizei a ferida. Agora não sangra mais.

Desceu.

— Vamos, Débora. Sobe ali, passa pela abertura, e sai.

— Eu? Mas eu não passo por aí! — protestou Débora.

— Sobe!

Mas a mulher tinha razão. Não passou mesmo, depois de várias tentativas.

— Tu és uma baleia, mesmo! — resmungou o senhor Isidoro.

— Não tenho culpa, Isidoro.

Isidoro avaliava a situação.

— Bom. Vamos fazer o seguinte: eu passo e tiro as crianças, que é o mais importante agora. Depois venho te buscar.

Dona Débora concordou. O senhor Isidoro beijou-a, içou-se pelo pé acima e com algum esforço transpôs o coto do dedo. A primeira coisa que viu foi suas ferramentas espalhadas pelo chão do living. Estivera consertando uma cadeira na noite anterior; ficara com sono e fora dormir, sem guardar o material — apesar das reclamações da mulher. Agora, com as ferramentas, sentia-se armado. Pegou o serrote e brandiu-o no ar gritando para Débora:

— Viste, Débora? Viste como às vezes é bom ser desorganizado?

Isidoro escalou uma coxa de Gertrudes, e olhou ao redor. Como tinha imaginado, o corpo da empregada ocupava praticamente toda a casa. Caminhou sobre o ventre montanhoso, cuja gordura caía em pregas nos flancos. O senhor Isidoro teve vontade de levantar a camisola, para ver como estavam as partes, mas desistiu — a hora não era para sacanagens.

A porta do quarto de Júlio estava bloqueada pelo outro pé. O homem galgou-o com certa facilidade; já tinha adquirido prática e além disto agarra-se nos pelinhos loiros. Examinou o sulco entre o primeiro e o segundo artelhos, cheio de uma sujeira de meses (limpa, ela? Pois sim.). Por ali não poderia tirar as crianças. Este pé, contudo, parecia menor, e não fechava totalmente a abertura. Concluiu que se cortasse a unha do dedão conseguiria uma fresta bastante ampla. Para este trabalho usou o serrote e se saiu bem. Logo as crianças estavam fora; passado o susto, Júlio divertia-se, brincando de escorregador nas coxas da empregada.

Mas o senhor Isidoro estava preocupado. Não tinha meios de sair do living: todas as aberturas estavam bloqueadas. Terei de cavar um túnel no braço, raciocinou, e atingiu a porta da rua pelo corredor.

Neste trabalho foi ajudado pelas crianças. Usaram formão, talhadeira e a lâmina da plaina — e naturalmente o ferro elétrico como cauterio. Gertrudes não reagia aos golpes, embora estivesse quente. O senhor Isidoro imaginava que ela estivesse desmaiada (de fome. Alimentar um corpo destes agora não vai ser fácil), mas não se preocupava. Queria sair dali o mais depressa possível para trazer socorro. De repente Júlio começou a chorar:

— Coitada da Gertrudes! Tão boa, e nós aqui machucando ela! Trouxemos a pobrezinha para Porto Alegre só para fazer mal para ela!

O senhor Isidoro parou o trabalho, tomou-o nos braços sujos de sangue.

— Não, filhinho, não é nada disto. O que estamos fazendo é para o nosso bem e para o bem de Gertrudes. Temos de buscar ajuda, não vê? E depois — a gente não tirou Gertrudes de casa. Ela é que quis vir para a cidade para melhorar de vida, ganhar dinheiro, arranjar um namorado... comer mais. Se não fosse a gente ela teria ficado lá no interior, nunca teria progre-

ÍNDICE

Rápido, Rápido	6
O Preço do Boi Vivo	12
A Juventude É um Eterno Tesouro	13
Praiana	14
Sorte Grande	15
Amigos	17
Hora de Cair	18
O Ladrão	20
Réquiem	21
Imagens	23
Piquenique	24
Repouse em Paz	26
Alvorada Festiva	28
O Emissário	30
Magrinho que Virou Pandorga	30
No Restaurante Submarino	32
A Galinha dos Ovos de Ouro — Perfil Enquanto Moribunda	33
Penas Capital	37
O Último	39
Adivinhação	39
Sonho	40
O Sombra	40
Histórias da Terra Trêmula	41



RÁPIDO, RÁPIDO

Sofro – sofri – de progéria, uma doença na qual o organismo corre doidamente para a velhice e a morte. Doidamente talvez não seja a palavra, mas não me ocorre outra e não tenho tempo de procurar no dicionário – nós, os da progéria, somos pessoas de um desmesurado senso de urgência. Estabelecer prioridades é, para nós, um processo tão vital como respirar. Para nós, dez minutos equivalem a um ano. Façam a conta, vocês que têm tempo, vocês que *pensam* que têm tempo. Enquanto isso, eu vou escrevendo aqui – e só espero poder terminar. Cada letra minha equivale a páginas inteiras de vocês. Façam a conta, vocês. Enquanto isso, e resumindo:

8h 15 min – Estou nascendo. Sou o primeiro filho – que azar! – e o parto é longo, difícil. Respiro, e já vou dizendo as primeiras palavras (coisas muito simples, naturalmente: mamã, papá) para grande surpresa de todos! Maior surpresa eles têm quando me colocam no berço – desço meia hora depois, rindo e pedindo comida! Rindo! Àquela hora,

8h 45 min – eu ainda podia rir.

9h 20 min – Já fui amamentado, já passei da fase oral – meus pais (ele, dono de um pequeno armazém; ela, de prendas domésticas) já aceitaram, ao menos em parte, a realidade, depois que o pediatra (está aí uma especialidade que não me serve) lhes explicou o diagnóstico e o prognóstico. E já estou com dentes! Em poucos minutos (de acordo com o relógio do meu pai, bem entendido) tenho sarampo, varicela, essas coisas todas.

Meus pais me matriculam na escola, não se dando conta que às 10h 40 min, quando a sineta bater para o recreio, já terei idade para concluir o primeiro grau. Vou para a escola de patinete; já na esquina, porém, abandono o brinquedo que parece-me então muito infantil. Volto-me, e lá estão os meus pais chorando, pobre gente.

10h 20 min – Não posso esperar o recreio; peço licença à professora e saio. Vou ao banheiro; a seiva da vida circula impaciente em minhas veias. Manipulo-me. Meu desejo tem nome: Mara, da oitava série. Por enquanto é mais velha do que eu. Lá pelas onze horas poderia namorá-la – mas então, já não estarei no colégio. Ai, me foge o doce pássaro da juventude!

11h 15 min – Saindo do colégio, resolvo dar um passeio pela cidade que não conheço e que nunca chegarei a conhecer – doença braba, esta minha, implacável. Caminho (pelo meu tempo) meses. Chego a uma vila popular. Vejo malocas miseráveis; vejo crianças nuas, sujas. Revolta-me este estado de coisas e choro pela pobre gente; pressinto que todos os latino-americanos são assim e choro pelos latino-americanos. Choro por mim.

12h 15 min – A hora seria de almoçar, mas não tenho fome. Além disto repugna-me comer um pão que não ganhei. E aí, passando por uma tipografia, vejo o anúncio: *Precisa-se de auxiliar*.

Entro. O dono da tipografia está saindo para almoçar. Peço-lhe o emprego; ele me diz para voltar no fim do expediente – à hora em que estarei me aposentando, ou... Insisto: quero começar a trabalhar logo. Coça a cabeça, indeciso. Me dá um serviço: limpar o linotipo.

– Vai fazendo isso aí. Volto daqui a meia hora.

Volta, de fato, mas então já estou cansado dos anos de exploração, do trabalho sem salário. Discutimos, tenta me agredir; é mais rápido que eu,

É para a gente poder passar. Depois traremos socorro, e tudo vai terminar bem. Ouviste?

Um gemido foi a resposta.

– Será que ela ouviu? – perguntou a dona Débora.

O senhor Isidoro consultou o relógio.

– Não sei. Mas não posso perder mais tempo. Vamos começar.

Foi até a janela, quebrou uma vidraça e voltou com um grande caco de vidro.

Tens álcool aí, perguntou à mulher. Muito pouco, ela disse, e ele, que droga! Logo agora que a gente precisava, pediu que ela lhe despejasse o líquido nas mãos. Depois, pediu que ela colocasse uma cadeira ao lado da porta, subiu e ficou à altura do grande artelho. É como casca de árvore – disse, tocando a sola do pé. – Tem um calo enorme aqui, um calo do tamanho da tampa de um bueiro, bem onde eu queria cortar.

Da cozinha veio uma risadinha abafada. Sente cócegas, a coitada – murmurou a dona Débora.

– Vou começar! – gritou o marido.

Tomando impulso, cravou a lâmina de vidro na base do dedo. Um urro fez estremecer a casa! Uma cascata de sangue jorrou sobre o homem! O pé se agitava como um monstro ferido!

– Pára, Isidoro! – gritava dona Débora, horrorizada.

– Agora não posso parar! Agora que comeci não posso parar! Tenho de ir até o fim!

Os gritos de Gertrudes se transformaram num uivo medonho, contínuo. No quarto ao lado Júlio chorava alto.

– Pára, Isidoro!

Cala a boca, mulher!

Cortando sempre, Isidoro chegou ao osso. Para desarticular a falange usou a coluna do quebra-luz como alavanca. Finalmente o grande dedo tombou como um galho quebrado. Uma lufada de ar entrou no quarto.

O senhor Isidoro espiava pela abertura.

– O que estás vendo – perguntou a esposa.

– É bem como eu imaginava – ele disse. – O corpo é enorme, ocupa todo o living. A barriga parece uma montanha. As tetas parecem duas montanhas. Enche a casa, esta mulher.

– Coitada – disse a esposa. – Não fala assim, Isidoro.

Ele examinava a ferida da amputação.

– Continua sangrando. Tenho de dar um jeito nisso. Não posso subir por aqui, está muito escorregadio.

Passou os olhos pelo quarto.

– Aquilo ali não é o ferro elétrico?

– É.

– Bota na tomada. Quando estiver bem quente me dá.

Enquanto o ferro esquentava, ele acalmava os filhos:

– Se acalmem. O papai já vai aí.

De repente se lembrou da empregada.

– Gertrudes!

Nenhuma resposta. Deve ter desmaiado, concluiu. A esposa lhe alcançou o ferro – quentíssimo – e ele o aplicou à superfície sangrenta. Um cheiro de carne assada encheu o quarto. Tu estás fazendo comida, mãe? Estás fazendo comida para nós? – perguntou Júlio. Pobre criança, disse ela, ainda não, filhinho, ainda não estou fazendo comida – daqui a pouco, Julinho, espera só um pouquinho.



comigo — sussurro-lhe ao ouvido. Mas não, não quer casar. Quer lutar.

A porta se abre, o doutor aparece.

— O que se passa aqui? — pergunta, um homenzinho tímido, com voz de ovelha — de ovelha alemã. Largo a minha quase-noiva e entro pela sala dele adentro, levando-o de roldão.

— Desculpe, doutor — vou dizendo, enquanto tiro a roupa — mas sofro de progéria e quem tem esta doença, o senhor sabe melhor do que eu, não pode aguardar em salas de espera.

Me olha espantado, piscando atrás das grossas lentes. Mas (à voz de progéria, certamente) o sagrado espírito do diagnóstico já tomou conta dele; aproxima-se, passa a mão em meu rosto, muito atento:

— Sim... É progéria, realmente... Eu nunca tinha visto um caso, mas não há dúvida: progéria... Interessante...

(Carrega nos erres, pronuncia mal. Não vou corrigi-lo. Tenho apenas o primeiro grau, enquanto ele é um doutor).

— E o que lhe incomoda, amigo? — diz, depois de alguns minutos — meses.

Nu que estou, mostro-lhe a perna. A ferida agora está preta, exala um mau odor terrível. É a gangrena, reconheço. Nunca ouvi este nome, mas sei perfeitamente que se trata de gangrena.

— Gangrena — diz o doutor, abaixando-se. — Interessante... Progéria, gangrena...

Interessante, diz o doutor, e isto me dá raiva. Interessante, duas doenças juntas? E não quer mais nada, safado? Não quer um cancerzinho também? Não quer um derramezinho, não? Mas logo me arrependo. Está a meus pés — um doutor! — e eu pensando mal dele.

— O que é que se faz, doutor? — eu, ansioso. (Mas não aflito, hein? Aflito ainda não. Daqui a pouco, talvez. Agora, só *ansioso*).

— O caso é de amputação — ele diz, erguendo-se. — De amputação.

— Amputa, então! — Eu, a mável e enérgico, desesperado e estóico, calmo e ansioso, sorriso nos lábios e angústia no olhar. — Amputa!

— Como? — Pensa não ter ouvido, ó doutor; é meio surdo (desgraça da qual estou — até agora — poupado). — Como?

— Amputa! Amputa logo!

— Bem... — relufa, ve-sé. — Neste caso vamos ter de providenciar a baixa em hospital, para amanhã, ou talvez...

— Nada disso — atalho. — Amputação agora!

(Frase sintética. Progéricos valorizam síntese).

— Agora? — Força-me a repetir. Homenzinho duro de entender.

— Agora e aqui. Aqui e agora.

— Mas eu não posso... É humanamente impossível...

Olho ao redor. Há um banquinho de ferro que me serve muito bem. Passo a mão nele:

— Ou me amputas ou te mato, velho!

— Mas... — agora está apavorado — e a dor?

— Esquece a dor! A dor é comigo!

Sento-me na pequena mesa cirúrgica. Resmungando, ele espalha iodo na minha perna, coloca luvas de borracha, tira os instrumentos de um armário de vidro e começa.

A princípio dói pouco — é tecido morto que ele corta, tecido que morreu um pouco antes do organismo de que faz parte. Eu, olhando-o trabalhar, eu gracejo, eu solto gargalhadas.

Mais adiante, porém, a coisa vai ficando dolorosa — eu berro, entusias-

nhamos de um filme, *As Aventuras do Sombra*. Produção de segunda categoria do cinema americano. Direção de um Barry Dikes. Roteiro de quem? Já não me lembro. O Sombra era, naturalmente, um grosseiro truque cinematográfico, uma mancha escura de contornos indistintos, vagamente parecida com a figura de um homem de chapéu. Aparecia sempre no lado esquerdo da tela. Dali erguia sua voz contra o crime. Contra a imoralidade. No final, Pamela Archer caía-lhe nos braços. Pamela Archer dissolvia-se, de amor, naquela sombria região da tela. E era o fim.

Projetávamos o filme em silêncio, constrangidos. Que podíamos fazer? Não havia outro... Mas nossos aborrecimentos não terminariam aí.

Uma tarde, chegamos ao cinema e verificamos que as ratazanas tinham roído o filme. Ao projetá-lo na tela vimos que o Sombra já não aparecia: a metade esquerda da película fora destruída. O que se via era apenas o tecido remendado da tela. Pamela Archer abria os braços, dava dois passos e desaparecia no vazio. Um absurdo.

Para evitar que o operador perdesse o emprego, me dispus a fazer o papel do Sombra. Colocado atrás da tela, e iluminado de trás por uma lâmpada, eu nada mais era, na tela, do que uma silhueta de contornos borrados. Como o Sombra.

Noite após noite eu beijava Pamela Archer. Eu agora a via sob um novo ângulo. Um rosto enorme, distorcido, cheio de imperfeições. O cravo, a ruga, tinham ali o seu território. Profundidade, naturalmente, nenhuma. O perfil era apenas uma linha escura, de espessura igual ao tecido da tela. Incompreensível que aquele rosto pudesse despertar, noite após noite, gemidos apaixonados da platéia.

Eu trabalhava duro. Noite após noite eu erguia minha voz contra o crime. Contra a imoralidade.

Não sei... Por causa desse filme, acho, me formei em Direito. Vim para a capital, daqui continuei erguendo minha voz. Mas Pamela Archer nunca mais caiu em meus braços.

HISTÓRIAS DA TERRA TRÊMULA

A nova empregada, é o que eles dizem, tem dois defeitos: come demais e — gozado isto — se queixa dos bichinhos em sua cama. Não se queixa da cama, nem do quarto; se queixa dos bichinhos que não a deixam dormir.

Mas a nova empregada, eles dizem, tem qualidades: é limpa, é trabalhadora, é honesta. Tudo computado, eles estão satisfeitos.

Eles: o senhor Isidoro, dona Débora, e seus dois filhos, o Alberto e o Júlio. Estavam de acordo: muito boa, a nova empregada. A Gertrudes. Uma colona de origem alemã, gigantesca. Trabalhadora, quieta. Do serviço para a cama, da cama para o serviço. (Nem podiam imaginar o que ia acontecer, eles.)

Uma manhã — dois meses depois da chegada de Gertrudes — marido e mulher acordaram com uma sensação de asfixia. As janelas estavam fechadas (era inverno), mas mesmo nos meses frios a porta ficava aberta, para o caso de as crianças chamarem à noite, e também para garantir um mínimo de ventilação. Dona Débora sofria de bronquite asmática.

Aquela manhã, porém, notaram que a porta estava obstruída por uma



A primeira coisa que nota é que os sapatos continuam sujos. Agora é do cimento. Os sapatos continuam sujos! Tira-os. Vai à cozinha, embebe-os em solventes e queima-os. Respira aliviado.

Por pouco tempo. No banheiro, lavando as mãos, nota ao espelho a fina cinza em seus cabelos. Com um murro, destrói o espelho.

Acalma-se. Sorri. E é sorrindo que toma de um gole o vidro daquela coisa que colocou no café da mulher. É barro vermelho? Não, barro vermelho não é. É barro preto? É pó de cimento? É cinza? É veneno para ratos?

SONHO

Martim tem o seguinte sonho.

Vê-se entrando num quarto de dormir. Inclina-se sobre a pequena cama e olha, na semi-obscuridade, a criança que lá está.

A criança é o próprio Martim, aos dez anos.

Contemplando o rosto tranqüilo, as faces rosadas, sente-se invadido por um profundo sentimento de —

De repente, a criança adormecida solta uma risada. Uma risada galhofeira. Um riso de deboche.

Martim se enfurece. De que ri, o safadinho? Que vê, em seus sonhos? Por que não abre os olhos e conta, se é tão engraçado? Não abre os olhos, não conta nada: ri de novo. Enfurecido, Martim levanta a mão para bater.

Não bate. Fica a olhar o rosto calmo da criança. É que acabou de lhe ocorrer o seguinte —

Acorda. A mulher o sacode, olhando-o com suspeita.

— Estavas dormindo, Martim?

— Claro! — Ele, aborrecido, sonolento.

— Mas estavas rindo! — diz a mulher.

— Quem? Eu? — Martim não acredita.

— Tu, Martim. Tu mesmo.

— De que seria? — interroga-se Martim, o triste Martim.

O SOMBRA

Interessado em cinema, e morando numa pequena cidade do interior, eu tinha o maior prazer em ajudar o operador do Cine Esplendor, um senhor de certa cultura, ainda que de modestas posses. Da apertada salinha de projeções víamos os filmes de um ângulo muito original, e mantínhamos interessantes palestras.

O Cine Esplendor era uma casa antiga, decadente, com muitos problemas: as ratazanas da sala de projeção, por exemplo. Corriam de um lado para outro, devorando o que podiam, guinchando. Ninguém notava sua presença. No escuro, os casais se beijavam. Dos banheiros vinham suspiros. A chuva tamborilava nas velhas telhas francesas.

Era em sessenta e dois. Ou três. Chegou uma semana em que só dispú-

mado, ao sentir a estimulante dor. Que coisa boa é estar vivo, doutor — digo, enquanto ele me cauteriza a ferida sangrenta.

Terminando, ele se levanta, vai à outra sala e volta com uma muleta.

— É da minha mulher — diz. — Mas acho que vais precisar mais do que ela.

— Obrigado, doutor — digo, comovido, e peço a conta — só por pedir, pois não tenho dinheiro — não houve tempo para poupança. Ele diz que não vai me cobrar nada, mas acrescenta:

— Se não te incomodas, gostaria de ficar com tua perna. Pretendo pesquisar o metabolismo destes tecidos...

Faz uma confidência: meu sonho, diz numa voz trêmula, era ser cientista. Ainda não perdi a esperança de fazer uma descoberta importante como a causa do envelhecimento, por exemplo. Se eu encontrar o defeito básico da progéria — acrescenta, os olhos brilhando — a humanidade poderá enfim controlar o envelhecimento: a verdadeira Fonte de Juventude!

— Será que até as seis horas o senhor descobre alguma coisa? — pergunto, animado de uma tênue esperança.

— Acho que não — me diz, condoído, mas sincero. Não pode me mentir. Não deve me mentir. — Mas vou tentar. Prometo que vou tentar. Me telefona mais tarde. E agora — consulta o relógio — se quiseres te vestir... Fica à vontade.

Minha consulta terminou, é o que ele quer dizer. Tenho mais o que fazer, pernetá, te manda.

Apanho minhas roupas e, com auxílio da muleta, passo para a sala ao lado. Movo-me lépido: já me adaptei à nova maneira de andar. Impressionante: o que outros levam meses para aprender, eu aprendo em minutos. O que é justo, aliás.

Estou na sala de visitas da casa do doutor. Aproximo-me de um espelho, examino meu rosto com atenção. Noto que o processo de envelhecimento não cessa; ao contrário, parece ter se acelerado nos últimos minutos — meses. As rugas se acentuaram, os poucos cabelos que restavam branquearam, as sombrancelhas tornaram-se hirsutas. A linha das sombrancelhas corresponde aos meandros deste rio que flui por minha cabeça. Ali, nos meandros, se acumula a galharia, as penas perdidas dos pássaros silvestres, os gravetos. Lombo de porco-espinho, lombo sujo de porco-espinho. (Esta comparação não está muito boa. Paciência. Qualquer literato com mais de quarenta anos poderá fazer uma comparação melhor do que a minha. Um dia resolverei este problema.)

— Bonito, o que o senhor fez comigo.

Volto-me. É a mulher do doutor, numa cadeira de rodas; como eu, tem a perna amputada. Me olha com raiva. Sei por quê: estou com a muleta dela.

— Desculpe, senhora — digo, tentando ser amável — para quê? É uma velha; não nos engalfinharemos; e é casada; não casará comigo. Olho o rosto enrugado, estremeço: é o meu rosto que vejo ali. Murmuro qualquer coisa, peço licença e saio.

16h 45min — Já! Tão tarde!

16h 47min — Estou gostando de viver. Paro numa banca de revistas. Capas coloridas com lindas mulheres... Coisa bem boa. Pego um jornal e leio uma notícia: fala em descobertas sensacionais. Médicos americanos.

É se eu fosse para os Estados Unidos?... E se lá eles me curassem?... Seria ótimo, mas — haverá tempo? E o dinheiro? Se eu pudesse apostar na loteria, e se a extração fosse agora, e se eu ganhasse, e se me pagassem logo, e



se eu corresse ao aeroporto, e se eu fretasse um jato particular...

Disfarçadamente, rasgo a notícia, me afasto dali, entro numa agência lotérica.

— Tem alguma extração hoje? — pergunto.

— Às cinco — me diz o homem, olhando o relógio. — E eu tenho o final treze, hein? Aproveita, que eu tenho o final treze.

— Escuta... — Inclino a cabeça em sua direção, mas desisto. Não, não me dará o bilhete de graça, nem eu dizendo que sofro de progéria, nem eu argumentando que tenho os minutos contados. Não: não tem cara de quem dá bilhetes de presente.

Saio à rua. Cada vez me locomovo com mais dificuldade. Não é só a perna amputada; é o insidioso reumatismo que me invade, nesta tarde nevoenta de inverno.

Vejo uma moça diante da banca de revistas. Abre a bolsa, tira um maço de notas. Sem pensar, dou um bote — zás! — arrebatou-lhe o dinheiro, saio correndo — correndo! De muleta! Me agarram logo adiante, três rapazes barbudos.

— Rapazes... — suplico.

A moça vem correndo.

— Moça! — grito. — Me ajuda, Moça! Sou doente!

Um guarda me agarra pelo braço, uma pequena multidão já está formada a meu redor. Velho, aleijado e ainda por cima ladrão — comenta uma velha. Cala a boca, velha — digo, e o guarda me dá um safanão.

A moça se aproxima, ofegante. Não é bonita; usa óculos, tem uma boca muito grande, mas — bem, eu lhe pediria para casar comigo, se tivéssemos nos encontrado em outras circunstâncias... Agora é tarde. Só resta esperar a noite. A moça me olha.

— Acho que me enganei — diz. — Acho que ele não me roubou nada.

Abre a bolsa.

— É. O dinheiro está todo aqui. Me enganei.

O guarda reluta, mas acaba por me liberar, não sem me avisar que na próxima vez eu vou em cana de qualquer jeito. Na próxima vez... Coitado! Não conhece a força da progéria.

As pessoas se dispersam. A moça fica parada, me olhando. Consulto o relógio. São

17h — em ponto. A loteria correu e eu não preciso ser adivinho: deu o treze, lá se foi a minha viagem, a minha cura. Uma vertigem... Ela me ampara.

— Desculpe — murmuro. — É que desde os seis anos não como nada.

Me olha, incrédula, opta por rir. Rimos os dois, ela se oferece para me pagar uma taça com pão e manteiga.

— Se me devolveres o dinheiro — claro, acrescenta. — Rimos de novo, eu lhe devolvo o dinheiro.

17h18 min — No apartamento dela, as roupas sobre a cadeira, a muleta no chão, o coto da perna apoiado no guarda da cama, eu sobre ela, tentando, molhado de suor, eu tentando, gemendo, eu tentando, o corpo todo me doendo, não é fácil na minha idade. Ela me olha. Antes era com amor. Agora também é com amor — mas com piedade também.

Sento-me à beira da cama.

— Não dá?

— Não dá — suspiro.

— Quem sabe?... — Ela, querendo ajudar.

Levanto-me, apanho a muleta, caminho de lado para outro. Me ocorre uma idéia:

— Está tudo bem — diz, e dando o tiro de misericórdia, subscrevemo-nos.

Cordialmente.

O carcereiro.

O capelão.

O soldado da escolta.

Prisioneiros.

O soldado das cordas.

O outro soldado das cordas, seu irmão.

O jornalista.

O oficial.

Um contista. Um contista.

O ÚLTIMO

— Muito bem, Fuinha. Largue a arma e volte-se lentamente.

Fuinha voltou-se. Era Sapo, com um trinta e oito na mão direita.

— Você é esperto, Sapo — disse Fuinha. — Muito esperto. Mas nós somos mais espertos ainda — não é, Grilo?

— Este truque é velho, Fuinha — disse Sapo.

— Muito bem, Sapo. Largue a arma, levante os braços e vire-se devagar.

Sapo voltou-se. Era Grilo, com uma pistola calibre 7.65.

— Você é esperto, Grilo — disse Sapo. — Mas não mais do que nós — não é, Rato?

— Este truque é velho, Sapo — disse Grilo.

— Muito bem, Grilo. Largue a pistola, levante os braços e vire-se para cá, bem devagar.

Grilo voltou-se. Era Rato, com um fuzil Springfield.

— Você é esperto, Rato — disse Grilo, sorrindo. — Muito esperto. Mas não mais do que nós. Certo, Anjo?

— Errado.

Todos se voltaram, surpresos, para o homem de espada na mão.

— Meu nome — ele disse, com um sorriso que gelou a todos — não é Anjo.

ADIVINHAÇÃO

Do enterro, voltando do enterro, ele verifica, contrariado, que os sapatos estão sujos de barro do cemitério. Um barro vermelho, adereante.

Vai até o pátio e com auxílio de uma pequena pá limpa cuidadosamente os sapatos. Entra em casa — e aí vê que os sapatos continuam sujos de barro: desta vez é o barro preto do pátio.

— Que coisa! — resmungou. — Que implicância!

Com um suspiro, volta ao pátio e põe mãos à obra. Com a brita e o cimento que sobraram, consegue cimentar o pátio, que é pequeno. Entra em casa.



– És tu o condenado? – Olha-o nos olhos. Pisca? Pisca.
Robert pára, indeciso. O capelão toma-lhe o braço.
– Vem cá. Vamos conversar um pouco.
– Desculpe, padre – diz Robert – mas eu não acredito.
– É só um instante. Vem cá.
Puxa-o para um lado, obriga-o a se ajoelhar, ajoelha-se também.
Salmodia algo em latim; de repente murmura:
– Tenha confiança. Está tudo arranjado.
O oficial se aproxima.
– Está na hora, senhor capelão.
Erguem-se. O capelão aperta a mão de Robert e desaparece por um corredor lateral.

O prisioneiro é colocado entre os soldados. *Marche* – grita o oficial. Põem-se em marcha, Robert na mesma disciplinada cadência dos militares. E de cabeça erguida. Não tão erguida quanto a dos soldados, mas erguida.

– Pst.
Pst? Quem? Quem fez pst?
– Pst.
De novo! Mas agora localiza: é o soldado a seu lado. Inclina-se para ele.

– Está tudo bem – murmura o soldado, sempre olhando para a frente.
– Compreende o que eu digo? Tudo bem. – Dá uma leve batida no fuzil. – Entendeu? Tudo bem.

Prisioneiros, espreitando pelas minúsculas janelas das celas, divisam um sorriso nos lábios de Robert... Sorriso. Lábios.

Lábios.
Chegam ao pátio da prisão. O céu – são cinco horas, dezesseis minutos e vinte segundos – começa a clarear. O céu – são cinco horas, dezesseis minutos e vinte e um segundos – começa a clarear. O oficial consulta o relógio.

Dois soldados levam Robert para o meio do pátio e amarram-lhe as mãos às costas. Um deles murmura:

– Tenha confiança,
e o outro:
– até agora tudo bem –
Tudo bem, repete o prisioneiro. Bem audível. Tudo bem, diz aos dois soldados, que são muito parecidos. São como irmãos. São irmãos.

Um terceiro soldado se aproxima, com um pano preto na mão.
– Eu não quero... – diz Robert.
– É melhor – atalha o soldado.

Enquanto coloca a venda, sussurra:
– Não tenha medo. Está tudo certo. Ouviu? Tudo certo.

Forma-se o pelotão de fuzilamento. Um jornalista, parado a pequena distância, escreve em seu caderno:

Os soldados estão perfilados. A voz do oficial faz vibrar o ar gelado da manhã. Preparar! – diz ele, e os soldados engatilham os fuzis; mas está tudo bem, tudo certo. Apontar! – grita o oficial. Tudo certo, se o prisioneiro soubesse... Grande angústia transparece no rosto do homem vendado! E no entanto – tudo bem! E é fogo! Agora é fogo!

A descarga.
Robert caído. Um fio de sangue escorrendo da boca, formando uma pequena poça no piso de cimento. O corpo ainda se agita em movimentos convulsos. O oficial se aproxima, examina de perto o moribundo. Puxa a pistola:

Onde é o telefone?

Aí – diz, surpresa. – Mas o que estás pensando...

Pego a lista telefônica. Temo tanto que não consigo virar as páginas Ela tem de me ajudar. Descubro o número do Doutor Sculer, ligo para ele. Ocupado. Torno a discar. Ocupado de novo! Meu Deus, será que *nunca* terei sorte? Por fim consigo a linha livre.

Alô, doutor! – Eu, angustiado. – Ai, doutor, eu tentava e tentava, e o seu número sempre ocupado...

– Era a minha mulher, encomendando uma muleta nova. – O doutor, calmo como sempre. – Mas o que é que manda, amigo? Como está a amputação?

– Doutor! – grito. – Doutor, a amputação está bem, eu é que não estou bem! Doutor, envelheço minuto a minuto! Doutor, estou morrendo! Doutor, o senhor descobriu alguma coisa?

– Eu mesmo não descobri, mas sabe...

– Ai, doutor! – O abismo do desespero.

– Mas sabe – ele continua – que a minha recepcionista estava tomando leite aqui na minha saia – ela sofre de úlcera, sabe – e aí ela deixou cair a úlcera, aliás, o leite, na sua perna, quero dizer – na sua antiga perna – e eu acho, me parece, sabe, que a perna mudou de aspecto, a pele ficou mais lisa, mais acetinada...

– Leite!

Volto-me para a moça – como é o nome dela?, nem sei o nome dela – pergunto, ansioso:

– Tens leite aí, amor?

– Não – responde – não costumo tomar café em casa, de modo que –

Já não escuto. Larguei o telefone, corri para o quarto. Trêmulo, tento enfiar as calças. Caio duas vezes. Por fim, com o auxílio dela, consigo me vestir.

– Rápido! – grito. – Vamos comprar leite!

Olho o relógio; são

DEZESSETE HORAS E QUARENTA E DOIS MINUTOS

– acredito, é uma convicção profunda que eu tenho, uma fé que vem de dentro, uma crença arcaica – que o prazo fatal termina às *dezoito horas*. Temo este número, dezoito. temo os ponteiros em oposição, um apontando para cima outra para baixo, um para o céu, outro para o inferno, temo o negro dos ponteiros e dos números, anseio pelo branco do leite e

DEZESSETE HORAS E QUARENTA E CINCO MINUTOS
o elevador que não vem!

– Vamos pela escada! – grito.

– Mas tu não podes – me diz, os olhos cheios de lágrimas. – Estamos no oitavo andar e tu com essa perna *amputada*...

– Posso sim!

Me segura, aponta o pequeno painel sobre o elevador. Os números se iluminam: O um, o dois, o três –

– Vem subindo, estás vendo?

Sorri. É uma moça muito boa. Trabalha num escritório, faz poesias. Vive sozinha porque quer encontrar o seu caminho. O seu amado. E eu...

– A Porta do elevador se abre.

– Olha quem está aí! – Ela, muito alegre. – Meu pai! Há quanto tempo, papai!

O dono da tipografia.

– Seu salafrário! – Me reconheceu! Me reconheceu, apesar da idade



— Seu velho salafário! Com a minha filha, assassino!

Vacilo. Ela me ampara. Muito tarde... O filho da noite já me invade os ossos. Sento no chão, apóio a cabeça na parede.

— Escreve tudo — peço. — Escreve tudo, como se fosses eu.

Meus olhos se toldam. A última coisa que vejo: ela abre a bolsa, tira lapis e papel, começa a escrever: *Sofro — sofri —*

O PREÇO DO BOI VIVO

Alexandra era noiva do filho de um fazendeiro, um rapaz que fazia o curso de Direito em Porto Alegre. Amavam-se.

Um dia foram à fazenda comer churrasco. Na hora de abater o novilho, o filho do fazendeiro adiantou-se, os olhos brilhando:

— Deixa para mim.

Arrancou o cutelo das mãos do peão e abateu o animal.

Repugnada à vista do sangue, Alexandra pôs-se a chorar. O fazendeiro se aborreceu, o filho ficou uma fera.

— Vaca! Não serves para nossa família. Vai-te embora.

Alexandra pegou a bolsa.

O filho do fazendeiro aproximou-se dela, sorrindo, um pedaço de carne crua na mão.

— Mas primeiro come.

Alexandra desviou o rosto.

— Não...

— Come! Come!

O fazendeiro ainda quis intervir; mas Alexandra, num gesto brusco, arrancou o naco de filé da mão do ex-noivo e mordeu a carne quente, ressumando sangue. O rapaz olhava-lhe o gogó para ver se ela estava engolindo mesmo.

— Bom. Agora vai.

Ela foi. Jurou nunca mais comer carne de animais assassinados. Jurou nunca mais chegar perto de um homem.

Morreu-lhe o pai, morreu-lhe a mãe, os olhos foram ficando cada dia mais fracos, as menstruações mais dolorosas e escassas. Morava só, numa velha casa do Menino Deus.

Numa noite de inverno, ouviu pela primeira vez o mugido do novilho. Estava semi-adormecida; pareceu-lhe o longínquo apito de um trem. Mas o mugido se repetia e ela se levantou. Abriu a janela, procurou localizar o animal. Não havia novilho algum — nem no pátio, nem na rua.

Na noite seguinte, os mugidos se repetiam. Impressionavam-na pelo dolorido que eram. Chegou a chorar, coisa que não fazia há tempo.

Na terceira noite deu-se conta. Os mugidos vinham de dentro dela: do peito, do ventre. Do baixo ventre. E já não podia dormir: despertava-a a súplica do bovino.

Trouxe feno fresco, colocou-o debaixo das cobertas. Inútil. O invisível animal berrou mais do que nunca. Excitado pelo cheiro do feno?

Ela comeu a forragem. Aos pouquinhos, com muita água. Sua boca ficou impregnada dos perfumes do prado; ainda assim continuava a ouvir os mugidos.

ra mais um pouco, torna a levantá-la. Nada. Palha, só palha. Enfurece-se:

— Estás debochando de mim, miserável? Mas eu te mostro! Vou buscar o ovo na fábrica!

Joga a galinha no chão, tira o facão da cintura e — as galinhas cacarejam horrorizadas — de um só talho abre-lhe o ventre.

Atira o facão para o lado e põe-se a remexer as vísceras, impaciente. Arranca intestinos, fígado, moela:

— Era aqui que tinha de estar! Em todas as galinhas é aqui!

Não há ovos de ouro. Há um ovário comum, com pequenos óvulos amarelos.

O chacareiro se põe de pé. De súbito, põe-se a rir.

— Era igual a todas, a galinha! Era igual a todas, Amâncio!

Apanha o facão.

— Azar o teu, Amâncio! Azar o teu!

Sai rindo.

— Azar o teu!

Sobre a terra ensangüentada, a galinha morre. Seu bico ainda se abre, em raros espasmos, mas já nenhum som sai dele. E os olhos estão baços.

A galinha morre. Uma última convulsão sacode a carcaça eviscerada. Da cloaca emerge a extremidade arredondada de um grande ovo de ouro.

PENA CAPITAL

O carcereiro acorda Robert, um Robert, às cinco da manhã. O carcereiro é brutal; o carcereiro sacode o prisioneiro, que se põe de pé, um homem moço, de cabelos revoltos e olhos congestos:

— Eles já estão aí?

— E não? — o carcereiro, numa voz esganiçada, desagradável. — E não iam estar? Não são cinco horas?

Robert deixa-se tombar na cama. Meio que desmaia? O carcereiro levanta-o com um safanão:

— Não são cinco horas? Responde. Não são cinco horas? Tu, que és tão espertinho: não são cinco horas?

— São — murmura Robert. — São cinco horas.

— Então? Cinco horas, eles estão aí. São pontuais — conclui o carcereiro, triunfante. — Toma, veste isto aqui.

Estende uma túnica cinzenta ao prisioneiro, que se atrapalha ao tentar enfiá-la pela cabeça. O carcereiro se aproxima para ajudá-lo.

— Pronto — diz. — Estás vestidinho. Bonitinho.

Espia pela porta aberta: ninguém no corredor. Aproxima a boca do ouvido do prisioneiro:

— Calma. Está tudo arranjado. Ouviste? Tudo arranjado. Tudo certo. Empurra-o:

Vamos logo, palerma!

Pisca o olho, grita de novo:

— Molenga! Covarde!

Saem. Caminham pelo comprido corredor, até o lugar onde o pequeno destacamento aguarda, perfilado. O oficial conversa com o capelão da prisão. O sacerdote vai ao encontro de Robert.



– De que jeito? – Amâncio ri. – O ovo de hoje tu já perdeste.
– Nós vamos continuar – repete Ramão.
O tom de voz faz Amâncio se inquietar. Mas é jogador: não demonstra medo.

– Vem cá: a tua galinha não bota só um ovo por dia?
– Bota.
– E então? Como é que queres jogar?
– Nós vamos jogar, já disse.
Amâncio avalia cuidadosamente a situação. Resolve arriscar:
– Está bem. Então traz o Torpedo.
– Não.
Amâncio impacienta-se.
– E vamos jogar o quê? As brincas? As brincas eu não jogo, tu sabes.
Ramão levanta-se.
– Me espera. Vou trazer mais um ovo.
– Bom – previne Amâncio – mas olha: só te espero até a meia-noite.
Se a tua galinha resolve esperar até amanhã para botar um ovo, não conta comigo.

– Ela vai botar um ovo *agora* – diz Ramão.
– Vai mesmo? – zomba Amâncio.
– Tu vais ver.

Corre para a chácara. Está transtornado, está louco! Entra no aviário, acende todas as luzes. As galinhas cacarejam, assustadas. Ramão chega ao ninho da galinha dos ovos de ouro, que repousa, Torpedo ao lado. À chegada de Ramão ela não se move, não emite um som – olha-o fixamente.

– Como é, desgraçada? Já botaste o teu ovo?
Agarra-a pelo pescoço, arranca-a brutalmente da palha. Não há ovo algum.

– Estúpida! Por que não botaste o ovo? Já é quase meia-noite! Precisas esperar pelo Ano Novo? O que sabes do tempo?

Ela se debate, quase sufocada...
De repente, um ruflar de asas: é Torpedo que pula na cara do chacareiro, bicando-o ferozmente. Surpreendido, Ramão recua; mas logo se recupera, arranca o galo de si, atira-o ao chão, pisa-o com a bota, e continua a pisá-lo, até transformá-lo numa pasta sangrenta.

– Pronto, bicho ruim – murmura, ofegante. – Tiveste o teu troco. Viraste paçoca.

Ri:
– O Amâncio é que não vai gostar.
Limpa o rosto sujo e todo lanhado, levanta a galinha à altura da cara:
– Agora, tu. Trata de botar o teu ovo. E ligeirinho!
Acomoda-a no ninho e cruza os braços.
– Estou esperando.
Olha o relógio.
– Te dou cinco minutos.

De repente a galinha dos ovos de ouro começa a cantar.
É um canto tão bonito que até Ramão se comove: arrepiando-se, fica com olhos úmidos.

– Ora, vamos, vamos, sua sem-vergonha...
Nas gaiolas, as galinhas estão imóveis, voltadas para eles. Ramão sente a expectativa de algo grandioso.
– Que ovo vai sair! Que ovo! Talvez até dois!
Com todo o cuidado, levanta a galinha. Nada. Coloca-a no lugar, espe-

Não é de fome que ele chora – concluiu. – É de saudades.
Lembrou de ter visto o novilho às margens de um lago, perto de um pinheiral. Bebeu água do lago, comeu agulhas de pinheiro, cozidas e depois cruas. Os mugidos continuavam.
– Tem saudades da mãe, o pobre!
O vento zunia.
– Se eu pudesse soltá-lo!
Apalpava-se, ansiosa, procurando um buraco, uma frincha por onde pudesse soltar o novilho prisioneiro. Inútil. Seus orifícios estavam ocluídos. Definitivamente fechados. Dentro dela, o animalzinho estertorava.
Pulou da cama, tirou o carro da garagem, rumou pra a fazenda, noventa quilômetros ao sul da capital.
Deixou o carro na porteira e correu pelo campo, os pés nus pisando o pasto úmido. Passou pela casa (uma festa lá; churrasco?) mas não entrou. Não era o bandido que ela queria ver.
Chegou ao estábulo da vaca. Ofegava, tinha lágrima nos olhos. Mas estava feliz quando murmurou:
– Aqui estou, mamãe.

A JUVENTUDE É UM ETERNO TESOURO

O senhor Pedro Rittner é homenageado com um banquete. É dupla a razão da celebração: o aniversário do senhor Rittner (está completando setenta e cinco anos), e a inauguração do vigésimo supermercado da cadeia Rittner. Mais de trezentos convidados comparecem ao ágape.

Com a palavra o senhor Rittner. Declara que vai abordar um tema muito em voga: o conflito de gerações.

– Proponho-me – diz, com voz firme (sua lucidez é admirável) – a desfazer o mito da juventude. Para isto usarei o exemplo de um jovem que os senhores conhecem muito bem: Pedro Rittner.

Todos riem, e pousam os talheres, interessados. Recuando cinquenta e tantos anos no tempo, o senhor Rittner reporta-se à época em que era um jovem dono de armazém, recém-casado.

– Vejo diante de mim um moço forte. Ao seu lado, uma moça linda: minha esposa.

Os presentes aplaudem, comovidos.
– Sim, vocês aplaudem – diz o senhor Rittner, algo irritado. – Aplaudem, está bem, está correto. Mas a quem realmente vocês aplaudem? Ao Pedro Rittner de hoje ou ao de ontem?

Os aplausos cessam.
– Não há por que aplaudir os jovens – continua o ancião. – Eu só encontro nos jovens erros, deformações, iniquidades.

– Como um pouco d'água, suas mãos tremem.
– Vejam o caso do jovem Pedro Rittner. Recém-casado, ele foi morar num quarto de pensão com a esposa. Um belo par – mas não passavam de conservadores, especialmente ela. Embora o quarto fosse um cubículo infecto, ela não queria sair de lá. Alegava a recordação de horas felizes, alegava que amava o lugar, alegava mil idiotices, tudo para encobrir o fato de que ela era apenas conservadora.



E era também retrógada; teimava em usar um lampião a querosene, mesmo quando todo o mundo já tinha aderido à luz elétrica. Dizia que a luz do lampião era romântica. Romântica! Retrógada, isso sim. Reacionária, individualista. A ela nunca ocorreria que a comunidade um dia necessitaria de uma cadeia de supermercados. Ficaria toda a vida atendendo ao balcão de uma vendinha de bairro. Não antevia a sociedade de consumo.

Mais aplausos.

— A situação era má — continuou o homenageado — porque o jovem Pedro Rittner, como outros de sua idade, apresentava uma terrível rigidez de pensamento: só pensava em sexo. Era incapaz de liberar o seu raciocínio para outras iniciativas. E a mulher era pior. Sexo para ela era uma idéia fixa. Coisas de cada, mesmo.

Felizmente, o jovem Pedro Rittner reagiu. Decidiu acabar com aquela vida de estagnação, ainda que passando por cima da mulher, ainda que usando métodos violentos. E no dia que ele decidiu isto, senhores, ele deixou de ser o jovem Pedro Rittner para ser o homem Pedro Rittner! Daí por diante, ele não parou de vencer na vida!

Entre aplausos, o senhor Pedro Rittner senta-se. Está feliz. Volta-se para o lado, vai dizer à esposa como está feliz. Mas não há esposa alguma. A esposa morreu há cinquenta anos: oito meses depois do casamento.

PRAIANA

Os dois estavam sentados na praia — deserta, àquela hora, quase cinco da tarde.

— Olha lá um homem — disse o primeiro.

— Onde? — O segundo, que riscava distraído a areia, levantou a cabeça.

— Lá. Adiante da rebentação.

— Onde? — O segundo esticava o pescoço.

— Lá. Está vendo a cabecinha dele? Agora sumiu. Agora apareceu de novo.

— Não vejo cabeça nenhuma — disse o segundo.

— É, sim — insistiu o primeiro. — É a cabecinha dele. Parece um pontinho preto. Olha, apareceu de novo agora.

O outro se pôs de pé:

— Ah, está não. Como é que eu não vejo nada?

O outro, mesmo sentado:

— Eu vejo muito bem... Agora sumiu... Espera um pouco, que ela já aparece.

O que estava de pé fez um gesto impaciente.

— Não vejo nada.

Sentou.

— Olha, lá está — disse o primeiro. — Segue a direção do meu braço.

O outro seguia a direção do braço.

— Não vejo nada — disse, e parecia irritado. — Para mim não tem homem nenhum.

— Tem sim — tornou o primeiro. — É que ele aparece e desaparece.

Olha: apareceu. Estou vendo o braço. Está sacudindo o braço.

— Está te dando adeus. — O segundo deu uma risada.

— Sumiu de novo.

O outro se ergueu.

Que galo! Nunca fora derrotado no rinhadeiro. Amâncio tinha muitos galos, mas nenhum como aquele. Apostaria todas as suas propriedades contra Torpedo — na verdade, já o propusera a Ramão. Este recusava. Gostava do galo; além disto queria ter um trunfo para o dia em que não tivesse mais a galinha dos ovos de ouro, nem a chácara, nem roupa, nada. Aí sim, apostaria Torpedo. E esperava, pelo menos então, ganhar. Mesmo que perdesse, Amâncio não levaria o galo. Este prazer Ramão não daria ao parceiro. Amâncio que tocasse em Torpedo! Ramão matava-o na hora.

Torpedo era belo e forte. E... tinha uma secreta afeição pela galinha dos ovos de ouro. Enquanto Ramão e Amâncio jogavam, ele a acariciava e consolava. Era testemunha dos padecimentos da coitada; muitas vezes quase investia contra Ramão. Continha-o a galinha, que preferia sofrer em silêncio a ser pivô de uma tragédia passional. E desabafava elevando aos céus os seu canto — o cacarejar esquisito e desafinado.

A paixão não correspondida: a galinha dos ovos de ouro amava o chacareiro Ramão. Amor misturado com ódio — mas amor sim, profundo, abissal. Entregava ao bandido os ovos de ouro, com nojo — mas com alegria; porque então o tinha junto a si, ainda que por escassos momentos. Gostaria de tê-lo junto a si, deitado na palha. Aninhada no peito peludo, catando com o bico larvas e detritos dos cabelos revoltos, ela encontraria enfim inspiração para formosas canções.

Mas Ramão deitava-se com mulheres, as duas ou três que tinha. A galinha bem o sabia, mas iludia-se: é só passatempo, repetia-se, ele não a ama. Um dia, ela cantaria e ele viria. E não seria apenas por um ovo de ouro...

Quanto a Torpedo, a galinha consentia em tê-lo a seu lado — mas era só. Ele não deveria esperar mais nada. Ficassem juntos na palha, e pronto. Duas aves amigas.

Ramão jogava e perdia, jogava e perdia. Os armários de Amâncio já estavam cheios de ovos; nem tinha comprador para tanto ouro, o metal estando cotado a mais de cem dólares a onça. Mesmo assim continuavam a jogar — Ramão querendo a desforra. Amâncio com a esperança de ganhar o galo Torpedo.

Noite de 31 de dezembro. Nas ruas da pequena cidade as pessoas caminhavam alegres, apressadas. Querem passar o Ano Novo com as famílias, comendo galinha assada com bastante farofa. Mesmo os pobres querem festa, querem galinha.

Ramão e Amâncio ignoram o movimento. Jogam. Sentados a uma pequena mesa, sob uma lâmpada potente que faz brilhar suas testas suadas, eles seguram firme as cartas. E as espreitam, se estudam, não descartam dama ou valete sem meditar muito.

Ramão está nervoso. Seus lábios se contraem; às vezes murmura coisas ininteligíveis. Tamborila com os dedos grossos no tampo da mesa.

Amâncio procura afetar despreocupação; cantarola, esboça um sorriso enigmático. E quando espalha suas cartas sobre a mesa — ganhou, mais uma vez — não se precipita; espera, com estudada modéstia, que Ramão se reconheça derrotado — o que o chacareiro faz com mal contida revolta.

Amâncio então estende a mão, pega o ovo de ouro; sopesa-o, examina-o de perto; tira o lenço do bolso, pole-o, remove com a ponta da unha uma minúscula sujeira. Suspira e vai guardar o ovo no armário. Depois estende a mão ao parceiro:

— Bem... Então, Feliz Ano Novo, Ramão. Espero que no ano que vem...

— Nós vamos continuar o jogo — diz Ramão, sombrio.



quando não ridículo; chegava a provocar a indignação das outras galinhas. Calavam-na a bicada.

Mas a galinha queria ser cantora. E esforçava-se. Disciplinada, exercitava-se infatigavelmente. Nenhuma escala lhe era estranha; não havia sustenido que não houvesse tentado. Os resultados, sempre precários, não a desanimavam. Um dia — pensava — a metamorfose se daria; questão de paciência, de trabalho. E voltava aos exercícios.

Uma penosa anomalia: botava ovos de ouro. Sem alegria; com desagrado, com dor, mesmo. Gestava objetos duros e frios; eliminava-os em meio a sofrimentos indescritíveis: um suplício que se repetia a cada dia, de madrugada. Meia hora antes já sentia aproximar-se o momento tão temido. O presságio manifestava-se como uma sensação molesta no ventre — um misto de ânsia e dor. Uma coisa, uma bola, crescia-lhe dentro, expandia-se inexoravelmente, comprimindo, amassando tudo. Nervosa, sem saber o que fazer, punha-se a andar de um lado para o outro, tentando se distrair. E piscava o chão, e batia asas, e cantava um pouco (sua voz sendo então mais desagradável do que nunca) — e nada. Sempre a ânsia, a ânsia. Pulava para o ninho, encolhia-se, tentava adormecer; quem sabe com o sono... Nada. Não adormecia, não se acalmava. Ao contrário — à medida que os minutos passavam a ansiedade tornava-se insuportável. Desesperava-se, e gritava por ajuda, recorria à carijó, às outras. Repeliam-na, irritadas. E a galinha, sem um regaço onde se refugiar, sem um ombro onde se apoiar, encolhia-se num canto, trêmula, meio desfalecida.

E aí, no seu interior tenebroso — um abalo. A coisa se movimentava. Vinha descendo, vinha saindo, vinha rasgando tudo — abria seu caminho à força. Alucinada, a galinha punha-se de joelhos: inacreditável, tanta provação para uma criatura só. Desmaiava! Morria!

Mas o parto prosseguia. O sofrimento atingia o clímax — a galinha via sóis — e de repente cessava.

O ovo jazia sobre a palha: um objeto amarelo, coberto de uma fina camada de secreção sanguinolenta. A galinha, exausta, espiava com um olho rancoroso o fruto frio e duro de suas entranhas.

Uma mão grande e peluda introduzia-se no ninho: Ramão, o dono da chácara. Cobiçoso, mal podia esperar que a galinha terminasse a postura. (De fato, muitas vezes agarrava-a enquanto ela ainda estava tendo o trabalho; espremia-a, estimulava-a com palavras grosseiras: vamos, preguiçosa, bota para fora este ovo, bandida. Só fazia aumentar os sofrimentos da pobre).

De posse do ovo, mirava-o, radiante, beijava-o e corria para a casa de Amâncio. Este finório já o esperava com o baralho pronto. Ramão se aboletava, colocava o ovo em cima da mesa:

— É hoje, Amâncio! É hoje que te pélo, Amâncio!

O outro, profissional, sorria e dava cartas. Jogavam todo o dia.

Ao fim da tarde o ovo era de Amâncio.

Ramão, o rosto congesto, a cabeleira revolta, o olhar turvo, levantava-se e ia para casa. Tomava uns tragos e atirava-se à cama; mal podia esperar que as horas passassem, que a galinha botasse outro ovo. Amâncio veria com quem estava lidando.

No dia seguinte perdia de novo.

Amâncio já tinha ganho uma fortuna de Ramão. Mas não estava satisfeito; não era ouro o que ele queria de Ramão. O que ele realme te desejava, mas desejava mesmo, loucamente — era Torpedo, o galo de briga do chacareiro.

— Ah, não! Eu tenho de ver este homem. Nem que eu vá em casa buscar o binóculo.

O primeiro olhava fixo o mar.

— Agora desapareceu. Desapareceu *mesmo*. Não vejo nada. Nem a cabeça, nem o braço, nada.

— Logo agora — disse o outro, rindo — que eu ia buscar o binóculo. É muita coincidência, hein? Muita coincidência.

O primeiro não o escutava.

— Sumiu sim. Nem sinal.

O outro:

— Claro. Foi só falar em binóculo.

O primeiro não respondeu. Fitava o mar, os olhos muito abertos.

O outro tornou a se sentar. Olhava o mar, também. E aí disse, batendo no braço do companheiro:

— Olha lá. — Apontou o horizonte. — Olha lá um polvo.

SORTE GRANDE

Falemos agora dos dois amigos que sempre compravam um bilhete de loteria em sociedade.

Amigos há anos. Trabalhavam no mesmo escritório imobiliário: tinham a mesma idade, vestiam-se do mesmo jeito e eram até fisicamente parecidos. Todas as segundas-feiras de manhã Túlio perguntava:

— Deu alguma coisa no sábado, Marcos?

— Não deu nada, Túlio.

— Nem o final, Marcos?

— Nem o final, Túlio.

— Sacanagem! Vamos no oitenta e dois de novo no outro sábado, Marcos.

— Vamos, Túlio. Me dá o dinheiro.

Dividiam irmãmente. Amigos há anos. Tinham Fuca, os dois. Marcos, casado, três filhos. Túlio solteiro — solteirão. Usavam bigode, os dois. Um — Túlio — tinha o olhar meio turvo.

Não ia bem, esse Túlio. Desde que nascera. Mamara muito mal; a mãe fugira com um marinheiro espanhol, deixando-o entregue à maisena e a uma avó irascível. Não poucas vezes tivera diarreias quase mortais; ficava desidratado, a moleira funda, os olhos baços. Salvava-o o compassivo médico do bairro.

Marcos, não. Marcos sempre tivera sua sopinha quente na hora.

Estê mundo está cheio de ladrões, dizia Túlio. Eu não roubo ninguém, não dou desfalque, não faço contrabando. (Mas queria ficar rico. E então comprava bilhetes de loteria. Melhor: dava o dinheiro a Marcos, que comprava bilhetes de loteria. E pensava: um dia vou abocanhar toda a bolada. Corrigia-se: metade da bolada).

Comia mal, o Túlio. Mastigava lento, quase com ódio. Mas o bife encontrava no seu estômago um ambiente hostil. Toda refeição deixava-lhe como *recuerdo* um arrote azedo e mau hálito.

Marcos, não. Marcos acordava assobiando e perguntava à mulher: Bela, que aventuras a vida me proporcionará hoje? A mulher sorria e dava-lhe um beijo com gosto de mel. Era linda. Os filhos, lindos.



Aos sábados, vestia-se e ia à cidade — especialmente para comprar o bilhete. Brincava com o bilheteiro, previa fortunas — mas, acrescentava, bem realista que era, não tinha esperanças. Jogava por jogar. Como o futebol dos sábados à tarde: pelo esporte. Não se aporrinhava. Minhas coronárias são como as de um menino de seis anos, dizia. De cinco, emendava Bela. O filho deles tinha ganho um concurso de contos. A fortuna já me deu o que tinha que me dar, concluía Marcos.

Túlio só pensava em dinheiro. Em investimentos: quando passasse a mão na bolada... Era só começar: dinheiro chama dinheiro.

Marcos tocava violão, Marcos lia revistas. Marcos preenchia o espaço entre a tela da televisão e a família reunida a seu redor com a tênue névoa de sua ternura.

Túlio só lia um folheto chamado *Suplemento Econômico*, distribuído gratuitamente por uma firma de investimentos. Nunca terminava a leitura, porque adormecia antes.

Marcos às vezes levava uma gatinha ao apartamento de um amigo solteiro. Saía de lá assobiando, encontrava um amigo e mandava vir de lá um abraço.

Túlio tinha pesadelos. Sua mãe abanava-lhe do colo do marinheiro espanhol, e murmurava coisas que ele não entendia. Tristes *recuerdos*.

No verão, Marcos pescava. Onde ninguém tirava peixe ele jogava sua rede feiticeira — que voltava carregada, carregadinha. Grita alto, mãe-gritava Túlio, revirando-se na cama.

Numa segunda-feira Túlio entrou correndo no escritório:

— Ganhamos, Marcos! Ganhamos e só agora que eu vi! Passei numa tabacaria, conferi a lista! Ganhamos!

Marcos, que lia o jornal, levantou a cabeça — e todos viram que ele estava surpreso:

— Ganhamos? Não ganhamos, não Túlio! Tomara que tivéssemos ganho. Mas o bilhete estava branco. Não deu nem o final.

Túlio, sorriso meio incrédulo:

— Mas eu não te disse para comprar o trinta e cinco sessenta e um?

— Não me disse nada, Túlio... — Marcos sorria sempre.

Túlio se exaltava:

— Te disse, sim! Até te contei que minha mãe me apareceu em sonhos, e me mandou comprar esse bilhete!

— Não, Túlio.

Os outros corretores se aproximavam.

— Não me disseste nada. E não foi esse o bilhete que eu comprei.

Túlio arrancou-lhe o jornal das mãos:

— E qual foi o bilhete que compraste? Onde é que está? Quero ver!

Marcos levantou-se:

— Ora, Túlio, deixa de bobagem. O bilhete estava branco. Conferi e joguei fora.

Túlio ficou pálido. Tremia.

— Jogaste fora, é? Será? Será que não está na tua casa? Será que não deste para alguém receber a bolada em teu lugar?

Marcos recuou.

— Mas que bolada, rapaz? Ficou maluco, seu?

Túlio puxou a faca. A faca de prata, de churrasco. Deu um golpe — chegou a pegar Marcos no braço. Os colegas precipitaram-se, desarmaram-no.

Apanhou muito: era tão detestado quanto Marcos era estimado. Quebraram-lhe a clavícula e duas costelas, rebentaram-lhe a boca a socos,

Alo. Atenção. — É o alto-falante de novo. — Senhoras e senhores, sua atenção, por obséquio. Aproxima-se de nós, vindo do sul, um polvo. O polvo, senhoras e senhores, não é um peixe, mas sim um molusco. Repito: molusco. Como as ostras. E aí está o nosso herói!

Trata-se, com efeito, de um pequeno polvo. Passa por nós e desaparece.

— Sensacional! — Sadi está entusiasmado. — Muito bom isto, hein, pessoal? Muito bom.

— Não conhecias? — Jerônimo se admira. Ele sempre sabe de tudo. Menos —

O alto-falante:

— Atenção. Estamos vendo agora um cação. Este peixe é aparentado com o tubarão, o assassino dos mares.

Se vai, o cação, rápido.

Chega o garçom, com as travessas fumegantes.

— Tomei a liberdade de pedir a todos a mesma coisa — explica o Jerônimo. — Vocês vão gostar. É robalinho.

Faz-se silêncio enquanto o garçom nos serve.

— Como é, pessoal? — diz Jerônimo, na mesma voz excitada que ouviu ao telefone. — Como é? Vocês não estão com fome? Eu estou.

Começa a comer com apetite. Nós o olhamos.

— Então, Jerônimo? — pergunto.

Levanta a cabeça.

— Então o quê?

— O que tinhas para nos dizer?

Toma um gole de vinho.

— Ah! — pausa o copo. — De fato. Eu ia deixar para a sobremesa. Mas se vocês querem saber agora...

Afasta o prato, inclina-se para a frente.

— O homem está líquido.

Repete, baixinho:

— Líquido.

Atira-se para trás e fica a nos olhar.

Nós também o olhamos.

Menos Sadi. Sadi olha para um cardume. Os peixes estão diante de nós, imóveis. O alto-falante não diz o nome deles, mas sou capaz de apostar: robalinhos, também conhecidos como bordalos. Robalinhos.

A GALINHA DOS OVOS DE OURO — PERFIL ENQUANTO MORIBUNDA

A galinha dos ovos de ouro tinha uma vocação frustrada, uma paixão não correspondida — além da penosa anomalia.

A vocação frustrada: queria ser cantora. Descendia de uma família que saudava o sol nascente com hinos vibrantes. No entanto, apesar de ter nascido num ambiente de estro harmônico, a galinha dos ovos de ouro não fora aquinhoada com uma voz agradável. Seu canto rouco era desagradável.



Eu não queria mais descer. Agora que sabia das coisas, eu não queria mais descer.

E não desci: até hoje estou aqui.

Aquele pontinho escuro no céu? Sou eu.

NO RESTAURANTE SUBMARINO

Jerônimo me ligou.

– Tenho uma notícia importante.

A voz soava excitada – muito excitada mesmo para Jerônimo que...

Enfim. Muito excitada.

– Manda brasa – eu disse.

– Pelo telefone não dá. Vamos almoçar juntos. Tu, o Hélio, o Sadi e eu.

Amanhã, no restaurante submarino.

– No restaurante submarino? – estranhei. São quase duzentos quilômetros daqui até lá.

– Ah, mas vale a pena! – Jerônimo não se continha. – Vale a pena, garanto.

– Mas amanhã é sexta-feira, Jerônimo. Amanhã é o pior dia.

– Não te preocupa. Já avisei lá na firma que amanhã estaremos fora.

Num seminário sobre administração, foi o que eu disse. – Riu.

– Mas não dá para a gente se reunir aqui por perto?

– Não dá. Tem de ser no restaurante submarino.

Jerônimo é teimoso. Quando mete uma coisa na cabeça... suspirei. Está bom, Jerônimo, foi o que eu disse. Amanhã, então.

Na estrada. Sadi passa por mim, à toda. Me vê, encolhe os ombros, ri. Pelo jeito também não sabe de nada.

Chego à praia, dirijo-me para o restaurante, que fica na extremidade do antigo molhe. Poucos carros no estacionamento. Mas ali está o Galaxie de Jerônimo, o Opala do Sadi, o Opala, já bem castigado, do Hélio. Sou o último – e não me agrada ser o último. Mas – é um almoço de colegas. De amigos. Penteio-me, ensaio um sorriso.

Caminho pelo molhe, entro no hall, cumprimentando o gerente, desço as escadas em caracol. E já estou abaixo do nível do mar. Que coisa linda: o restaurante submarino fica num lugar de águas limpas, e suas paredes são de vidro grosso, de modo que a gente pode ver os peixes e toda sorte de criaturas marinhas.

O restaurante quase vazio – mas lá estão os três, numa mesa do canto. Saudamo-nos. Jerônimo retoma o assunto – custos de uma determinada campanha de publicidade. Coisa de escasso interesse no momento.

Um alto-falante, colocado logo acima de nossas cabeças, range e emite um som agudo.

– Alô, alô – diz uma voz masculina. – Alô, alô. Testando, testando.

Um-dois-três, um-dois-três. Testando. Assim está bom. Está bom.

Uma pausa, e a voz prossegue.

– Senhoras e senhores, bem-vindos ao restaurante submarino, o único no sul do Brasil. A direção da casa deseja que se sintam perfeitamente à vontade, e que tenham bom proveito.

– Boa, esta, hein? – comenta Hélio. – Um pouco de cortesia nunca...

rasgaram-lhe a roupa nova. Marcos, ferido, pedia-lhes que parassem: inútil. Só a polícia conseguiu contê-lo.

Túlio ficou preso dois anos. Na cadeia, ficou sabendo que Marcos havia ganhado a loteria, mas não se importou. Agora, só queria saber de sonhar. E nem era com a mãe. Era com o marinheiro espanhol: a cara de seu companheiro de cela.

AMIGOS

Chegaram correndo à esquina da Rua Aurora. Pararam, ofegantes. Riam, abraçavam-se, davam-se palmadas amistosas nas costas. Um:

– E aquela hora que eu dei o soco na barriga dele? Não foi boa, amigo?

– Foi boa – concordou o outro. – E aquela hora que eu dei o bofete na nuca dele e o joelho nas costas e o empurrão e ele caiu de quatro e eu ainda dei o pontapé? Não foi boa, amigo?

– Também foi boa, amigo. E quando eu mandei-lhe a mão nos beijos – até me cortei nos nós dos dedos, olha aqui – que ele chegou a bater no poste e depois caiu no meio da rua? Não foi boa, amigo?

– E eu, amigo, que torci o braço dele e ele berrava como um terneiro? Amigo.

– Ai, amigo... E eu, que só de chato dei uma mordida na orelha dele, amigo?

– E eu que dei uma rasteira, amigo? E um caratê, amigo?

– Amigo, e o meu rabo-de-arraia?

– E aquele meu murro, amigo?

– E o meu, amigo? O meu?

Ficaram em silêncio algum tempo.

– Eu acho... – começou o primeiro.

– Eu acho que terminei com ele – disse o segundo.

– Tu? – o primeiro fechou a cara. – Tu, terminaste com ele?

– Eu, sim – disse o primeiro, falando devagar. – aquele bofete na nuca foi pra matar. E o soco...

– O soco fui eu que dei! – grita o segundo. – Ah, essa não! O soco fui eu! O soco que liquidou fui eu!

– Soco que liquidou? – Ei. – Não amola. Teu soco, aquele teu soco, não liquidava ninguém. Eu estava só te cuidando. Tem paciência. Não trabalhaste direito.

Pasmou:

– Eu, não trabalhei direito? Ah, eu é que não trabalhei direito? E tu? Porque eu também estava te cuidando. Teve uma hora que tu dissesse qual-quer coisa no ouvido dele, pensas que eu não vi?

Encaravam-se.

– E tu, que andaste falando com ele nos últimos dias? Pensas que eu não sei? Sei de muita coisa, rapaz. Tua encenação de hoje não me convenceu. Não sou eu a demolir ele a socos.

– Teus socos? (Risinho). – Teus socos não demolem coisa alguma.

Há muito tempo que estou para te dizer isto. Teus socos não são nada, sabes? Nada. Sabes o que é nada? É nada. Teus socos não matam uma mosca. Mil socos dos teus não valem um tapinha meu. Sabes? E vou te dizer mais: pra mim, vocês estavam combinados. Aposto. Tu és sem-vergonha que eu sei.

Cara a milímetros de cara:



— Sem-vergonha és tu, soco fraco és tu, tu nunca me enganaste, não és de nada, és um trapo, à hora que quiseres eu te mostro. À hora que tu quiseres. Hoje? Amanhã? À hora que tu quiseres.

Não disseram mais nada. Foram-se. Sabiam que se encontrariam de novo. E só queriam saber uma coisa: qual dos dois traria o amigo.

HORA DE CAIR

Se ao menos o porteiro me barrasse a entrada — pensei, entrando no edifício. Mas o porteiro simplesmente inclinou a cabeça, como seria de se esperar do guardião de um edifício de classe: aquele pretexto eu não teria. Respirei fundo e dirigi-me ao elevador, com passo razoavelmente firme. Não consegui acertar o botão com o dedo, mas a palma da mão fez o serviço. Olhei-me no espelho. Minha aparência era boa. Eu estava bem vestido; um pouco magro, talvez — mas nada de inusitado num sujeito recém-desquitado. O hálito estava mais para o hortelã do que para o álcool, e eu me sentia em condições de dar as informações necessárias: *meu nome é Roberto, sou arquiteto e sim, também detesto o estilo mediterrâneo*. Mas a verdade é que eu não estava me sentindo bem ali, naquele vestibulo severo, revestido de mármore e granito e guarnecido de uns poucos móveis escuros, pesados. Dei graças a Deus quando o elevador chegou, e mais ainda quando vi que estava vazio.

Apertei no doze, o último, e iniciei a lenta ascensão. Lenta para mim; os moradores do edifício talvez considerassem a pressa uma grosseira manifestação de ansiedade. Não eu. Eu queria que aquilo terminasse de uma vez. Queria ir para casa dormir.

O elevador parou. A porta interna se abriu, a porta externa continuou fechada, esperando que eu a empurrasse — eu parado, hesitante ainda. Por fim lancei-me para fora, no momento em que a porta interna tornava a se fechar. Choquei-me violentamente com ela e quase caí no vestibulo. Felizmente não havia ninguém ali.

Eu estava diante de duas grandes portas, uma em frente à outra, ambas trabalhadas em madeira de lei. Dirigi-me à da esquerda — era dali que vinha a música — e, com a palma da mão, toquei a campainha.

Abriu-me a porta Adriana, a mulher do dono da casa. Cumprimentou-me; pessoa de bons sentimentos que era, fez alguns comentários encorajadores sobre minha aparência. Depois disse: já conheces todo o mundo, fica à vontade. Me vi sozinho — mas agora com um copo de bebida na mão.

Fui percorrendo o apartamento — enorme, cheio de gente cumprimentando aqui e ali, captando trechos de conversas: um rapaz de óculos e barba estava indignado com os vexames sofridos pelos índios; um homem alto, de cabelos prateados, defendia a correção monetária; e uma mulher jovem, de voz muito alta e aguda, contava episódios cômicos de uma viagem a Salvador. Decidi meter-me no escritório — mas ali um casal se abraçava no sofá de couro. Um outro quarto estava cheio de adolescentes que me olharam com desconfiança. Por fim cheguei ao quarto do casal.

Estava escuro. Custei a encontrar o interruptor; acendi a luz, um pouco temeroso — pareci-me ouvir sussurros — mas não havia ninguém. Sentei-me na cama, de frente para a porta, e fiquei bebendo.

vez que vi aquele homem rindo. Agora, só agora, sei por que ele ria. É que estava se lembrando dele menino, soltando pandorga. Isto foi há muito tempo. Antes de ele mandar na gente.

Ele gostando da idéia, eu dei-tei no chão, de barriga para cima. Ele trouxe um rolo de barbante grosso, forte. Eu abri bem os braços, e estiquei as pernas.

O primeiro nó foi no meu pulso esquerdo. Um nó duplo, muito forte. *Ainda não esqueci como é que se dá nós*, ele disse, sorrindo sempre. Eu ri também. Pela primeira vez estávamos nos entendendo. Ele não estava me chamando de preguiçoso nem de ladrão. Estava brincando comigo. Aquilo estava muito bom.

O segundo nó foi no tornozelo esquerdo, o terceiro no tornozelo direito — estes, nós simples. O nó do pulso direito foi duplo, como o do esquerdo. Estava pronta a armação.

Eu sempre fiz pandorga com papel forte; e disse isto para ele, que pandorga, para mim, tinha de ser de papel forte. Mas ele piscou o olho: *tenho outra idéia*, disse, e então eu pensei que ele queria usar a minha pele, esta pelanca frouxa que me ficou nos braços e no pescoço, depois que emagreci.

Mas não era a pele, não. Era o pano da túnica, desta túnica folgada que eu uso. Fiquei contente — ele agora não estava criticando a minha roupa, ele estava bem satisfeito com a minha roupa.

Esticou o pano e costurou-o em torno ao cordel que ia dos pulsos aos tornozelos. Trabalhou bem, sorrindo sempre, e assobiando. Estava feliz mesmo.

Alí fez a guia da pandorga: três pedaços de barbante. Um preso em laçada ao meu pescoço (ele cuidou para não apertar muito). Os outros dois pedaços, prendeu-os aos meus pulsos. Pescoço, pulso, pulso: os três pontos mais convenientes. Ele sabia mesmo fazer uma pandorga. Deu um nó, juntando as pontas livres dos barbantes, e estava pronta a guia.

Nesta ele amarrou a ponta de um grande rolo de barbante. *Tenho duzentos metros aqui*, ele disse, e eu não acreditei. Depois vi que era mesmo verdade.

Então me pôs de pé, recomendando que não me mexesse. Fiquei duro, imóvel, o vento forte de setembro enfunando a túnica. Estávamos no gramado em frente à metalúrgica. Um lindo gramado. Uns cem metros de gramado.

Ele correu, desenrolando o barbante. De súbito, senti um forte abalo. Eu subia! Funcionava, eu, como pandorga! E já flutuava sobre bosques e colinas, a pandorga!

Lá debaixo ele abanava para mim. Eu não podia abanar em resposta, mas esperava que ele visse o sorriso radiante em meu rosto. Porque eu via a felicidade no rosto dele. Era a primeira vez que eu o via alegre, aquele homem pequeno e triste.

Deu duas puxões na guia; quase me estrangula! Mesmo assim respondi, atirando duas vezes a cabeça para trás. Era o nosso código: enfim, nos entendíamos.

Ele me dava linha. Eu agora estava muito alto; o vento forte me sacudia todo. Mas eu agüentava firme. Eu era a armação.

Anoitecia. Eu sabia que ele tinha de voltar para casa... Ele voltou. Amarrou a ponta do barbante ao tronco de uma árvore. Ali fiquei, toda a noite, flutuando no espaço negro, olhando as luzes lá embaixo, e as estrelas acima da minha cabeça.

Bonito, aquilo.



O EMISSÁRIO

Aos sábados eu o visitava no hospital. Achava-o sempre pior. Mas lhe dizia: estás com bom aspecto, Pedro. Me respondia com um gesto impaciente — mas grato, sei que grato.

Eu me sentava, estendia-lhe o pacote com maçãs (agradecia mas não as comia — talvez por isso piorasse?). Conversávamos um pouco — sobre o tempo, sobre as notícias do jornal — mas nada disso lhe interessava, eu bem sabia. Sentia-o impaciente para entrar no assunto. Mesmo assim prolongávamos — ele, ou eu, ou ambos — a palestra trivial. De qualquer modo cabia a mim a primeira deixa.

— Vi ontem a Teresa.

Ele:

— Ah, é? — procurava aparentar escasso interesse. Eu esperava um pouco e continuava com uma frase bem calculada:

— Não me pareceu muito bem de vida.

Por quê? — ele perguntava, mal contendo a ansiedade. Muito mal vestida, eu respondia — e daí por diante fomos num crescendo. Eu: ela me pareceu muito doente. Coitada, ele dizia, mas não sem satisfação. Foi despedida do apartamento, eu dizia. Coitada, comentava com um pequeno sorriso, coitada! Eu: anda bebendo! Ele: ah! Eu: rengueia de uma perna! Ele: pobre-diaba! Eu: as amigas não querem mais saber dela! Ele: mas que coisa! Eu: é verdade, Pedro, ela está na pior, na pior!

Ele: meu Deus do céu.

Erguia as mãos para o alto e se deixava cair nos travesseiros, ofegante, os olhos fechados, as narinas palpitando. Feliz, via-se. Feliz, feliz.

Eu esperava, quieto. Não demora ele abria um olho: conta mais, pedia.

Eu consultava o relógio: não posso, Pedro, tenho de ir.

Ele pedia pelo amor de Deus. Mas eu era inflexível na recusa. Eu suspirava, sabem, que era a curiosidade que o mantinha vivo. E eu o queria vivo.

Porque Teresa gostava muito quando eu dizia: vi o Pedro no hospital.

Conta, pedia — com um pequeno sorriso.

Eu contava. Porque à Teresa aquilo dava prazer. E eu nunca neguei a Teresa um prazer.

MAGRINHO QUE VIROU PANDORGA

Eu estava a fim nem sei de quê. Nem sei de quê, mesmo, de tão cheio que eu estava: cheio do trabalho, cheio do patrão.

Foi aí que me veio a idéia da pandorga. Que boa idéia, cara! Como foi que me ocorreu? Não sei. Olhando para os meus braços, acho. Estavam finos como varas; e as pernas também. *Cuidado com o vento de setembro*, dizia a velha minha mãe, *vai acabar te carregando. Feito pandorga*. Aí esta: pandorga.

Fui falar com o patrão. *Pandorga?* Gostou da idéia. Riu. Foi a primeira

Aí ele apareceu. Um homem bem vestido, de terno e gravata — o único, talvez, de gravata naquela festa. Eu o conhecia superficialmente; sabia que se chamava Siqueira, que era advogado. Cumprimentei-o. Respondeu com um seco *como vai* e pôs-se a percorrer o quarto examinando os objetos, como um visitante de museu. O aposento não era muito grande e comecei a me sentir incômodo com ele ali, rondando. Pensei que talvez fosse melhor me retirar — mas para onde? Além disto, eu já estava cansado de fugir. Tomei um bom gole e fiquei a observá-lo.

Foi ele quem rompeu o silêncio. *Há gente que pensa que tem gosto e não tem* — murmurou, como que monologando, mas em voz suficientemente alta para que eu escutasse. Camaradinha azedo, pensei.

— Olha só este quadro. — Agora sim, era para mim que falava. Mostrava uma paisagem: lago, ao luar, com dois, três barquinhos. Coisa bem primitiva.

— Quem sabe é obra de um primitivo — arrisquei.

— Que primitivo, que nada! — quase gritava, agora. — É ruim mesmo. Primitivo! Lixo, isto sim. — Apontou para os bibelôs em cima da cômoda. — Lixo. Tudo lixo.

Ficou quieto, imóvel.

De repente agarrou um dos bibelôs a atirou-o pela porta do terraço. Assim mesmo! Como se fosse um toco de cigarro! E logo jogou outro bibelô. E outro!

Levantei-me, fui ao terraço. Não havia nada ali. Os bibelôs tinham passado sobre a amurada e caído lá em baixo — num grande terreno baldio.

— Felizmente ainda há terrenos baldios em Porto Alegre — eu disse. Frase idiota, mas que outra serviria?

— Não me respondeu. Examinava agora uma estatueta, com a mesma expressão de desdém.

— Mais lixo — resmungou, e arremessou a estatueta, quase me acertando.

— Cuidado — protestei, mas ele parecia não me ouvir. Estava agora com um vaso; olhou-o e — *lixo, lixo* — arrojou-o pela porta. Seguiram-se mais vasos, mais estatuetas, cinzeiros e porta-retratos.

Aí abandonou a cômoda — não havia mais nada para ser jogado — e dirigiu-se para uma das mesinhas de cabeceira. Abriu a gaveta.

— É a dele — disse. — É a do marido.

Examinou os livros que estavam sobre a mesa.

— Pornografia! Pura pornografia! Conheço bem isto. São os mesmos livros que a minha mulher lê. Pura pornografia.

Atirou um dos livros pela porta.

— Pornografia!

Virou-se para mim:

— Me ajuda aqui, faz favor.

Larguei o copo e peguei os livros que ele me estendia — uma pilha. *Joga fora* — ele disse, e eu obedeci: corri ao terraço e atirei os livros para baixo. E sabe que me deu prazer, aquilo? Me deu prazer! Voltei: tem mais? Tinha: muitos livros, e também revistas, nacionais e estrangeiras. Fiz mais duas viagens entre a mesa de cabeceira e o terraço. Carregado.

— Tem mais? — perguntei, voltando.

Não me respondeu. Examinava atentamente o grande guarda-roupa; um móvel antigo, de estilo colonial.

Estudava-o, via-se.

Estendeu a mão para o puxador da grande porta central, mas deteve-se. Eu esperava.



— Olha este guarda-roupa — disse, finalmente.
— Que é que tem? — Estranhei minha voz. Diferente. Embargada.
— Destoa completamente dos outros móveis. Outro estilo. Enorme. É quase um outro quarto, dentro deste quarto. Uma caverna. Um esconderijo.

Aproximou-se do móvel:

— Me ajude aqui.

— Mas — o guarda-roupa? — perguntei, incrédulo.

— Me ajude aqui!

Logo estávamos os dois empurrando.

Não foi difícil: fizemos o móvel deslizar sobre o chão encerado; com o impulso chegou ao terraço e precipitou-se sobre a amurada.

Ele olhou para baixo. E aí riu, pela primeira vez. Riu baixinho, engasgando-se e tossindo. Me fez um sinal, apagou a luz do quarto e saímos.

A maior parte dos convidados tinha ido embora. O apartamento estava quase vazio.

Adriana veio ao meu encontro: ah, Roberto, estavas aí! Agarrou-me pelo braço, censurando-me: não comeste nada, vem cá, vou te servir alguma coisa. Passou por nós o advogado: chapéu na mão, dirigia-se rapidamente para a porta. *Onde é que está a tua mulher, Siqueira?* — perguntou a anfitriã. O advogado respondeu sem olhá-la: *não sei, acho que já foi, vou atrás dela.*

— Não se dão bem — segredou-me Adriana, enchendo-me o prato de fatias de carne fria.

Deteve-se, o grande garfo no ar, a testa franzida:

— Falando nisto, sabes que não vi o meu marido esta noite?

Não vi *mesmo!*

Eu ia sugerir um lugar para ela procurar, mas me calei: estava na hora de cair. Estava *mesmo* na hora de cair.

O LADRÃO

Quem descobriu o ladrão na garage foi o meu irmão mais moço. Veio correndo nos contar, e a princípio não queríamos acreditar, porque embora nossa casa ficasse num bairro distante e fosse meio isolada, era uma quinta-feira à tarde e nós não podíamos admitir que um ladrão viesse nos roubar à luz do dia. Em todo caso fomos lá.

Espiámos por uma frincha da porta, e de fato, lá estava o ladrão, um velhinho magro — mas não estava roubando nada, estava olhando os trastes da garage (que era mais um depósito, porque há tempo não tínhamos mais carro). Rindo baixinho e nos entendendo por sinais nós o trancamos ali.

A noite voltou a mãe. Chegou cansada, como sempre — desde a morte do pai trabalhava como costureira — e resmungando. *Que é que vocês andaram fazendo?* — perguntou, desconfiada — *vocês estão rindo muito. Não é nada, mãe, respondemos, nós os quatro (o mais velho com doze anos). Não estamos rindo de nada.*

Naquela noite não deu para fazer nada com o ladrão, porque a mãe tinha o sono leve. Mas espiávamos pela janela do quarto, víamos que a porta da garage continuava trancada — e aquilo nos animava barbaridade. Mal podíamos esperar que amanhecesse — mas enfim, amanheceu, a mãe foi trabalhar e a casa ficou só para nós.

Sentou-se no vaso, pegou uma revista que estava jogada no chão — nesta casa anda tudo jogado — e abriu-a ao acaso. Lá estava o retrato do homem que há pouco lhe sorria das nuvens! Sobressaltado, quis se levantar; mas então ouviu um ronco surdo — dentro do vaso, do próprio vaso. Espiou entre as coxas cabeludas. Brilhavam relâmpagos, ali; e a água lá embaixo agitava-se como um pequeno mar encapelado. Bátegas d'água jorravam de todos os lados — e não era a descarga.

Batidas à porta.

— Já vou, amor.

Era a mulher.

— Vou mais cedo hoje.

(Amante? Amante matinal?)

— Teu café está pronto. Ouviste?

Não respondeu.

— Vou levar o guarda-chuva. Começou a chover. Chuva forte.

— Eu sei — ele disse.

— Compra um guarda-chuva para ti. (Ela tinha perdido a sombrinha).

— Está bem — ele gemeu.

— Quê?

— Está bem. Tudo bem. Tchau.

Uma pausa.

— Não estás te sentindo bem? — ela perguntou.

— Estou bem — ele disse.

— Não vais trabalhar hoje? — ela agora se inquietava.

— Vou trabalhar. Vou. Mais tarde.

— Bom — ela disse, hesitante. — Então tchau.

— Tchau.

Ouviu a porta da frente bater e se levantou, decidido a tomar um comprimido para a prisão de ventre. Abriu a porta do pequeno armário. O vidro do remédio estava vazio. Deveria estar quase cheio, mas estava vazio. Abriu-o. (Para quê?). Um mau cheiro terrível golpeou-lhe as narinas.

— Que coisa! — recuou, espantado.

Era uma presença física, aquele mau cheiro; uma mariposa invisível adejando pelo banheiro. E do vaso saía agora uma tênue neblina.

— Engoli uma nuvem. Uma nuvem de chuva.

Saiu do banheiro, entrou na cozinha. O café estava, como dissera a mulher, servido. Ao lado da xícara, o jornal dobrado. A notícia principal era sobre o terremoto na China; mas não havia manchete. O lugar habitualmente ocupado pela manchete estava em branco. Folheou rapidamente o jornal. De entre as folhas caíam os pequenos comprimidos verdes — o remédio contra a prisão de ventre. Tomou três, com um pouco d'água. Suspirou.

— Acho que agora as coisas vão melhorar.

Serviu-se de café. Examinou bem o líquido preto, cheirou-o; era café mesmo. Tomou-o de um gole, sem açúcar.

— Já me sinto melhor.

Olhou pela janela. Não chovia mais. Um sol pálido aparecia entre as nuvens. Foi se vestir. Mas não olhou para trás.

Porque se tivesse olhado, veria, emergindo da xícara, o rosto do homem de olhos grandes como o sol.

severo caixão, sem um adorno, apoiado em pilhas de tijolos.

Deixei-me cair numa cadeira.

Bruno dormia num caixão. Eu tinha pavor de caixões, de cemitérios; mas Bruno dormia num caixão. Eu tinha ficado milionário; mas Bruno dormia num caixão. Eu corria ao médico por qualquer dorzinha. Bruno dormia num caixão.

Entrou Adelaide.

— Um caixão! riu! — Que gozado! Um caixão de defunto.

Dei-lhe uma bofetada. Desabou, ficou ajoelhada, chorando.

Aproximei-me do caixão. O medo que eu tinha! Por Deus, o medo que eu tinha! Mas vencia o medo, e me aproximava. O que mais encontraria ali? E se fossem ossos? E se fossem cabelos, unhas?

Nada. Nada, além do forro de cetim azulado, lustroso à luz trêmula da vela.

— Vamos embora — suplicou Adelaide, e eu queria ir, mas não podia: tinha de me aproximar do caixão, tinha de tocá-lo.

Toquei-o. Minha vista se turvou. Eu ia desmaiar...

Não desmaiei. Avistei o rasgão.

Um rasgão no forro do caixão. Estendi os dedos trêmulos, toquei aquele rasgão, explorei aquela ferida viva.

Havia um papel ali. Puxei-o para fora. Abri-o, à luz da vela, examinei-o, sempre à luz da vela, e era — à luz da vela e à qualquer outra — um Título Providência!

Ri. Como eu ria! Rindo, tomei Adelaide nos braços, rindo dancei com ela uma valsa, rindo empurrei-a para o caixão. Os pés sobravam! Eu ria! Ela ria! Saltei sobre ela, beijei-a com fúria! A vela se apagou.

Tive poucos momentos de inspiração na vida. Um foi quando bolei os Títulos Providência. O outro foi aquele, no caixão do Bruno.

ALVORADA FESTIVA

As seis horas o despertador tocou. Levantou-se, foi à janela. *Tempo bom, com nebulosidade* — pensou; e apertou os lábios, vendo as notícias estampadas em grandes letras de imprensa sobre as nuvens baixas: *Novo Terremoto na China*. Em letras menores, detalhes que ele não quis ler. Não suportou más notícias de manhã cedo, murmurou. *Quê?* — fez a mulher, virando-se na cama. Não ouviu a resposta; já estava ressonando de novo. Trabalhava no centro, como datilógrafa, mas só começava às nove. Nada, ele disse, olhando a foto no céu: um homem sorrindo. Um homem enorme; os olhos seriam maiores que o sol, se o sol estivesse visível. Sim, maiores que o sol, ainda que fosse um sol pálido, mas menos brilhantes que o sol — ainda que fosse um sol pálido. Deve ser o presidente de algum país, resmungou. *Quê?* — fez a mulher de novo. Nada mulher, ele disse, e fechou a janela. Como é que conseguimos fazer aquele negócio? Aquelas notícias impressas nas nuvens? E as fotos enormes? A boca do presidente ocupava uma nuvem inteira — uma nuvem pequena, claro, mas uma nuvem, uma verdadeira nuvem. Slides projetados no céu? Aposto que só eu vejo estas coisas, pensou; e concluiu: é porque sou o único que acorda às seis. O filho não levantava antes das onze.

Foi ao banheiro, decidido a não mais se incomodar — pelo menos até eliminar o flato matinal, que já lhe pressionava as entranhas, querendo sair.

Corremos para a garage. Olhamos pela frincha e ali estava o velho ladrão, sentado numa poltrona quebrada, muito desanimado. *Aí, seu ladrão!* — gritamos. Levantou-se, assustado. *Abram, gente* — pediu, quase chorando — *abram, me deixem sair, eu prometo que não volto mais aqui.*

Claro que nós não fomos abrir e dissemos a ele, nós não vamos abrir. Me dêem um pouco de comida, então — ele disse — estou com muita fome, faz três dias que não como. O que é que tu nos dás em troca, perguntou o meu irmão mais velho.

Ficou em silêncio um tempo, depois disse: eu faço uma magia para vocês. *Mágica!* Nos olhamos. *Que magia, perguntamos.* Ele: eu transformo coisas no que vocês quiserem.

Meu irmão mais velho, que era muito desconfiado, resolveu tirar a limpo aquela história. Enfiou uma varinha pela frincha e disse: transforma esta varinha num bicho. *Esperem um pouco* — disse o velho, numa voz sumida.

Esperamos. Daí a pouco, espremendo-se pela frincha, apareceu um camundongo. *É meu* — gritou o caçula, e se apossou do ratinho. *Rindo do guru, trouxemos uma fatias de pão para o velho.*

Nos dias que se seguiram ele transformou muitas coisas — tampinhas de garrafa em moedas, um prego em relógio (velho, não funcionava) — e assim por diante. Mas veio o dia em que batemos à porta da garage e ele não respondeu. *Espiávamos pela frincha, não víamos ninguém.* Meu irmão mais velho — *esperem aqui, vocês* — abriu a porta com toda a cautela. Entrou, pôs-se a procurar o ladrão entre os trastes:

— *Pneu velho, não é ele... Colchão rasgado, não é ele...*

Enfim, não o achou, e esquecemos a história. Eu, particularmente, fiquei com certas dúvidas: *pneu velho, não era ele?*

RÉQUIEM

Eu me sentia deprimida, eu chorava muito. É porque não tens o que fazer — disse meu marido. Em parte, estava certo; os filhos crescidos, nós bem de vida, em que poderia eu me ocupar? Faz um curso, sugeri. Achei boa a idéia. Eu nunca mais tinha estudado, desde a minha formatura (em psicologia); um curso — aulas, trabalhos — era boa idéia.

Fui à Universidade, me informei sobre os cursos de inverno. Havia muitos, um verdadeiro festival de cursos: línguas, administração, computação... Um título, no catálogo, me chamou a atenção: *Tanatologia* (100 horas). A morte se constitui hoje em objeto de sérios estudos, explicava o catálogo: há uma preocupação generalizada com este evento tão escamoteado.

Me fascinou, aquilo. Corri à Tesouraria, paguei a taxa de matrícula. Naquele mesmo dia fiquei conhecendo o professor — psicólogo, como eu, mas jovem, bonito.

— Tu vês — me dizia ele depois, na cama (já tínhamos então umas trinta horas de curso) — a morte é todo um campo que se abre.

Sem dúvida, eu disse, e abracei-o. Sentia a melancolia em sua voz; éramos poucos alunos — uns doze e eu temia que ele desistisse do curso antes mesmo da metade. Meu professorzinho — murmurei — sou tua aluna preferida, não é? *É, ele disse, e suspirou.*



Arranjou-me um estágio num hospital. Eu deveria acompanhar os médicos e entrevistar os pacientes que me indicassem: o relatório dessas entrevistas seria o trabalho de conclusão do curso. Vestindo um avental branco, eu seguia os doutores em suas visitas.

Nos primeiros dias nenhum paciente quis conversar comigo. Eu já estava começando a chorar, a me deprimir — quando me falaram de um paciente, um médico, que rejeitava qualquer tratamento. Eu poderia falar com ele, se quisesse. Tínhamos então sessenta horas de aula.

Não fui logo. Passei um dia em casa, lendo as apostilas, me preparando... Na manhã da entrevista acordei muito cedo, tão excitada estava. Peguei o carro e andei pela cidade. Vi muitos velhos; vi, nas vilas populares, crianças desnutridas. A morte ronda a todos, era o que eu pensava; a morte precisa ser entendida, era o que eu concluía. E eu, tendo terminado quase dois terços do curso, eu ainda não me sentia senhora do assunto morte. (Dos aspectos biológicos, sim; dos aspectos sociais, um pouco; dos aspectos psicológicos quase nada. Nos aspectos místicos eu ainda não chegara, mas tinha minhas dúvidas se conseguiria entendê-los.)

Cheguei ao hospital. Um belo hospital, luxuoso, até. No meio de um parque...

A enfermeira me levou ao quarto do paciente. Bateu à porta. Entra, disse uma voz rouca. Entramos. Um cheiro desagradável, de amônia. Renal, murmurou a enfermeira; não entendi — mas o doente, como se tivesse adivinhado, resmungou:

— Renal. Ela falou em renal. Ela quer dizer que eu tenho insuficiência renal. Estou em fase final. Não permito qualquer tratamento. Não permito qualquer cuidado. Nem banho. Cheiro mal, não é?

Trata-se — anotei mentalmente (assustada como estava, tratava de seguir os conselhos do professor e observava tudo) — de um homem de uns quarenta e cinco anos, com mau aspecto: uma cor terrosa... Nem feio, nem bonito.

Nem feio, nem bonito. foi o que eu disse ao Hélio, o professor. Me olhou: cuidado! ciúmes? Setenta horas de aula.

Visitei o médico várias vezes. Conquistei sua amizade. Abriu-se comigo, contou-me tudo — doença, casamento infeliz, tudo. Por fim, aconteceu o inevitável: quase no fim do curso (noventa e duas horas de aula), ele com os dias contados, segundó a enfermeira — ele tentou me agarrar. Não tive dificuldade em me livrar dele — estava muito fraco — mas ao mesmo tempo não queria magoá-lo, por isso disse que estava ali para ajudá-lo, porém o que ele estava querendo não era ajuda, era sexo, puro sexo.

Deitado de costas, ofegante após o esforço, fitava o teto; e então virou-se para mim — coitado, a boca toda macerada — e disse, baixinho: posso pelo menos botar a mão no seu seio? Tão doente eu o vi que não tive coragem de negar. Abri dois botões da blusa e por ali ele enfiou a mão. Mão trêmula. Mão fria.

Apalpou o meu seio esquerdo...

Foi aí que descobriu o caroço. Não cheguei a terminar o curso.

Bruno olhava o rio de novo. Parecia ter me esquecido... Olhava o rio e brincava com uma chave — a da casa dele. Levantei-me e arrebatei-a rapidamente.

— Pronto. Agora, nem que queiras, poderás voltar para o teu pardiheiro.

Voltei à mesa, apertei o botão do interfone:

— O apartamento do meu amigo Bruno está pronto?

— Sim senhor — respondeu a secretária, mulher desagradável, mas eficiente. — Então leve-o lá, faz favor.

Entrou a secretária e conduziu Bruno para fora da sala. Ele deixou-se levar, como um autômato.

Naquela noite eu vagava de automóvel pela cidade. Meu chofer — chofer, mas eu lhe permitia certas intimidades — preocupava-se:

— O senhor não vai à casa da Adelaide?

Eu me sentia estranho. Inquieto. Por causa do Bruno. Desgraçado.

Começava a chover. Suspirei e ordenei ao chofer que fosse à casa de Adelaide.

Desci, toquei a campainha. Abriu-me a porta. Esplêndida mulher! Quase dois metros de altura, vestia uma excitante camisola preta. Estendeu-me os braços — mas eu me sentia inquieto, empurrei-a.

— Que foi, bem? — estava consternada. — Fiz alguma coisa, bem?

— Te veste — eu disse.

— Mas... — arregalou os belíssimos olhos verdes. — Não íamos jantar aqui, bem? Encomendei comida japonesa...

— Chinesa — eu disse. — Te veste.

— Que é que chinesa? mas era muito burra, mesmo! — A comida, gritei. A comida é chinesa, não japonesa. Agora te veste. Vais comigo.

Vestiu-se e saímos, ela soluçando. Cala a boca, eu disse. Ela silenciou.

O carro rodava sob a chuva. Ai, que me sentia mal. Uma ânsia, uma náusea... Suava.

O chofer ligou o toca-fita. Música suave.

— Apaga esta merda!

Adelaide teve um sobressalto, o chofer desligou o aparelho. A visita de Bruno me deixara mal. Por quê?

No bolso da calça, um objeto duro me machucava a coxa. Tirei-o: era a chave da casa de Bruno.

— Vamos lá no Beco da Boiada — eu disse, a voz embargada, esquisita.

Ficava longe: Chegamos lá à meia-noite. A chuva tinha cessado, mas nuvens grossas, escuras... desci, mandei Adelaide descer também. A casa de Bruno: velha, meio destruída, rodeada de mato. Chapinhando no barro, avancei para a porta. Adelaide me seguia, choramingando. Meti a chave na fechadura; a porta se abriu, rangendo. O cheiro peculiar de Bruno — mofo, coisa velha me invadiu as narinas.

Procurei um comutador. Não havia. Risquei um fósforo, avistei uma mesa e sobre ela um toco de vela. Acendi-o.

— Estou com medo — gemeu Adelaide.

— Cala a boca.

Olhei ao redor. Livros por toda a parte, empilhados em prateleiras, no chão, sobre a mesa. Nas paredes, reproduções de quadros. Uma velha máquina de escrever.

Entrei no quarto.

Ali estava — o caixão.

Então era verdade. Tinham me dito que o Bruno ultimamente dormia num caixão de defunto. Eu não acreditava. Mas ali estava, à minha frente, o



morro. Lá em cima, entre as pedras, toda a população da cidade: desmontaram-me, espantados, me desamarraram; alguns me olham de maneira irônica, outros me fazem perguntas. — Por fim me deixam em paz.

Fico sentado a ouvir o que dizem: o telegrafista está explicando que tentou mandar um telegrama à guarnição, sem resultado, porém. *Na certa, eles cortaram os fios.*

Foi então que os cinco tiros ecoaram nos morros. Levantamo-nos todos, ficamos inteiriçados, à escuta, um grande silêncio caiu sobre a região.

— Vamos até lá — ouvi a voz, com grande surpresa, pois era a minha própria. Todos se voltaram para mim. Eu continuava sentado, um talo de capim entre os dentes.

O gerente do banco se aproximou.

— Está louco? Prometemos voltar quando soassem os sinos ou às seis da tarde!

Não respondo. Fico quieto a rabiscar. O sol vai se pondo agora, e os sinos não soaram. Estão todos alegres, pois é melhor ficar pobre do que morrer. Breve desceremos e todos não cabem em si de ansiedade: o que encontraremos em nossa cidade? Divirto-me pensando no que encontraremos; sei que quando chegarmos será como se eu já tivesse visto tudo (o que, segundo o doutor, é comum em minha doença): a rua vazia, as portas do banco escancaradas, o cofre vazio. Acho também que na estrada, muito longe, vai um homem alto a cavalo, com os alforjes cheios de notas. Talvez sejam três ou quatro, mas é certo que o homem alto vai rindo.

REPOUSE EM PAZ

Enriqueci com a venda de Títulos Providência. Aos trinta e cinco anos, milionário, no perfeito gozo de minha saúde, rodeado de mulheres, decidi fazer alguma coisa por meu pobre amigo Bruno, o professor de Filosofia, o morador do Beco da Boiada.

Mandi chamá-lo. Veio ao meu escritório, a figura deprimente de sempre. Suspirei. Bruno, eu disse, estou rico. Bruno, estou muito rico. Bruno, fiquei milionário com os Títulos Providência...

Parei. Não me escutava. Olhava distraído pela janela. Olhava o rio, o rebocador que avançava lentamente. Não me olhava. Bruno: um homem pequeno e feio, afundado na poltrona; cabelos ralos, barba vermelha, maltratada. Camisa desbotada. Calças de brim zuarte. Sandálias de correias grossas.

— Bruno!

Estremeceu, olhou-me assustado.

— Bruno! — gritei. — Bruno, estou rico! Bruno, enriqueci com os Títulos Providência! Bruno, enriqueci com aquela vigarice! Bruno, só não estou na cadeia porque os compradores são tão vigaristas como eu! Bruno, me ouve!

Me ouvia; apavorado.

— Bruno — continuei, mais calmo, — Bruno, me dá remorsos ter ganho tanto dinheiro sem merecer... Bruno, meu amigo, resolvi fazer alguma coisa por ti. Bruno, vou te presentear com um bom apartamento, um apartamento decente... Vais poder sair daquela maloca. E, Bruno, vou te dar uma boa mesada... durante um ano.

Foi o que eu disse, a voz já embargada.

IMAGENS

I — Três Olhares sobre a Fotografia do Detetive Particular Modesto A. de Oliveira

Primeiro olhar

O detetive sentado à mesa.

Mesmo nesta foto, onde tudo que aparece de seu corpo está reduzido a uma imagem de não mais que quatro centímetros por dois, mesmo aqui vê-se que ele é um homem grande e forte. Uma foto melhor, tridimensional talvez, mostraria como avultam os grandes olhos. Como brilham.

A mão direita empunha uma grande faca, a esquerda, o garfo tridente. Gosta deste estranho talher. Dizem que já matou um desafeto com ele.

As mangas, arregaçadas, deixam ver o relógio num pulso e a correntinha de prata no outro. É faceiro. Mas usa suspensórios sobre a camisa listrada.

Há sombras em seu rosto — mas podem ser da barba que, sabe-se, cresce nele a uma velocidade espantosa. E a foto, é bom repetir, é de má qualidade.

Segundo olhar

À esquerda e à direita do detetive, de pé, duas mulheres, e não sorriem. A da direita, mais velha, segura a terrina de sopa; a da esquerda, e por conseguinte mais jovem, a saladeira. Tudo indica que vão servi-lo.

Estão limpas e bem penteadas, mas vestem antiquado. A da direita, a da sopa, é um pouco corcunda, a da esquerda bonita — e é tudo que se pode dizer delas nesta foto.

Terceiro olhar

Mas quem é aquela figura que agora se divulga melhor entre as sombras do fundo?

E, sim, é ele: é o Zorro com seu sorriso irônico e sua espada vingadora.

II — Jogo de Espelhos

Dois espelhos colocados em certo ângulo te revelam quatro imagens do teu rosto. Nas três primeiras te reconheces bem, pela expressão de tensa seriedade. Mas que sorriso debochado é aquele que aparece na quarta face?

III — O Cavaleiro Pero de Abreu Projeta Diapositivos

Esse aí sou eu, aos três anos, nos braços da senhora minha mãe, Dona Ana de Abreu. Observem minha expressão decidida, traduzindo firmeza de caráter.

Esse aí sou eu, por ocasião de minha primeira comunhão. Ao redor, numerosos membros da Corte.

Esse aí sou eu, desembarcando na colônia. Tinha trinta anos. Essa ao lado é a senhora minha esposa. Vejam, ajoelhados, os nativos.

Esse aí sou eu, percorrendo a cavalo as plantações. Observem os nativos trabalhando. Eram rebeldes no início, mas eu os subjuguéi.

Esse aí sou eu, no castelo. Observem que estou de armadura de combate: era a quarta ou quinta semana do cerco dos nativos.

Esse aí, decapitado, sou eu. Minha cabeça aparece mais no fundo; ao redor, bailando, os nativos.

Essa aí é a minha lápide. Observem os caracteres góticos da inscrição, muito bonitos. Estes que aparecem olhando são os nativos. E era só.



PIQUENIQUE

Agora é como um piquenique: estamos no Morro da Viúva, homens, mulheres e crianças, comemos sanduíches e tomamos água da fonte, limpa e fria. Alguns estão com os rifles, embora isto seja totalmente dispensável — temos certeza de que nada nos acontecerá. Já são cinco da tarde, logo anoitecerá e voltaremos às nossas casas. As crianças brincaram, as mulheres colheram flores, os homens conversaram e apenas eu — o distraído — fico aqui a rabiscar coisas neste pedaço de papel. Alguns me olham com um sorriso irônico, outros com ar respeitoso; pouco me importa. Encostado a uma pedra, um talo de capim entre os dentes, e revólver jogado a um lado, divirto-me pensando naquilo que os outros evitam pensar: o que terá acontecido em nossa cidade neste belo dia de abril, que começou de maneira normal: as lojas abriram às oito, os cachorros latiam na rua principal, as crianças iam à escola. De repente — eram nove horas — o sino da igreja começou a soar de maneira insistente: em nossa pequena cidade este é o sinal de alarme, geralmente usado para incêndios. Em poucos minutos estávamos todos concentrados frente à igreja e lá estava o delegado — alto, forte, a espingarda na mão.

Ele era novo em nossa cidade; na verdade, nunca tivéramos delegado. Vivíamos em boa paz, plantando e colhendo nosso soja, as crianças brincando, nós fazendo pequeniques no campo, eu tendo os meus ataques epiléticos. Um belo dia acordamos e lá estava ele, parado no meio da rua principal, a espingarda na mão; esperou que uma pequena multidão se formasse a seu redor, e então anunciou que fora designado, para representante da lei na região. Nós o aceitamos bem; a seu pedido, fizemos uma cadeia — uma cadeia pequena mas resistente. Construimo-la num domingo, todos os cidadãos, num só domingo, e antes que o sol se pusesse tínhamos colocado o telhado, comemos os sanduíches feitos por nossas mulheres e bebemos a boa cerveja da terra.

Às seis da tarde olhei para o delegado, de pé diante da cadeia, o rosto avermelhado pelo crepúsculo; naquele momento, tive a certeza de que já o vira antes, e ia dizer a todos, mas em vez disto soltei um grito, antes que o ar passasse por minha garganta eu já sabia que seria um grito espantoso e que depois cairia de borco na rua poeirenta, me debatendo; que as pessoas se afastariam, temerosas de me tocarem e se contaminarem com minha baba viscosa, e que depois acordaria sem me recordar de nada. Permaneceria a confusa impressão de já ter visto o homem alto em algum lugar e isto eu diria ao doutor e o doutor me responderia que não, que não o vira, que isto era uma sensação comum a epiléticos. Restaria um dolorimento pelo corpo, um entorpecimento da mente. Então eu sairia ao campo, e recostado numa pedra, um talo de capim entre os dentes, escreveria ou rabiscaria, coisas várias. Dizem — as pessoas supersticiosas — que tenho o dom da premonição e que tudo quanto escrevo após uma convulsão é profético; mas ninguém jamais conseguiu confirmá-lo, pois escrevo e rasgo, rabisco e rasgo. Os pedacinhos de papel são levados pelo vento, depois caem na terra úmida e apodrecem.

Agora mesmo, sentado aqui, neste dia de abril, fixo os olhos num pedacinho de papel amarelado que ficou preso entre as pedras e onde se lê "... no jornal". É minha letra, eu sei, mas quando o escrevi? E que queria dizer?

foi há muito tempo, é certo, mas antes da chegada do delegado? Hoje pela manhã ELE NOS REUNIU FRENTE À IGREJA: Do adro o homem alto, espingarda na mão, falou-no; lembrou o dia em que chegara, não há muito tempo. "Aqui cheguei para proteger vocês..." Todos de pé, imóveis, silenciosos. Maseu estava sentado; numa cadeira, na calçada do café, que fica fronteira à igreja. E entregava-me ao meu passatempo: lápis e papel. Mas não escrevia: desenhava, o que também faço muito bem. Do meu lápis surgiu o rosto impassível do homem alto. *Fui informado há pouco que um grupo de bandidos se dirige à nossa cidade. Devem chegar aqui dentro de uma hora. Sabem que a agência bancária está com muito dinheiro...* Era verdade; o soja fora vendido, os colonos haviam feito grandes depósitos durante a semana.

É minha obrigação defendê-los. Entretanto, conto com a ajuda de todos os cidadãos válidos... Naturalmente, anotei algumas destas frases: senti nelas o peso do histórico. As pessoas cochichavam entre si, assustadas.

Vão Para casa — concluiu o homem alto. *Armê-se e voltem. Espero-os aqui dentro de meia hora.* As pessoas se dispersaram e eu vi rostos apreensivos, crianças chorosas, as mulheres murmurando aos ouvidos dos maridos.

A praça ficou deserta. Apenas o homem alto parado na praça, o rosto iluminado de frente pelo sol forte, e eu oculto na sombra projetada pelo toldo do café. Cinco minutos depois, chegou o primeiro cidadão; era o barbeiro; quando surgiu na praça eu já sabia o que ele diria; que o delegado o perdoasse, mas que era chefe de família, tinha muitos filhos; e eu já sabia que o delegado ia desculpá-lo, recomendando que fosse para o Morro da Viúva com sua família onde estaria seguro. Mal o barbeiro se fora, e o farmacêutico aparecia, gordo, os olhos esbugalhados, a testa molhada de suor; que o delegado compreendesse... O delegado compreendia e também ao dono do bar e ao lojista que surgiram depois.

O último foi o gerente do banco; este tentou levar o delegado consigo, mas foi repellido brandamente; antes de sair correndo, gritou: *Delegado, o cofre está aberto; se não conseguir atemorizar os ladrões, pelo amor de Deus, entregue o dinheiro e salve a sua vida!* O delegado fez que sim com a cabeça e o homem partiu.

Foi então que o delegado me viu. Creio que só nós dois estávamos na cidade, à exceção dos cães que farejavam a sarjeta.

O homem alto ficou a me olhar por uns instantes. Depois atravessou a rua a passos lentos. Postou-se diante de mim, o homem com a espingarda na mão.

— O senhor não tem ajudante — eu disse — sem parar de rabiscar.

— É verdade — ele me respondeu. — Nunca precisei.

— Mas precisa agora.

— Também é verdade.

— Aqui me tem.

Tênue sorriso.

— Tu és doente, meu filho.

Por isso mesmo — digo-lhe. — Quero provar que sirvo para alguma coisa.

E então que ele vê o retrato em minhas mãos; seu rosto se contrai, ele avança para mim, arranca-me o papel: — *Me dá isto, rapaz, não quero que se lembrem de mim depois* — ele diz, e eu vou protestar, vou dizer que ele não faça isto, mas aí o seu rosto está diante de mim — onde? onde? — e sinto o grito fugir do meu peito, e nada mais vejo.

Quando acordo estou amarrado a um cavalo que sobe lentamente o



POESIA

CAMINHO DO ESPELHO À CAMA

Paulo Venturelli

Diga-se "creme"
para a escova-faca
a penetrar a boca no espelho

Diga-se "mão"
e o volume que a toalha esconde
sangrará de flor, de espera noturna

Diga-se "música"
denominando em círculo
o redondo escuro sobre o ar do quarto

Diga-se "sono"
ao fino tédio
O tédio é um fio sem cor
que liga o corpo ao princípio de sua realidade
ou história, como feita em pétalas de cimento

Diga-se "cama"
O corpo com seu pensamento soterrado
vai afundando enquanto se auto-navega
Tudo é além de gostos e teorias com desejos
O cruzamento das ogivas 'medo' e 'espera'
formam enfim um abrigo

Diga-se "luz"
lâmpada que no abajur se apaga
O corpo não se extingue com o escuro
e dentro dele não mora anjo nem diabo
mora um silêncio cheio de cavalos
que se removem

Diga-se "até depois" ou "dormir"
Faz madrugada
no muito além da janela

Paulo Venturelli é catarinense de Brusque, nascido há 24 anos. Faz letras na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, publicou poemas em jornais do interior e agora, com Koko, Yamagami e José Carlos Correa Leite, pretende lançar um livro, "Asilo de Surdos".

AS RATOEIRAS

Antônio Otávio Cortes Villela

As ratoeiras estão por aí,
espalhadas por todos cantos
armadas prum instante de falha
do seu cansado corpo canalha.
Cuidado com as quinas
não se descuide nas esquinas
a surpresa pode lhe pegar
e você é um rato pequeno
cuidado com o veneno
cuidado.
Busque seu queijo na noite
com muito tato
porque este será seu grande ato
e quando sair do bueiro
cuidado companheiro
cuidado

olha o seu cheiro
ele pode denunciar
as ratoeiras estão por aí
prontas pra lhe engolir.

(1974)

Só de 1972 para cá o carioca Antônio Otávio Cortes Villela, de 23 anos, tem ficado satisfeito com o que escreve. Ele é estudante de paisagismo na Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

AMIZADE

Marília Bessa Zenkner

Consta em minha boca
um sabor acre de folha mascada,
a poesia caseira impregnada
de farinha e fermento.
Cada mesa esfarinhada
requer um pão levedando,
e as dobradiças da porta anunciam
que chega mais um para a festa.
No pátio, o forno de tijolos,
pedras aquecidas pelas chamas
e no ar o cheiro de erva-doce.
O ritual está findo
quando o pão é repartido,
e cada um encontra em seu pedaço
a assada impressão digital do padeiro.

A gaúcha Marília Bessa Zenkner nasceu em Cruz Alta há 26 anos mas vive em Porto Alegre, onde estudou artes plásticas. Publicou trabalhos na revista ZH, na seção Leitura e no suplemento O Quadrão, da Folha da Manhã. É um dos nomes da coletânea "Teia 2", de poetas e contistas.

O poeta Mário Chamie analisa Xadrez de Estrelas, de Haroldo de Campos, e põe em xeque o Concretismo.

O PERCURSO EM MARCHA À RÉ MAIOR

Mário Chamie

A publicação de *Xadrez de Estrelas* (percurso textual 1949-1974), do concretista Haroldo de Campos, seguido de pronunciamentos seus e de seu irmão Augusto, suscita algumas questões, a saber:

1. O texto sem o amparo da teoria

Depois de toda a agitação intelectualista do Concretismo, era justo que se criasse uma expectativa qualquer em torno de seus resultados. Decorridos 20 e tantos anos do lançamento de um movimento que, hoje, se divide entre o folclore e o museu literário, era necessário que começássemos, se não a colher, pelo menos a saber onde estão os frutos. Um desses frutos poderia ser o livro *Xadrez de Estrelas*, que reúne uma amostra completa do que, durante aproximadamente 30 anos, o seu autor executou. Lendo o livro, porém, constatamos que o fruto continua no verde-limbo da esperança e não amadureceu nem para os leitores da geração de Haroldo de Campos, nem para os eventuais leitores mais jovens. A coisa é essa: haverá dois tipos de leitores para tal obra.

O leitor da mesma geração de Haroldo de Campos percebe, de saída, que o seu "percurso" vem do preciosismo da Geração de 45 até aos exercícios de ilustração de uma teoria já arquivada no seu dogmatismo estéril e formalizante. Percebe esse leitor que o volume se abre com os poemas de *Auto do Possesso*, cuja edição de 1950 é dedicada (agora, a dedicatória foi excluída) a Péricles Eugênio da Silva Ramos (na época mestre, modelo e mentor de Haroldo de Campos). Nesses poemas, verificará — independente dos esforços atuais para os vemos com outra óptica — o requinte bacharelesco e o sopro de uma irrecuperável retórica parnasiana marcada pela tônica do "lavor" cinzelado. Predominam ali guirlandas, berloques e lantejoulas do seguinte naipe: *A face do Senhor é o mármore impoluto/ Inçada de horizontes, como um trevo pensil; Eu ficarei rendido às madressilvas./ No bosque nunca mais das tlias do desânimo; a grande deusa vegetal de lábios de ametista; Quem te ensinara o*

diapasão das noivas/ Embevecidos em lírios de ninar?; e segue com camaféus, "tulipas púberes", "dervixes do vento", "lábios de debrum", "cílios de antimônio", "marfins renhidos", "fêmea de jade", "deus de vetiver", "nádegas de prata" mais outros "almíscares", "pituitárias" e "zibelinas" de fazer inveja póstuma à ouriversaria de Alberto de Oliveira e Olavo Bilac.

Depois do tom de 45, com sua conhecida petrificação, surge no percurso outra e nova forma petrificante: a aventura concretista propriamente dita. No âmbito dessa aventura, o leitor que acompanha Haroldo de Campos desde o começo não encontrará o rompimento desejável com a pedra-pome dos poemas iniciais. O que vai constatar, acima de tudo, é uma substituição de bússola sem mudança cardinal de rumo. Constatará o mesmo labor de antes, com a diferença de, agora, esse labor vir revestido e assessorado por um arsenal de fórmulas e eleições críticas extremadas. Não se dirá que tais eleições representem um corte radical e revolucionário para os destinos da criação poética. Trata-se mais de um fenômeno livresco, e de emulação fanática e de apego dogmático a uma, dentre as muitas alternativas para o novo *dizer e fazer* do texto. O extremo do apego se revela na programada submissão, entre uns e outros, a Pound, ao fetiche cego de Mallarmé e ao afã, daí decorrente, de decretar um recetário salvador e único, fora do qual a poesia seria impossível. A sombra de semelhante sectarismo, o leitor contemporâneo de Haroldo de Campos foi posto na seguinte situação: — nada tinha a ler nos seus escritos a não ser a teoria e o formulário prévios de que esses escritos eram a simples etiqueta. Ficou o leitor condenado a concordar com a afirmação do próprio Haroldo de que as palavras (o poema) são "coisas" e não "intérpretes de objetos exteriores". Em outros termos, ficou condenado a ver o andaim e não o prédio.

Nem tudo, porém, no âmbito da aventura concreta de Haroldo de

Campos, deve ser encarado assim. Houve dois momentos de retempero e mudança no seu percurso. Digamos: duas tentativas. A primeira foi a tentativa de articular a realidade da linguagem com a linguagem da realidade viva e socialmente situada. Mas, como o cachimbo faz a boca torta, Haroldo de Campos compôs *Servidão de Passagem*, ou seja, um pasticho e uma ferrenha mamada. As gordas tetas de Lavra Lavra o comprovam.

A segunda tentativa consistiu na procura da realização de um discurso plurilingüe, sob o direto influxo da intertextualidade proposta e anteriormente executada pela vanguarda nova (os conhecidos *intertópos*). Ainda com a boca torta, Haroldo passou a elaborar então as suas *Galáxias*, ou seja, um papel-carbono da viagem e peregrinação de Oswald (ver *Serafim Ponte Grande*) metido no invólucro da dicção de *Now Tomorrow Mau*. Isto, é claro, sem contar o intermediário "spontaneous Finnegans Wake", chamado *Old Angel Midnight*, de Kerouac.

Para o leitor da geração de Haroldo de Campos, portanto, o quadro de *Xadrez de Estrelas* é esse: o de um autor às voltas com a sua própria má-consciência, no super-auto-valorizado empenho de construir a imitação de si mesmo, através da imitação dos outros.

Já para o leitor novo, sem o amparo da teoria prévia, *Xadrez de Estrelas* (ora, direis...) poderá passar por uma sucessão de páginas com ou sem palavras, em que as palavras que predominam são desse pedantismo dicionarresco: "actínia", "jocunda", "satúrneo", "calcâneo", "columba", "harpsicórdio", "constelário", "erupto", "naufacto", "jacências", "pedúnculo", "euxino", "bucrânio", "cinocéfalo" e outras lantejoulas.

Diante desse panorama, guardamos a sensação de que Haroldo de Campos não anda nem para frente, nem para trás; é um peru com asa de pavão que, no esplendor de sua cauda em leque, faz o tempo todo glu-glu sem sair do circo do seu círculo. E isso animado e alimentado, infeliz-

mente, por uma compulsiva má-consciência, conforme testemunham seus testemunhos abaixo.

2. A ilusão de ser maldito e sua importância

A má-consciência, que é a pior forma de presunção, pisca um olho para a sua realidade mas se recusa a reconhecê-la. Ao contrário, procura criar as suas próprias ilusões, escondendo-se nelas, e fazer de si mesma uma idéia de valor tão alto que torne impossível o seu reconhecimento pelos outros. Nesse jogo de mágico de cartola, a má-consciência não tem nenhuma modéstia: estabelece paralelos e comparações e se confere privilégios muito raros, sem se preocupar com o ridículo. Um privilégio que Haroldo de Campos se confere é o de ser poeta maldito e, por isso, de importância não compreendida. Vendendo-se assim — o que é uma maneira de não se ver — ele distila a sua benevolência para quem não o alcança, espelhando-se, de saída, em Hoelderlin, um dos seus escolhidos para as suas comparações e paralelos. Em entrevista ao *Jornal da Tarde* (S. Paulo, 27/11/76) fala de si falando do poeta alemão: “E quem melhor do que Hoelderlin, poeta fraturado, poeta de desrazão eversora, sentiu a *carência* dos tempos em que escrevia? Ele que foi incompreendido por Goethe e Schiller, os maiores nomes poéticos oficiais de sua época (para sequer mencionar a crítica)? Uma incompreensão tão *escandalosa*...”

Pondo de lado as ilusões comparatistas, Haroldo de Campos (e o Concretismo) não é nenhum Hoelderlin redutivo do bairro das Perdizes. É, exatamente, o oposto: — ao invés da “desrazão eversora”, ele representa o racionalismo mecânico, esquemático e repressor com o seu plano-piloto, “ostinato rigore”, matemática da composição, etc.; ao invés de ser incompreendido, ele é o beneficiário da compreensão organizada em forma de terror cultural através do rígido e programado controle de cursos universitários, publicações especializadas, editorias, assessoramento direto a autores e livros da história da literatura brasileira, além de conhecido exclusivista intercâmbios internacionais; ao invés, portanto, de estar à margem (como um maldito) da oficialidade, Haroldo de Campos encarna o próprio poder oficial, ditando regras, valorizando, arbitrariamente, uns autores e idéias e desvalorizando outros, segundo o critério fascista de considerar tradições válidas e tradições não-válidas.

3. A mitomania do fazer-pouco e a indiferença olímpica

A má-consciência não se contenta apenas com a “maldição” feita glória desejada. Vai adiante. Gera as suas naturais mitomanias. No caso de Haroldo de Campos, uma das suas mitomanias preferidas é aquela segundo a qual quem faz pouco vale mais. Em outras palavras: o grande poeta, para

ele, é o que necessariamente produz pouco contra os muitos que muito produzem. Defende, assim, o seu pouco-fazer (ou fazer-pouco), invocando outros nomes para outras comparações. Busca, então, em escala absoluta, o paralelo direto com Orfeu e, em escala não tão absoluta, o paralelo com Mallarmé, mais Gottfried Benn e Nerval de quebra. Certo de sua grandeza órfica e indiferença olímpica nos esclarece que “a condição ontológica da grande poesia contemporânea” é a “pouquidade” (não confundir com “pouca idade”). Graças a essa “pouquidade”, Haroldo de Campos se concebe um “apocalíptico laico” e um autor “epifânico”. Incluindo-se na constelação dos seus novos pares (Orfeu, Mallarmé, Nerval e Benn), explica: “A poesia está, para mim, nessa tensão de limites, nessa exploração dos confins, que tem algo de apocalíptico: um *apocalipse*, laico, retomada a palavra no seu sentido etimológico de re-velação, de descoberta. Por isso, com cada poema realmente novo que fazemos, a poesia parece terminar, o muro parece fechar-se. Por uma inelutável *circunstância do Jogo*. Eurídice-poesia retorna sempre a *região adormecida*. O apocalipse laico também é epifânico: sua duração é instatânea, jamais pode ser renovado nos mesmos termos”. E continua: “Por outro lado, o que significa escrever pouco? Toda obra poética de Mallarmé cabe num pequeno volume. Nerval deixou meia dúzia de sonetos *ilegíveis* à sua época que, na metáfora borgiana do Tempo-Antologista, rasurem para o leitor de hoje toda a voluminosa obra poética de Victor Hugo... Gottfried Benn, um dos maiores poetas alemães do nosso tempo, em sua famosa conferência de 1951, *Probleme der Lyrik*, mostrou como essa *pouquidade* no escrever pode ser tida por uma condição ontológica da grande poesia contemporânea. Basta lembrar que o *Coup de Dês* de Mallarmé — a *Commedia* de Dante da Era Industrial — tem apenas onze páginas”.

Depois de todas essas libações e auto-atribuições implícitas, Haroldo de Campos tentará nos deixar claro que, sendo ele “epifânico”, “apocalíptico” e “ontológico”, será, por via de consequência, “universal”. Dado, porém, ser ele brasileiro, vivendo em determinado país com certas fatalidades (língua, história, situações culturais) e problemas, para ser “universal” terá que ser “de algum modo marginal” e “subterrâneo”. Acreditando reunir em si todas essas categorias fundamentais da “pouquidade”, apela em nome de sua grandeza órfica, para o argumento de autoridade do seu semi-preceptor Octavio Paz e para as suas novas comparações, envolvendo, desta vez, Fernando Pessoa e Sousândrade. Afirma na citada entrevista do JT: “Ser um poeta brasileiro significa para mim, antes de mais nada, o

modo brasileiro de ser universal. Octavio Paz, em *Literatura de Fundación*, vê no nacionalismo fechado uma *falácia estética*, assim como aponta que a aplicação às artes da palavra *subdesenvolvimento* carece de sentido, é uma *excrecência da idéia de progresso econômico e social*, um *eufemismo diplomático* do linguajar das Nações Unidas tomado de empréstimo ao jargão dos economistas”. E acrescenta: “Quanto à *subterraneidade*, que poesia realmente inovadora, em nosso tempo (e não só nele, do Romantismo essencializador de Novalis e Hoelderlin para cá), não tem sido de algum modo marginal? Que o diga o baú de inéditos de Fernando Pessoa... Sousândrade, o maior romântico brasileiro, um poeta *que faz falta à poesia do mundo*, como observou com justeza Fausto Cunha, teve de esperar quase cem anos para que o seu *terremoto clandestino* pudesse ter acústica entre nós”.

Deixando de lado as apoteoses das afirmações (e sem discutir o aristocrático e anti-dialético conceito de *subdesenvolvimento* do regular poeta Octavio Paz), o fato é que as coisas não se dão como imagina o nosso concretista. Vejamos. Não é verdade que a condição (ontológica ou não) da grande poesia contemporânea seja a pequena produção. Isso é puro maniqueísmo. Aí estão: Ezra Pound com uma obra vasta; Eliot com uma obra profícua; Drummond com uma obra extensa; Cabral com uma obra numerosa; Fernando Pessoa com uma obra multiplicada nas suas mil e tantas páginas; o mesmo acontece com Apollinaire, Maiacovski, Ungaretti e outros. Não é verdade, também, que Haroldo de Campos seja de alguma maneira “um marginalizado” com a sua “subterraneidade”. Longe disso. Haroldo de Campos é um exímio *marginalizador*. A sua atividade, aliada a do seu irmão Augusto e a do seu comparsa Décio Pignatari (o nosso trombadinha-mor das semióticas de algibeira), é discricionária e a “subterraneidade” que exerce é a do preconceito posto em prática a favor das suas crenças e dogmas. A propósito, basta lembrar o feudo em que transformaram a editora *Perspectiva*. Lá são donos de coleções (exemplo: *Coleção Signos*) em que editam apenas os seus livros ou os livros que, direta ou indiretamente, dizem respeito à sua seita e/ou sinagoga. Na *Coleção Signos* foram publicados até agora quatro livros, dos quais três são de autoria dos três concretistas; e o quinto previsto é de Augusto de Campos. Ainda na *Editora Perspectiva*, participam dos chamados Conselhos Editoriais de outras coleções. Por exemplo: Coleção “Estudos” e Coleção “Debates”. Em ambas, cada concretista tem de dois a três ou mais títulos publicados, tudo num trabalho de confraria que envolve boicotes, chantagens e permuta de elogios, convênios, distribuição nacional e internacional, aliciamentos em cadeiras

de Faculdades de Letras e daí por diante.

Levantar, portanto, o paralelo do "baú de inéditos" de Fernando Pessoa ou os "cem anos" para o reconhecimento de Sousândrade, pondo-se (como um profissional da marginalização) na pele desses autores, é mais uma descabida e planejada presunção da má-consciência.

4. O ressentimento lamentoso

De presunção em presunção, a má-consciência contrói, por fim, a sua própria lógica. A sua própria coerência interna. Assim, a "maldição" ilusória, a crença na glória póstuma e a indiferença olímpica produzem a certeza de que o tempo parou *com e no* Concretismo; a certeza de que se a poesia concreta está morta é porque a Poesia, em sua totalidade, morreu com ele. Conforme, pois, essa certeza delirante, Haroldo de Campos acredita que, depois do Concretismo, a Poesia brasileira é uma planície de covas. Não só *depois*, *antes* também, salvo raríssimas exceções eleitas como Sousândrade, Kilkerry ou Oswald. Com isso, ele chega ao último estágio do seu auto-apocalipse: — o estágio do ressentimento lamentoso, que o impede de se conformar com o fato histórico de que as correntes poéticas surgidas, após o Concretismo, colocaram em definitivo a limitada importância desse movimento da vanguarda velha no seu justo e devido lugar.

O ressentimento estéril é, portanto, a tônica comum dos pronunciamentos em que Haroldo e Augusto de Campos se especializaram nos últimos tempos. Na entrevista do *Jornal da Tarde*, por exemplo, é assim que Haroldo vê a poesia que deixou o concretismo para trás: "o mais novo ainda não foi decodificado entre nós. (...) O novo, entre nós, está se fazendo hoje, em poesia, nas publicações marginais, esporádicas: *Polem*, *Nավիւղա*, no Rio; os dois números de *Código na Bahia*; *Poesia em Greve*, agora *Qorpo Estranho*, em São Paulo: independentemente de idade e gerações, de um Régis Bonvicino e um Antônio Rizério, que têm em torno de 20 anos, a um Edgard Braga, patriarca semiótico, já chegando aos 80". Augusto de Campos trilha o mesmo caminho. Em outra entrevista (*Diário de S. Paulo*, de 28/11/76), com o sentimento penitente de uma noviça desfolhada, declara em tom de lamúria: "Atualmente, seguindo o conselho de Voltaire, dedico-me a cultivar o meu jardim. Escrevo para os meus amigos". E, entre buquês de frustração, desfolha as suas manjadíssimas pétalas de desconsolo: "Mas o problema é que, depois da poesia concreta, nada de importante aconteceu no campo propriamente literário. Só subcorrentes. Informação de segunda mão. Não original. Especializaram e diluíram aspectos da poesia concreta e chamaram os produtos de outros nomes. Aqui, foi a *poesia processo* que pregou Wladimir e propagou os poemas se-

mióticos de Pignatari. Não é possível levar a sério a *poesia práxis*. Como disse Haroldo, poesia que não agride e não agrada. E acrescento: só regride. Os verdadeiros criadores, na geração que sucedeu à nossa, vamos encontrá-los fora da literatura, na área da música popular, da era D.C. (depois de Caetano)".

Conhecedores de longa data do ranço e do visgo das opiniões que fazem as vicissitudes dos vícios dessa noviça sem viço que é Augusto de Campos, voltemos à realidade histórica com rápidos comentários às suas afirmações e às afirmações de Haroldo. Começemos por este. O que Haroldo de Campos chama de *novo* já é muito velho e a sua decodificação já foi, exaustiva e cansativamente, feita. Graças a essa decodificação é que as gerações mais novas e posteriores ao Concretismo chegaram ao pleno conhecimento de suas insuficiências e estreitas limitações criativas. Daí a perda do seu interesse e atualidade. Além disso, *novo* é aquilo que, ao transformar a linguagem e o discurso, passa a ser patrimônio comum, aceito e usado até inconscientemente pelas pessoas. Isso aconteceu, por exemplo, com o Modernismo que, entre nós, instaurou um novo *falar* de que até hoje, em alguma escala, somos portadores. O Concretismo não instaurou nenhum *falar* e, apesar de sua agitação publicitária em sentido contrário, nasceu como um reflexo de segundo grau em relação a algumas experiências setoriais da simples retórica literária (caligramas de Apollinaire, ideograma de Ezra Pound, poema-minuto de Oswald). A sua condição de reflexo miniaturizado se acentua ainda mais, à medida em que se sabe que é subproduto, à nível literário, da música concreta que lhe é anterior e da pintura concreta, introduzida no Brasil, com esse nome, por Waldemar Cordeiro, na linha de Max Bill e seguidores. O Concretismo não foi um movimento ditado pela necessidade coletiva de uma linguagem. Nasceu como o lado velho e acadêmico de uma novidade já consagrada e consumida. Por isso, mesmo com o seu bem montado esquema de promoção interna e externa, o seu auditório efetivo é constituído de alguns clérigos voltados para o cultivo do seu pequeno e artificial jardim.

Sendo, pois, *velho* o conceito de *novo* que Haroldo de Campos apresenta, também as publicações e nomes a que se refere padecem de esclerose e senilidade. Todas as revistas mencionadas (controladas de perto e de longe pelos concretistas) são um melancólico repositório de sobras e de ressonâncias arquivadas do *já-feito* e do *já-gasto*. Representam um tardio exercício escolar praticado sobre caçoetes e pequenas fórmulas esvaziadas, há mais de 20 anos, nos seus usos e recursos. Exceto a presença do falecido poeta José de Oliveira Falcón (ligado à vanguarda nova), na revista

Código, o resto cumpre tarefas de inventário numa repetida partilha de bagaços e bagulhos. Os nomes citados por Haroldo de Campos ilustram o cenário das publicações. O jovem Antônio Rizério com o pouco (quase nada) que escreveu até agora só conseguiu demonstrar o quanto a idolatria cega conduz a um só destino: o do estrangulamento da inteligência. Nos seus 20 e poucos anos, Rizério corre o risco de se tornar Rizível se continuar a adorar os seus ídolos concretistas, sem o mínimo necessário de distanciamento crítico, para não apenas deixar de ser boneco de ventríloquo como também ter abertura para uma avaliação correta da importância de outras correntes e contribuições. Não lhe faltaria capacidade. O outro citado é Edgard Braga. Citá-lo é até crueldade. Edgard é a mais completa amostra-grátis de todos os movimentos a que se atrelou, desde 22. Sem nenhum senso criativo, franco-atirador, ele sempre adere no instante em que os movimentos estão em fase de declínio e decadência. Assim foi com 22, com a Geração de 45 e com o Concretismo. Não existe pior sintoma para um movimento do que a sua adesão.

Quanto às opiniões de Augusto de Campos, convém distinguir antes a sua devoção por Eras e Calendários. Para ele, existe a era A.C. (Antes de Cristo) e a Era D.C. (Depois de Caetano). Sem macular o seu culto, devemos porém dizer que os seus argumentos-de-fé, conquanto divinos, pecam por descontrolado e deformação.

O descontrolado gira em torno das suas noções de "importante", "campo literário", "subcorrentes", "informação de segunda mão", "original" e, como não poderia deixar de ser, "diluição". A deformação, por sua vez, gira em torno do que ele entende por "verdadeiros criadores". A falta de controle e o entendimento deformado correspondem à velha compreensão porco-chauvinista das coisas, típica de quem vive aprisionado a clichês mentais como "paideuma" e outras classificações exclusivas. Assim, "importante" para ele, é o que importa aos seus interesses de compromisso, e não o que tenha valor em si mesmo. E, como se sabe, os clichês que traz na cachola costumam ditar coisa da seguinte ordem: importante é Mallarmé, Baudelaire não; importante é Apollinaire, Lautréamont ou Rimbaud não; importante é Oswald, Graciliano Ramos não; importante é Joyce, Kafka não. Pouco importaria ao nosso paideumático que Baudelaire tenha profetizado e diagnosticado, mais a fundo do que Mallarmé (o que não diminui nem aumenta a importância dos dois), o homem moderno; ou que Rimbaud, Lautréamont e Kafka tenham revelado e modificado a interioridade desse homem. Na ótica dos seus compromissos, a importância desses autores seria menor. Como seria menor o "campo literário"

preenchido por eles, como seria de segunda mão a sua informação ou, como, em última análise, seriam meros diluidores na sua "originalidade" de "subcorrentes".

Para todo porco-chauvinista, qualquer outra proposta que não fique nos limites exíguos dos seus interesses não é válida. É o curioso é que isso, que para eles não tem validade, é o que mais os incomoda, os persegue e os desespera. Nesse desespero adotam a solução final, ou seja, eliminam da mente a sua existência, a sua consistência, a sua produção original e diferenciada de linguagem, o seu uso e o seu amplo espaço de influência instaurada.

A solução final de Augusto de Campos contra a evidência do vigor dos fatos é essa: deu-se um branco em sua mente e depois do Concretismo o "campo literário" ficou vazio, não houve nada. Em compensação, a "área da música popular" deu sinais de vida. Acontece que os sinais de vida da música popular, admitindo-se o agosto calendário D.C. (Depois de Caetano), ocorreram a partir de 1967, ou seja, cinco anos após o surgimento da vanguarda nova ou da poesia praxis. Durante esses cinco anos, a poesia brasileira se libertara, de uma vez por todas, do impasse e da esterilidade concretistas, implantando uma nova consciência de produção e leitura com um novo discurso, baseado na virtualização da palavra e da frase antes extirpadas dos códigos de composição da vanguarda velha. Fruto imediato e direto, a nível de comunicação popular desse novo discurso, foi exatamente a música que apareceu com o Tropicalismo e com outros compositores do porte de Chico. Basta justapor e confrontar as soluções matriciais dos poemas da vanguarda

nova com as letras desses compositores, para não se ter dúvidas quanto à incorporação natural e ao uso popularizado daquelas soluções. Há os casos, inclusive, de paráfrases, citações e transcrições de processos da poesia praxis em Gil, Chico e Caetano. São irrelevantes, aí, as aproximações de caráter pessoal e de amizade conveniente entre Augusto e os bons baianos. O que interessa é o poder de uma linguagem nova que se tornou patrimônio comum e coletivo. Hoje também está se tornando comum e coletiva a nova forma de oralização de poemas para grandes auditórios, conforme já preconizava a vanguarda nova.

Entre o Concretismo e o ano de 1967 não houve, pois, um espaço vazio ou o florescimento de uma "subcorrente" qualquer. Ao contrário: houve o esvaziamento do Concretismo com a instauração de um espaço para a praxis de uma poesia revolucionária, cuja linha de força abasteceu a música popular da época e continua a abastecer a música popular mais jovem. Tanto isto é assim que o esvaziamento do Concretismo acabou se concretizando no seu último e temporário gemido, em 1968, com o poema-processo animado pela casta Maria Bonita de todos os Lampiões da vanguarda velha, que é esse inofensivo e incolor Wladimir Dias-Pino.

Os "verdadeiros criadores", portanto, não estão onde Augusto deseja colocá-los. O seu lugar histórico é um só: constituem a base e a fonte de apóstolos e não-apóstolos da Era D.C. que, a essa altura, também já era ou já foi.

O resto é lamento e chique de má-consciência.

5. O aristocratismo provinciano e conclusão

A má-consciência não é incurável. Tem cura. Pode ser apenas um mal adquirido. Para se curarem, seria suficiente a Haroldo e seus pares se libertarem do aristocratismo intelectual paratoso que os converte em meros e talentosos repetidores de detalhes de Joyce ou Mallarmé. Seria o bastante se livrarem das suas tutelas periódicas que mudam ao sabor das conveniências desse aristocratismo: — anteontem, a tutela de Max Bense; ontem, a de certos estruturalistas; hoje, a dos Octavio Paz e Severo Sarduy da vida. Esse aristocratismo já está até fora de moda e é, sumamente, provinciano.

Talvez o melhor caminho de cura dos concretistas seja o de discutirem, dialogarem e se pronunciarem sobre o que está à sua volta, sem o orgulho, a um só tempo, medroso e arrogante de enfrentarem a realidade. Se essa realidade, porventura, é carente e choca, nem por isso deixaria de existir uma razão dialética para o seu debate.

A tolice maior será viver, em nome do aristocratismo culturalesco, num Olimpo de paróquia, roendo-se com o complexo de que não existem, fora da paróquia, "interlocutores válidos". Todos os interlocutores são válidos, desde que sejam interlocutores. Especialmente, os que não pensam da mesma maneira.

Fique, pois, a cura da má-consciência como uma sugestão. Na pior das hipóteses, ela poderia demonstrar que se o Concretismo é já peça "morta" e catalogada no museu da literatura, os concretistas ainda vivem e têm todas as condições de não continuarem a falar sozinhos o tempo todo.

ASSINE ESCRITA

Desejo assinar Escrita a partir do nº

() por um ano (Cr\$ 180,00)

() por seis meses (Cr\$ 90,00)

Solicito o envio gratuito dos seguintes números atrasados:

.....
(três para assinatura anual, dois para semestral)

Nome:

Endereço:

Cidade: CEP: Estado:

ATENÇÃO

Segue vale postal () / cheque visado () para

Vertente Editora Ltda. — Rua Monte Alegre, 1434

Fone: 62-3699 — 05014 — São Paulo (SP)



OITO NOVOS POETAS

Apesar de tudo o que se diz em contrário, especialmente a tão repetida frase de que poesia não vende, os jovens poetas brasileiros têm conseguido editar seus livros, que, vencendo as pequenas tiragens, alcançam pelo menos o limitado círculo de críticos e cronistas, alguma repercussão em páginas ou suplementos literários de jornais e revistas, e, até mesmo, vez por outra, conseguem alguns leitores. São raros, porém, aqueles autores, jovens ou não, que têm alcançado projeção diversificada da influência cabralina, que significa não apenas uma reflexão sobre a forma poética como a preocupação pela linguagem poética em si. Não raro, encontramos autores inteiramente voltados para estas perquirições em torno do sentido da poesia, de sua significação, esquecendo-se porém que tal significação advém apenas da relação entre a forma poética e a realidade com a qual ela se vincula com maior ou menor estreiteza, isto é, na medida em que mais larga e profundamente

pensa a vida, e dentro dela, a própria poesia.

Na maioria das vezes, contudo, a preocupação do poeta se inverte e acabamos encontrando bons poetas que se perdem em preciosismos formais, quase circunlóquios reduzidos à esfera dos próprios poetas, como é o caso de Max Carpentier, amazonense que, com bom domínio técnico do poema, esgota-se numa espécie de revirar nas próprias mãos a preocupação de sua própria atividade poética: "Quem demorar nas grutas/ do suplício/ será bloco de neve circunscrito/ no coração (distante)/ equacionar as vésperas do/ sonho/ em termos de pousada e mão cativa." (pg. 27). **Quarta Esfera**, aparentemente uma edição de autor da Casa Editora Madrugada, recebeu menção honrosa no Concurso Prêmio Estado do Amazonas, em 1968, mas foi publicado apenas no ano passado. De vocabulário extremamente fechado em um ciclo metafórico próprio, o livro tenta transformar a Amazônia em tema universal, idealizando-a como a bem-amada do poeta, dotada até mesmo de um certo erotismo advindo de uma identificação telúrica como a que Bopp soube lhe adivinhar em "Cobra Norato". No entanto, o poeta de "Quarta Esfera" reduz o tema a um amontoado de alienações tais que termina por se perder em exclamativas frases pomposas à Transamazônica, a que dedica dois cantos poéticos, concluídos com um "és, Transamazônica/ ato de amor maior" (pg. 107), depois de chamar a estrada de "rodovia-amor, rodovia-uniidade./ tu, que o espaço dominas e o/ tempo nutres no peito/ de equilíbrio e luz pousada" (pg. 106). Não parece o poeta seguir o que propõe num dos poemas finais, intitulado "Poética": "Crer na missão irmãos, e/ segurar a cauda de cometa/

da palavra (da palavra/ que existe, mas que falta)/ até que te desabe a sensação/ de te despedaçares nas estrelas:/ o cometa então pára e o dominamos, luz raptada e súbita nos punhos." (pg. 143), embora a série de sonetos que o volume apresenta aqui e ali mostre-nos bons poemas, como "Do Cajueiro" de nítida inspiração cabralina: "Sou frágil mas domino a várzea e o monte./ Clara, se repartindo aroma e abraço./ a seiva que me anima se sucumbe/ na areia tenra, eleva-me na brisa./ Se aceno amor aos olhos que me querem./ dando pétala e polpa aos seus cansaços./ reduzo a eternidade, virilmente./ a mãos que acodem, lábios que sustentem.../ Pasto vivo de pombas e verões./ meus frutos são de esmalte e manã líqüida./ Aprendo-me, não durmo. Sou feliz./ E quando a noite despe-se em meus galhos./ possuuo-a fresca — límpida morena —/ em desmaios de estrelas sobre o chão..." (pg. 121).

Não muito diversos se colocam os problemas levantados por participantes do volume **Quatro Poetas Modernos**, péssimo título que a Editora Cátedra encontrou para reunir a obra de Domingo Gonzalez, Fernando Py, Francisco Igreja e Myres Lagioto. Na verdade, nenhum deles possui qualquer identificação com o outro, e se ser moderno é ter a rima livre e o ritmo variado, eis aí a única explicação

LIVROS

para chamá-los de "modernos". Ironia, a ecologia carioca, algumas aliterações de maior facilidade, preocupação formal modernizante oriunda sobretudo do concretismo, eis em geral as características de Domingo Gonzalez, brasileiro naturalizado, de origem espanhola. No final de sua coletânea, porém, ultrapassa-se o puramente supérfluo, com alguns poemas dedicados ao espanholismo. Em especial "Poema da Geração" e "Caminho Crítico" (pgs. 27/29) atestam a veia poética do escritor, aparentemente dispersa, porém, em elementos outros que não consegue aprofundar. Na segunda parte de "Caminho Crítico", por exemplo, diz o poeta: "Mesmo que você não queira./ minha sombra é nervoso fuzil/ que vigia minha guarita inexistente./ vigia minha querida mulher-solúvel./ minha metafísica filha desprotegida./ Mesmo que você não queira./ a insônia de Hitler/ começou em Guernica, e herdamos/ incoerente miséria/ feita de ossos bombardeados./ Herdamos restritos corações./ enclausurados nas minadas mentes". (pg. 29). Aqui o poema se constrói, anda, alcança unidade. Mas é momento raro. Já Fernando Py não esconde a veia erótica que anima sua poesia. Eis a exuberante manifestação de quem encontra, na figura feminina, maneira de ser e de estar, num domínio do verso que não esconde nada, como em

"Confissão" (pg. 35), explodindo, literalmente, em forma pujante, assim como em "Fronreira Dissipada": "Nos olhos, nos seus olhos, já percebe/ essa febre que o incita a amá-lo./ Contra a condenação e a cólera, o desejo/ do corpo, carne e pele, rompe/ e desafia a voz persecutória./ O amor sem restrições ou rigidez/ liberta-se no anel de mútua posse./ no afogar em saliva a boca túmida. Isentos da contingência macho/fêmea/ buscam a ambígua integração" (pg. 52). Dificilmente encontra-se, hoje, descendente assim forte de Bocage, que tem o dom do exato termo para refletir o corpo, e o faz magnificamente, como em "Vozes do Corpo" (pg. 57). Francisco Igreja é o mais "modernista" de todos, como facilmente se verifica das experimentações da pg. 73 e seguintes, intentando uma corrente poética contínua, em que aliterações, o jogo da palavra-puxa-palavra, a decomposição silábica dos vocábulos na busca de novas significações, marcam (e por vezes atrapalham) a composição poética. Uma exceção talvez seja o canto XXXIV, dedicado à América Latina, em que o poeta, encontrando um tema, encontra com naturalidade, também, a forma a ele adequada: "celeiro de braços: América/amordaçada, latina/ combatida./ tortura/ (no permanente ato)/ América rastejante, vítima de sua fragilidade/ latina, sem nações, só América/ unida em opressão/ — tesouro extraviada de nossas bocas/ seus anônimos nas ruas mártires/ e que são lembrados/ desfiliam na minha mente" (pg. 90), mas na qual permanece o excessivo prosaísmo que tanto afeta seu trabalho em geral. O volume se encerra com Myres Lagioto, que reúne em "Correntes" tentativas de poema em prosa, e depois composições não tituladas que continuam, tematicamente, as sugestões sempre contidas no poema anterior. Marcado pelo relativismo da vida, pela passagem do tempo, esta poesia, de tendência filosófica, peca, igualmente, pelo prosaísmo, numa necessidade urgente de depuração formal, de corte de palavras, em especial preposições e conjunção, que em nada ampliam a proposta do poema, mas atrapalham profundamente a leitura rítmica a que o leitor se propõe.

Apresentado pela Editora Cooperativa de Escritores, o livro de Raimundo Caruso, **Poemas para Certa Canção**, é uma tentativa de poesia latino-americana, misturando espanhol e português, homenageando a Atahualpa Yuipanqui, Lorça, Mercedes Sosa e outros, sob forte influência do poeta andaluz. Poesia do cotidiano, tentativa do poema relativo aos objetos de uso comum, eis aí uma experiência de poesia urbana que merece a atenção do leitor, como "O Dia do Homem": "O homem não vive no ar/ como por magia/ as nuvens/ subindo escadas de água/ uma casa de canas/ e a rua/ com tambores/ de pele/ de ove-

lha" (pg. 27). Apesar do corte talvez demasiadamente seguido do verso, obrigando a uma leitura entrecortada de pausas, Raimundo Caruso mostra que sabe para o que veio, e dá seu recado. Mesmo que por vezes o poeta sucumba ao formalismo vazio da experimentação inconsequente, como ocorre na série dos "Cinco Poemas Atuais sobre a Desordem", em que o escritor nos dá tentativas de versões diferentes dos mesmos versos, este conjunto se revela suficientemente bem armado para resistir, como metáforização ampla, inventividade latente, e uma emoção pura que ultrapassa, em todos os momentos, os equívocos formalistas, como ocorre em "Poema para Juan", das melhores composições do volume. O discursivo excessivo que em alguns momentos invade o poema, assim, é vencido pela força de verdade que anima a composição, e mesmo quando a proposta lúdica se apresenta ao leitor, como em "Diária" ou "Esláides", a aceitação do desafio e o encontro da forma exata devolvem o poeta de maneira íntegra ao leitor, que é aquilo que em última análise mais importa.

Yolanda Jordão é nome por demais conhecido na poesia brasileira, e ao surgir este seu *Biografia do Edifício e Anexos*, pode-se dizer que ela está publicando seu mais importante livro. O longo poema que dá título ao volume é excelente, transformando o edifício em belíssima metáfora da vida humana, e dimensionando aí o tema que animará todas as composições aqui reunidas: o sentimento de passagem irreversível do tempo, tempo que "está caduco o dia um realejo/ no fio da calçada vão pés em sacolejo" (pg. 24), e que, por isso mesmo, ao completar-se o ciclo vital do edifício, "retiram-se todos ao escurecer/ dobram a esquina sem se virar" (pg. 25). O tema vai se repetir constantemente. "O que fica é só começo", diz ela em "Testamento", e este sentimento alcança também a dimensão social, como em "Ítens e Aôs": "Máquinas se vêem/ convertendo pedra em pão/ entanto vão povos/ minguando à fome/ nas zonas que as provêem" (pg. 33). Se poesia é sobretudo síntese, eis a poesia perfeita de Yolanda Jordão, que sabe encontrar o vocábulo correto que, sem perturbar o ritmo, permita o dizer exato, medido, objetivo, construindo-se gradativamente um sentimento de nihilismo que marca grande parte dos poemas, na medida em que se constata que "da casa dos homens não sai/ uma só voz de ajuda/ para o golpe certo das luvras macias" (pg. 41). O poeta reconhece-se em "calabouço", "torre de marfim declarada", "encerrado no que se é", "Ícaro dos pés de mel" para quem é "inútil arguir com asas ensopadas". A consequência deste sentimento é uma tendência ao fechar-se em si mesmo, "o que mais inventar/ que suas próprias imagens?" de que "História da Caro-

chinha em Prosa e Verso" e "Vitória", em sua franca ironia, constituem as construções mais significativas, esta última em especial.

Merece destaque especial o livro de Pedro Paulo de Sena Madureira, que traz longo e importante prefácio de Ivan Cavalcanti Proença. *Devastação* é, sem favor algum, dos livros de poemas mais importantes que li em 1976. Da interrogação inicial expressa em um "para o que", à constatação da "alma oprimida", e da "realidade possível", constitui-se uma poesia que fala do negativo, "mordaças", e isso desde o poema inicial, em que os vocábulos são específicos: fraturas, ferida, esgarçado, vil, resta, remendos, laivos, luz que não se suporta, obscuros pântanos, etc. Toda esta primeira parte do livro é a constatação da luta do homem no universo, em que "de agrura em agrura faz-se/ alvor um texto antigo" (pg. 29). A luta, porém, não é apenas humana mas também poética, pois, paralelamente à descoberta da vida, existe a descoberta da poesia possível nesta vida. "Oca flor galgando pedras/ (...) o poema submete o instante" (pg. 30), reconhecendo-se, inclusive, em Deus, o poeta maior (pela grafia de Quem, à pg. 37). Estabelece o poeta, assim, um diálogo entre o universo e a poesia, poesia esta que se concretiza apenas no poema, embora o ultrapasse, mas cujo sentido permanece na medida em que é o poema a coisa palpável, concreta, que o poeta entrega ao leitor, possibilidade de diálogo com o mundo que se estabelece numa espécie de triangulação, objeto-poeta-leitor. Da mesma forma que em Yolanda Jordão, na poesia de Pedro Paulo reconhece-se a condição sofrida da vida, o envolvimento pelo nada, cujo sentido se constrói apenas na medida da luta. Daí a segunda parte do livro, "Revelações", em que o poeta passa em revista toda ou quase toda a poética universal, focalizando o poeta como arauto, em cada época, do que o rodeia, mas sem abdicar, um só momento, de seu próprio posicionamento ante este universo, utilizando o substrato do outro como desenvolvimento a sua própria proposição. Aberta e encerrada esta parte com poemas "À la Mallarmé", o reconhecimento, enfim, de que o poema é o tormento maior, consciência de mundo, mas também "origem" do homem, como ocorre em "O Filho do Homem", um de seus mais belos poemas, o leitor é remetido às próprias escrituras: "Cansou-se/ Recolheu-se à sua origem/ Palavra", lembrando aquele "no princípio era o Verbo, e o Verbo se fez carne e habitou entre nós."

Antônio Hohlfeldt SABOR ANTIGO

Rio de Janeiro, 1951: o *Panorama da Nova Poesia Brasileira*, antologia de Fernando Ferreira de Loanda, fazia o primeiro balanço da geração de 45. Entre os escolhidos, textos de: Alphonsus de Guimarães Filho, Péri-

cles Eugênio da Silva Ramos, Paulo Mendes Campos, Hélio Pelegrino, Léo Ivo, Domingos Carvalho da Silva, José Paulo Paes e até de um João Cabral de Melo Neto, que depois se distanciou muito do espírito da geração de 45, tanto que alguns críticos recusam-se a incluí-lo nesse grupo.

Mas o que representa a geração de 45 na poesia brasileira? Tem gente que não perdoa e atribui apenas um sabor antigo, de gosto pelo passado. Afinal, esses poetas não insistiam nos tiques simbolistas e parnasianos? Afinal, não era um retrocesso, depois das conquistas de 22? Preferências à parte, a maior elaboração formal, o uso de ritmos e modelos tradicionais não envolvem, por si só, uma poesia de qualidade inferior. Logicamente, podemos considerar a atuação do grupo negativa na medida em que não dava grande valor às contribuições do Modernismo. Ao mesmo tempo, houve uma preocupação séria quanto aos problemas específicos da Poética, do fazer poesia.

Além dos poetas do "Panorama", outros também mostraram tendências neo-simbolistas, depois de 45: Hilda Hilst, Lupe Cotrim Garaude, Renata Pallottini, Homero Homem, Paulo Bonfim, Carlos Pena Filho e alguns mais. E seu neo-simbolismo surgia principalmente do olhar subjetivo, do uso de imagens para expressar os próprios sentimentos. A poesia se tornava mais intimista e usava e abusava de símiles e metáforas; toda emoção possuía o seu correspondente em linguagem figurada que às vezes trazia um leve toque de surrealismo. No entanto, os poetas da geração de 45, presos a um formalismo que chegava até a impor certas constelações de temas, privilegiando determinadas maneiras de expressão, não chegaram a esse ponto especialíssimo de criação poética que define as grandes obras. Eles tiveram uma boa produção, que entretanto não ultrapassou os limites do poema comportado. Alguns deles continuam no ofício dos versos.

Rio de Janeiro, 1976: Domingos Carvalho da Silva, geração 45 desde os tempos do "Panorama", publica *Vida Prática*, que reúne poesias de 1963 a 1976. Domingos não nega sua geração. Apesar de Gilberto de Mendonça Teles apontar, na orelha do livro, a atualidade semiológica do seu pensamento poético, o tom geral ainda rende homenagens ao passado. Por isso, "Vida Prática" é mais um documento de uma escritura poética do que a busca de novos caminhos e soluções.

O autor ainda conserva as mesmas fórmulas de comparação, as mesmas tendências indistarcáveis pelo verso metrificado. Até na sua recentíssima "Teoria do Poema" (1976), a reiteração do velho estilo: "Que rios passam sob o chão do poema/ que no papel escorre como as águas/ como as águas é fonte e, como as águas/ é o que nele inventamos e mais nada?"

Essa poesia, a primeira de "Vida Prática", é o prenúncio e a definição dos textos que lhe seguem.

Coincidentemente, os melhores momentos estão ligados ao passado, às recordações e à morte: desde as conotações sociais de "Os mortos na Gameleira", passando por lembranças de amigos mortos (Lupe e Milliet), até o cântico à filha inexistente, "Numa lápide imaginária". Em "Elegia para Lupe", Domingos Carvalho da Silva esquece um pouco os metros, usa menos símiles e se deixa dominar por um ritmo mais metonímico, verdadeiro recorte de realidade, expressão mais livre de sentimentos, e vai num crescendo que, se porventura lembra a canção de Tom Jobim, também leva a um final trágico, exigido pela seqüência de sons e negado em nível emocional: "É o módulo/ É o nóculo/ É o compacto/ É o fato/ É o hiato/ É o gato/ É a lebre/ É a febre/ É o norte/ É a sorte/ É o corte/ É a...". "O espírito completa a palavra que falta, antevisão do fim, consequência necessária das antecedentes. Aqui, o sentido realmente nasce da articulação dos sons — o poema surge das palavras e adquire uma transcendência que parece escapar à técnica formal de expressão que aparece como pressuposto básico nos poemas dessa obra. Em resumo, a poesia parece escapar ao domínio do poeta, o que é muito bom. (Imago, 69 pgs.)

Dulcília Schroeder Buitoni

INTRINCADO E COLORIDO

Vila Rica das Queimadas é o novo romance do amazonense Paulo Jacob. Mais uma vez faz uso de seus recursos estilísticos, juntando agora ao coloquial da região as expressivas deturpações do estrangeiro, numa mistura tão intrincada e colorida como a selva que o personagem Jamil desafia. Antes Paulo Jacob fizera coisa parecida no romance "Dos Ditos Passados nos Acercados do Cassianã", quando a fala do nordestino é amalgamada com os localismos amazônicos.

No romance "Chãos de Malconã", é a fala indígena, em mistura com a do caboclo que recebe a sua estilização, ao nível de uma linguagem literária das mais eficientes como pesquisa e invenção. Assim, para escrever o último romance, tendo o árabe Jamil e seu filho como o pólo irradiador da linguagem, o romancista estava mais uma vez usando o seu poder de transfiguração verbal.

"Vila Rica das Queimadas" é narrado na primeira pessoa pelo filho do árabe Jamil. A família vai ao Amazonas em viagem de terceira classe. Chegam e vão morar em casa coletiva. O árabe começa a negociar, com a sua vitrine sortida nas costas. É trabalhador, ganha dinheiro, compra

uma casa. Um dia, ajudado pelo patrício Abdala, toma posse de um regatão, o pequeno barco que vara o rio Solimões, beirando as pequenas vilas.

O velho sírio acabou pegando as mazelas do rio. Teve sezão, bexiga, e também pegava todas as cunhantãs bonitas da redondeza. O filho Nagib o foi imitando, no comércio e nas conquistas, e quando o velho Jamil morreu, de tanto trabalho, o filho assumiu o rio e as mulheres.

As viagens do regatão, pelo marzão do rio, dão a Paulo Jacob a oportunidade de mostrar as paisagens amazônicas, com seu estilo particular, que é um misto de balada e roncar de cachoeiras — ora manso, remansoso, ora caudaloso, estúrdio. "O riozão desfraldado na frente".

A narrativa de Paulo Jacob ainda levanta o rico folclore da terra ribeirinha, com suas assombrações e seus botos emprenhando as belas cunhantãs. A paisagem é poética e encantada: "A lua-cheia abriu da noite. A mãe da lua cantou agourenta. O rio resmungando, falações de banzeiro. O vento cochichando mais ele".

Em se tratando de linguagem recriada, o clima poético assume papel preponderante, embora a descrição paisagística seja sempre em função do homem, pequenino e inerte ante tanta grandeza. Seu Jamil, com a sua embarcação Flor da Síria, interpenetra o mistério e a distância, e faz negócios, às vezes com a esperteza dos que sabem negociar. Um dia vendeu uma calça para um caboclo e, na primeira chuva que ele levou, a calça virou bermuda. "Calça encurtada, a riba dos rejeitos. A bem dizer, no meiado da canela". A saída de seu Jamil foi dizer que o "batriça" tinha crescido.

O mundo amazônico: a farsa, a tragédia, a beleza e a tristeza do homem pequenino. (Emebê, 157 pgs.)

Assis Brasil

TERROR BEM-HUMORADO

Não há saída no universo criado por Rubem Mauro Machado. Restou apenas a consciência que faz uma tentativa, agora desesperada, de detectar os pontos da infecção. A consciência tentará sempre (a fuga através da paródia, do estilhecimento, do fantástico, é estratégica) ficar a favor dos personagens mas eles são muito poucos sensíveis para captar algo que não seja violência. As personagens usam toda sua caminhada rumo ao aniquilamento, à desagregação, quando não permanecem em seu natural, anestésico, modo de ser.

Jacarés ao Sol (conto e título do livro): um casal cheio de tédio-manias vive uma situação frouxa, pegajosa, nem por isso distante ou de urgente solução pela grande maioria da classe

média. Acompanhamos uma novela que, certamente, jamais será dirigida a nossos vídeos: seu Luís chega cansado do trabalho, dona Ernestina põe a janta na mesa, comem às 7 (5 para as sete dá fome em seu Luís), 7h30 ligam a tv. Vêem a novela... às 10 horas apagam a tevê e vão dormir. Seu Luís ronca. Sexta-feira houve um contratempo (não puderam ver a novela direito)... acontece que chegou visita, maiores emoções no texto, pgs. 17 a 20.

Depois de ler "Acontecimento com Débora", uma lição de narrativa e de "terror cotidiano", ficamos sabendo por que Rubem Mauro Machado reivindica o título de humorista. Satirizando a fobia do engordar que as mulheres adquiriram, uma situação é levada ao limite. Débora, atacada por uma fome feroz, não consegue mais se levantar da cama: passa os dias diante do televisor devorando panelões de comida que inclui, entre outras coisas, "um pernil assado de porco ou meia dúzia de frangos enopados com batata", que o marido (com uma responsabilidade caricatural) pacientemente prepara. O desenlace desta trama é surpreendente. "Acontecimento com Débora" é para rir de medo.

E não deixe de ler o sensato depoimento do autor de "Jacaré ao Sol", um jovem jornalista, nas páginas iniciais do livro: "... Sou um integrante da classe média que gosta de rir da classe média".

A editora que publicou Rubem Mauro Machado vem desenvolvendo toda uma programação gráfica-visual. As ilustrações de "Jacaré ao Sol", por conta de Paula Yne, dividem as atenções entre texto e desenho. Nas pgs. 64 e 67, duas pequenas artes vão desviá-lo do conto "Uma longa espera" por alguns segundos: o jogo gráfico de páginas e letras brancas e pretas tem muito a ver com o universo narrado. Estamos diante de um lay-out magnífico.

Capa (Jayme Leão) de muita sensibilidade: numa sala vazia de móveis, porta com cadeado, homem e mulher sentados diante de um imenso aparelho de tv. No vídeo: um sol branco, paisagem amarela, árida, indefinido — uma televisão dentro do televisor. Temporariamente, o nada. (Atica, 86 pgs.)

Fátima Miranda

SEM REALISMO FANTÁSTICO

Dois rapazes e duas garotas, personagens soltos em Buenos Aires, perdidos na Buenos Aires de hoje. O livro **Para Te Comer Melhor**, de Eduardo Gudño Kieffer, é isso. Mesmo sendo latino-americano, não traz nada de realismo fantástico e o leitor viciado nesse rótulo pode desistir de encontrar qualquer situação irreal ou fantástica nas suas 222 páginas. Gudño, numa linguagem simples e des-

pretensiosa, retrata (fotografa é melhor) as dúvidas, anseios, angústias e felicidades de personagens que podem ser encontrados todos os dias, em qualquer parte de qualquer metrópole sul-americana.

Flor de Irupê é a moça da província que vem para a capital em busca de uma carreira de cantora e acaba sendo recolhida por outra moça, Ana, e mais tarde passa a viver com Robbie, o cantor de rock que não sabe falar inglês. Estes três personagens giram em torno de um quarto: Sebastián, 24 anos, sem sentido pejorativo, um hippie. A partir das anotações de Sebastián no seu caderno de memórias, é possível estabelecer a ligação entre cada capítulo do livro. Os capítulos obedecem a uma espécie de esquema de entrada em cena. Primeiro é Flor de Irupê, depois Robbie, depois Ana, o Cabeleira e, em seguida, o caderno de Sebastián. O autor começa então a misturar os elementos: Sebastián, dona Amparito; Sebastián, Robbie; Sebastián, a Mãe; e assim por diante, embaralhando os personagens, até se fundirem numa situação insustentável pela sua própria insolubilidade, que culmina com o suicídio de Sebastián.

Não há, no entanto, um crescendo de problemas, não há lances dramáticos. Sebastián não sai de cena como geralmente saem os heróis dos livros e filmes. É a apatia geral, a impotência geral diante dos fatos e do desenrolar da vida que só oferece a ele esta saída. Enquanto Sebastián sai de cena, Flor de Irupê consegue cantar numa casa noturna e sonha com seu nome em letras luminosas, maiores do que as do anúncio "Tudo vai bem com Coca-Cola" (Alfa-Omega, 222 pgs.)

Ana Lagoa

INCURSÃO CORAJOSA

Assis Brasil está presente na literatura brasileira com obras de sucesso, venceu o Walmap duas vezes, atua na crítica literária há anos. O seu novo romance, *O Aprendizado da Morte*, é a corajosa incursão por um assunto cheio de perigos.

Em quatro livros abordou a perda da liberdade ("Os Que Bebem como os Cães"), o medo da morte (este que analisamos), o cotidiano absurdo ("Deus, O Sol, Shakespeare"), o destino supostamente injusto ("Os Crocodilos").

Em "O Aprendizado da Morte" Olga sabe que morrerá e o romance descreve a preparação da personagem para este desenlace. Acreditamos que este seja um tema que não se esgota em apenas uma abordagem do romancista. Por que não? O escritor não introduzirá as suas próprias experiências e sentimentos, à medida que a sua própria morte seja "real" com o passar dos anos? Por isto, parece que existe um distanciamento entre o es-

critor e o drama de seu personagem. Os primeiros capítulos narram o sofrimento de Olga mas não nos emocionamos, talvez esteja faltando o desespero. E para a personagem houve esse desespero ao tentar o suicídio.

Enquanto existe personagem (escritor) sozinho, isto é o que vemos. Mas, quando surgem outros personagens no texto, então a impressão que temos é que o autor passou a ver Olga através desses personagens, ganhando a narrativa força e espontaneidade. Nesta parte o escritor revela sua técnica narrativa, intercalando diversos momentos e realizando apurado jogo de tempo ficcional. Não só a presença do "outro" mas os momentos passados vividos por Olga fazem crescer o seu drama de morte próxima e irreversível.

O que dificulta a transmissão do drama vivido por Olga em certas passagens do livro, colocamos como sendo a linguagem. O abuso na utilização do verbo no pretérito-mais-perfeito endurece o texto. Por exemplo: "Descobri, mas já perdera o momento mágico, tudo se desfizera." O sentido seria o mesmo assim: "Descobriu, mas já perdeu o momento mágico, tudo se desfez". O som ficaria mais puro, a frase mais forte. Comentando-a com contista amigo ele sugeriu: "desfazendo". E com razão. O personagem viveu um momento

mágico de conscientização da morte próxima. Teve um momento livre e integrado com "o ser no mundo". Mas este momento não se desfez de todo, pois há sua busca ainda, há percepção do vivido. A medida que Olga se distancia deste tempo vivido mais o perde. Daí o verbo surgir muito mais forte no gerúndio.

Após introduzir as demais personagens no livro e outros com o mesmo problema de Olga, é que percebemos e sentimos o drama de todos. Cada um tenta comunicar ao outro o que sente e sabemos que o sentido quando o homem está frente à morte está muito além das palavras. O capítulo final demonstra isto. Olga e Manuel vivem o mesmo drama e buscam se encontrar. No diálogo, natural, humano, transmite-se ao leitor o difícil aprendizado para a morte.

É interessante anotar as variações técnicas de narrativa utilizadas pelo autor. Enquanto em alguns capítulos existem os monólogos, noutros estes monólogos se intercalam a diálogos e situações da personagem em tempos diferentes. O final do livro se detém numa narrativa direta, culminando no diálogo de Olga e Manuel. E nos parece que justamente no final o romance se fortalece e justifica uma dada leitura. (Nórdica, 160 pgs.)

Jeferson Ribeiro de Andrade

O LEITOR CRÍTICA

1- Reflexos do Baile — Antônio Callado

O leitor tomará aos poucos conhecimento de que vive num mundo ao mesmo tempo violento e insensível. As notícias que lhe chegam vêm através de pequenas cartas de embaixadores, subversivos, delegados e esposas distantes. Quem, ao final do livro, for procurar interligar as várias cartas, não vai conseguir. Fica então uma sensação de romance incompleto. Pelo contrário. Antônio Callado, ao construir o seu "Reflexos do Baile", deixou que o romance se completasse fora do seu espaço romanesco. Aquelas cartas (inclusive em inglês com tradução) trazem a notícia de que vivemos num mundo caótico apesar dos beija-flores e dos jantares bem organizados das embaixadas. E que esse mundo não termina na página 140. (Antônio Carlos Viana — Aracaju, SE)

2- A Rainha dos Cárceres da Grécia — Osman Lins

Não sei — embora "não saber" não seja palavra com que se deva começar um artigo que se propõe saber de alguma coisa — como receberia, da parte de um leitor, o escritor Osman Lins, e acima de tudo o autor de "A Rainha dos Cárceres da Grécia", a rotulagem que num comércio mais íntimo, agora sei, não o ofenderia. É que, principalmente nesse romance, o leitor — e não me refiro apenas ao que escreve estas linhas — é tratado de modo muito especial, obrigado a comentar, com o autor, no rascunho, o nascimento do livro, as suas razões, a sua possível originalidade. Introduzido nas coxias, é-lhe facilitado o acesso aos dados mais íntimos, mesmo aos acontecimentos que afetam a vida privada do escritor fora do livro, desde uma noticiuzinha de jornal talvez sem maior significação, à morte de um escritor amigo, ou à presença de um bate-estacas que lhe azucrina os ouvidos enquanto ele próprio — e às vezes

se torna difícil traçar o limite entre ele mesmo e o seu preposto — colige informações, recorre a leituras do fundo do baú, recolhe das fontes mais surpreendentes — da sua erudição de escritor, da garga de suas vivências, da impregnação da vida dos outros, e até do ar — as ervas, os sucos, os estrumes necessários à engendração do novo ser que termina por o devorar, ao bruxo — essa a palavra que desde o início estava para dizer — e a nós, fundidos numa espetacular guernica, até numa emergência, ou mela-mela, mas apesar do aparente simples descontraimento de um entrudo, é como um bonzo que se toca fogo para que acreditem afinal que ele protesta. Surpreendo-lo na hora crítica, flagrante que somente a segurança de um escritor muito bem alicerçado poderia oferecer-nos, da criação, e tal visão não nos abandona, recuperando-nos a cada instante para uma leitura desesperada. Temos de assisti-lo no parto desse ser múltiplemente hermafrodítico, de tão vária extração, mas sem em nenhum momento esquecer que não estamos olhando diretamente para o objeto mas através de um prisma, da iris do suposto amante de Júlia, a cada instante coando a luz de maneira diversa, de ângulo diferente, dando-nos às vezes a sensação de estar na mente de um cubista excessivo, como Picasso e ao mesmo tempo geometricamente limpo como Juan Gris. É desse prisma que trata a obra, do seu desempenho em face de um assunto, de como as imagens são captadas e jogadas na película sensibilizada das páginas, a princípio imagens apartadas, gotas que sem que se perceba se vão juntando e viram de uma hora para outra irremovível caudal. Durante esse trajeto o autor experimenta ou joga com vários tipos de linguagem, lançando-as uma contra outra, obtendo assim, através do contraste, com que se revelem na maior intensidade, apanhando no ar — como falei — trechos desencontrados de fala de várias fontes e procurando dis-



cerni-los. Uma "ode ao leitor", como ele próprio disse, em resposta a carta que lhe escrevi, é, noutro plano, um poema épico à população de Pernambuco e um depoimento sobre a vida do povo brasileiro. Frans Post sem o alheamento de Frans Post. Recife e Olinda estão aqui reunidas no mesmo quadro, mas agora aí se vêem os insurretos, e em lugar de vitoriosos sinos — o autor é de Vitória de Santo Antão, lugar de uma das batalhas decisivas da guerra holandesa — a repicarem, ouvem-se gemidos. Eis aí o que é "A Rainha dos Cárceres da Grécia": um longo, profundo, incomensurável, gemido.

Uma nota importante é a em que o escritor mostra a diferença entre leitor "secular", que acredita saber de tudo, e "oracular", que em tudo vê enigmas e os quer decifrar. A "ode" é a este, que vara o livro, para quem o livro é uma porta através da qual ele passa para o outro lado, para o mundo do autor, ou o dos outros (se não é redundância) através do autor. A prece ao "Santo Afonso Henriques" deveria ser recitada por todos os escritores antes de dormir: "Fazei-me orgulhosa" (quem fala é a escritora Júlia Marquezim Enone, de quem o autor possui os originais de um romance: "A Rainha dos Cárceres da Grécia") "da minha condição de pária e severa no meu obscuro trabalho de escrever."
(José Cláudio da Silva — Olinda, PE)

O que você acha dos seguintes livros:

Poema Sujo — Ferreira Gullar
Novelário de Donga Novais — Autran Dourado
Quatro-Olhos — Renato Pompeu
O Agressor — Rosário Fusco
A Rainha dos Cárceres da Grécia — Osman Lins

As opiniões devem ser dadas no máximo em 20 linhas.
Publicaremos as melhores nesta seção.

REGISTRO

CONCURSO MENSAL

1 — Nesta seção registramos mensalmente todo o material chegado à nossa redação, através dos nomes ou pseudônimos dos seus autores.

2 — Os contos e poemas devem vir acompanhados de nome completo, nº do CPF, nº da carteira de identidade, com indicação do órgão que a emitiu e da localidade, endereço e cerca de 10 linhas com dados pessoais ou um depoimento do candidato.

3 — Enviem apenas um conto e/ou três poemas por vez. Limite de tamanho para conto e poema: 400 linhas de 70 toques cada.

4 — Os trabalhos, em duas vias, devem ser datilografados em espaço duplo e numa só face do papel.

5 — Os contos-notícias (isto é, contos tendo como pontos de partida notícias de jornais ou revistas) e as estorinhas (destinadas ao público infantil-juvenil), da mesma maneira, são regulados pelas normas acima.

6 — Os trabalhos dos autores incluídos neste registro já foram lidos e analisados. Os que estão em negrito

tiveram trabalhos aprovados e poderão ser publicados em próximos números da revista, dependendo do espaço.

7 — Os trabalhos recebidos até o dia 15 serão registrados e analisados este mês para eventual publicação dentro de 45 dias. Os demais entram normalmente na lista do mês seguinte.

8 — Autores selecionados só terão nova oportunidade a partir de seis meses da publicação dos seus trabalhos.

9 — O não-cumprimento das normas acima implica automaticamente em eliminação.

10 — Cada um dos autores dos contos publicados receberá Cr\$ 300,00 ou o equivalente a isso em revistas (números atrasados ou assinatura) e em livros da Vertente, cujo catálogo é sempre publicado nas nossas páginas. Cada um dos autores dos poemas publicados receberá Cr\$ 200,00 ou o equivalente em revistas e livros da Vertente.

CONTOS E POEMAS RECEBIDOS DE:

Antônio Carlos Viana, Augusto de Castro, Blicia, Carlos AA. de Sá, Carlos Solrac, Cláudia Canuto, Cláudio Luís de Oliveira Soares, Daise Tostes, Dalmis Fernando, Donizetti C. Oliveira, Elias Fajardo da Fonseca, Gabriel Rando, Gideon Rosa, Hamilton Carvalho de Melo, Igor Von Korsch, Isabel de Almeida Vasconcellos, J. L. Camello, João Amaro Neto, Joaquim Benedito Costa, José Carlos Pinto de Oliveira, José Márcio Carter, José Narciso de M. Carvalho de Moraes Filho, Lázaro Barreto, Lúcia Regina de Sá, Luciano Cortez e Silva, Luís de Moraes Júnior, Luiz Carlos Batista de Moura, Luiz Puntel, Maria do Carmo Nicoletti, Marília Bessa Zenkner, Marlene Marianna Soares Pinheiro, Marta Gonçalves, Menestrel Medeval, O. Reyex, Paula Barcar, Rams Evon, Reinaldo Rodrigues de Sá, Renato de Brito, Ruy Falcão, Sílvia Lúcia Marchezini, Vanda Catarina Pereira dos Santos Donadio, Wanilton Cardoso Affonso, Washington da Silva Queiroz e Wilson Colorato.

— **Quinze Cuentistas Brasileños de Hoy** é o terceiro livro a ser publicado na Argentina pela Editorial Sudamericana sob os auspícios de nossa Embaixada de Buenos Aires. Drummond, Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Dalton Trevisan, Otto Lara Resende, José J. Veiga, Victor Giudice, João Antônio, Luiz Vilela, Rubem Fonseca, Néldia Piñon, Clarice Lispector, Roberto Reis, Juarez Barroso e Antônio Torres, são os contistas escolhidos. No mesmo programa de divulgação de nossa literatura naquele país e, através dele, na América Latina, já foram lançados "O Coronel e o Lobisomem", de José Cândido de Carvalho, e "O Vampiro de Curitiba", de Dalton Trevisan.

— Segundo a revista **Siete Dias**, de Buenos Aires, **Jorge Luis Borges** poderia ter recebido o Prêmio Nobel, caso não houvesse sido condecorado pelo general Augusto Pinochet, do Chile. A Folha de S. Paulo de 22/1/77, que comenta a matéria, diz que **Siete Dias** baseou seu artigo em declarações do poeta e advogado espanhol Justo Jorge Padron, que mora em Estocolmo e trabalha para a Real Academia Sueca.

— Informa a editora **Civilização Brasileira** que mais um livro de **Dalton Trevisan** acaba de ser lançado na Holanda: trata-se de "O Pássaro de Cinco Asas". O primeiro foi "O Rei da Terra".

— No começo de janeiro a **Summus Editorial** lançou em São Paulo uma campanha de out-door para a divulgação de livros. O texto é simples — Aproveite estas férias lendo: **Ticonderoga** — Plínio Cabral / **Dentes ao Sol** — Ignácio de Loyola / **A Festa** — Ivan Ângelo — mas repercutiu favoravelmente entre editores e livreiros. Raul Wassermann, um dos diretores da **Summus**, conta que a campanha foi possível graças à colaboração de alguns publicitários, da gráfica que imprimiu os 200 cartazes espalhados pela cidade e da empresa exibidora. Os livros, editados ou distribuídos pela **Summus**, representam segundo Wassermann, três estilos diferentes da nova literatura nacional. Na escolha deles, explica, "não predominou apenas o interesse do editor, mas também a indicação dos livreiros, ou seja, daqueles que, em contato com o público, podem aquilatar da aceitação de uma obra." Além desse out-door, a **Summus Editorial** pretende lançar mão de outras peças publicitárias.

— A **Editora Cooperativa de Escritores** lança um concurso de contos com prazo de

INFORMAÇÃO

encerramento em 30 de maio. Podem concorrer contistas de todo o país, desde que seus trabalhos sejam inéditos em livro. Diz o regulamento que cada autor pode inscrever um mínimo de dois contos, em três vias datilografadas e assinadas por pseudônimo. Em envelope fechado e anexo deve fornecer seu nome, endereço, pequena biografia ou currículo e, se possível, considerações sobre a atividade literária, as funções da literatura, etc. A primeira tiragem do livro, que reunirá os contos selecionados, deverá ter um mínimo de 1.500 exemplares. Os originais devem ser enviados para a rua Tavares de Macedo, 132, casa 1, Icaraí, 24.000—Niterói, RJ. Observa a **Cooperativa** que a idéia inicial era publicar um volume com trabalhos de seus associados contistas. "Decidiu-se democratizar a iniciativa, suplementando o volume com contistas escolhidos por concurso. O livro será mais representativo", dizem seus diretores "e poderá continuar o processo de expansão da **Cooperativa**, trazendo a ela novos associados."

— A **Academia Ribeirãopretana de Letras** está lançando um concurso de peças teatrais inéditas, que dará Cr\$ 20 mil ao 1º colocado, Cr\$ 10 mil ao 2º e Cr\$ 5 mil ao 3º. As inscrições podem ser feitas até 3 de julho. Diz o regulamento que os originais devem ter extensão que permita um espetáculo com duração mínima de uma hora. Os textos (não infantis) devem ser enviados para a **Academia**, rua Visconde de Inhaúma, 490, 1º andar, Ribeirão Preto, SP, em cinco vias datilografadas em espaço 2, e precisam ser grampeados e numerados, sem títulos e assinados com pseudônimo. As vias deverão ser acompanhadas de envelope fechado contendo nome da peça, nome e pseudônimo do autor, endereço, em envelope lacrado, indicando, externamente, o pseudônimo do autor. A **Academia** também exige currículo.

— Está sendo preparado em Portugal o lançamento de revista **Pasárgada**, dirigida por Manuel Seabra. Trata-se de uma publicação trimestral com textos nas cin-

co principais línguas peninsulares. O primeiro número trará um capítulo do novo romance de Jorge Amado e textos dos portugueses Urbano Tavares Rodrigues, E.M. de Melo e Castro e Fernando Assis Pacheco. A parte castelhana inclui uma entrevista com Rafael Alberti e poemas de Blas de Otero e José Corredor Matheos. Entre os colaboradores catalães estão Raimon, Maria Aurélia Capmany, Joan Oliver, Agustí Bartra e Joan Brossa. **Pasárgada** nº 1 apresentará ainda um dossiê da literatura portuguesa relativa ao 25 de Abril. E também lançará um concurso para livros de contos inéditos. As condições devem ser pedidas à revista, rua Coelho da Rocha, 95, 3º Dto., Lisboa—3, Portugal.

— A editora **Livros do Mundo Inteiro** está aceitando originais para seleção, inéditos ou não. Durante o ano letivo lançará uma nova coleção de autores nacionais, para leitura nas escolas de 1º e 2º grau. Os originais, datilografados em espaço 2, com 80 laudas no mínimo e 120 no máximo — sejam contos, romances ou novelas — deverão ser enviados à sede da editora, rua Conselheiro Josino, 35 — Fone: 263-2045 — 20.000—Rio de Janeiro, RJ. Os autores escolhidos assinarão contrato para uma tiragem mínima de 5 mil exemplares. As obras, ilustradas e com capas a quatro cores, serão distribuídas em todo o Brasil pela **Catavento** e acompanhados de esquema promocional junto as escolas do ensino fundamental. Os primeiros autores selecionados foram **Agnaldo Monteiro**, **José Rezende Filho**, **Assis Brasil**, **J.C. Camello**, **Rodrigues Marques** e **José Alcides Pinto**.

— Em janeiro foi lançado em Curitiba o livro **40 Cliques em Curitiba**, coleção de fotos de Jack Pires, acompanhadas de poemas curtos, quase haicais, de Paulo Leminski. A idéia é ainda a de fugir a uma apresentação apenas poética ou fotográfica. Misturar as coisas, lado a lado. O resultado ficou bom, sendo que o texto não interfere na enxutez das fotos e essas não prejudicam a cristalinidade dos poemas. O livro saiu caro, mas foi financiado por uma gráfica que está se instalando na cidade, como ofensiva promocional, já que os dois autores são bastante consagrados em Curitiba. Jack Pires é fotógrafo veterano e sensível. Paulo Leminski está preparando para este ano um livro de poemas experimentais, radicalizando agora suas propostas poéticas. (Reinoldo Atem).

Extravio

Leitor assíduo e divulgador de sua conceituada Revista, tomei conhecimento do regulamento do Concurso Escrita de Literatura e, no mês de setembro do ano passado, enviei os originais do meu romance "A Valsa de Hiroxima", sob o pseudônimo de João Monteiro dos Santos. Creio ter obedecido ao prazo fixado e a todas as normas estabelecidas, tendo enviado as cinco vias datilografadas e colocado dentro de um dos exemplares um envelope lacrado com o meu nome real, o pseudônimo, o endereço e dez linhas de dados pessoais. Entretanto, conforme o nº 15 da revista Escrita, que está como sempre muito bem escrita, meu pseudônimo não se encontra entre os candidatos classificados nem entre os desclassificados. Por este motivo, gostaria de receber algum esclare-

CARTAS

cimento, o que sem dúvida me proporcionaria satisfação, mesmo sabendo que atualmente, em qualquer hipótese, o meu romance não teria mais condições de concorrer. (João Monteiro dos Santos — Fortaleza, CE)

Infelizmente não recebemos o seu original.

Letra Morta

Parabéns pela publicação do livro "Letra Morta", vencedor do concurso de poesia desta revista. Realmente a gente é to-

mada de um prazer enorme ao ler um trabalho de nível tão estupendo. Parabéns à revista e principalmente ao autor, Marcos de Carvalho. E, também, por que não publicar alguns poemas dos demais premiados? (Roberto Bozzetti — Rio de Janeiro, RJ)

Na medida do possível, publicaremos trabalhos de todos os classificados de nossos concursos.

Endereço não

Peço-lhe, por favor, a publicação do endereço dos três ganhadores do I Concurso Escrita de Literatura—Poesia. (Mária do Carmo Nicoletti — caixa postal 785, 15.100—São José do Rio Preto, SP)

Não temos autorização para fornecer endereços particulares de escritores. Eles, se quiserem, poderão escrever-lhe.



ANO DO ESTOURO

DA LITERATURA BRASILEIRA

Colaboração
Vertente/Escreita

LIVROS DA VERTENTE POR REEMBOLSO

CAFARNAUM

Terceira coletânea de contos de Wladyr Nader, também autor de um romance. O alvo é a classe média "heróica", frustrada no amor e incapaz de ver longe. Cr\$ 40,00

CONFISSÕES DE UMA MÁSCARA
Romance autobiográfico do maior escritor japonês de atualidade, Yukio Mishima. Tema: a ambigüidade sexual. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. Cr\$ 50,00

A VARINHA DO CAAPORA

Três estórias infantis de Antonieta Dias de Moraes em volumes independentes, reunidos numa caixinha. A edição francesa é de 1966 e as ilustrações são de Mikas. Cr\$ 30,00.

A ÁRVORE DOS DESEIOS

Conto infantil de William Faulkner, que se transformou em presente de aniversário de sua enteada Victória. Traduzido por Hamilton Trevisan e ilustrado a cores. Cr\$ 35,00

CAMISA-DE-FORÇA, ESPINHA DORSAL E LIÇÕES DE PÂNICO
Romance e duas coletâneas de contos de Wladyr Nader. O último reúne estórias fantásticas. Cr\$ 30,00

DIÁLOGO

Segunda edição do livro de contos de Samuel Rawet, lançado em 1963. Além de se dedicar à ficção, ele tem publicado ensaios e peças teatrais. Cr\$ 30,00

HEMINGWAY PARA CRIANÇAS

Dois histórias do autor norte-americano publicadas em 1951 na revista Holiday Magazine e jamais reunidas em livro. Traduzido por Hélio Pólvora e ilustrado. Cr\$ 35,00

SEM SAHIDA

Neste seu segundo livro — o primeiro foi de contos — Zélio usa o cartum para radiografar nossas inquietações, seja na cidade, seja numa ilha deserta. Cr\$ 40,00

TARDE DA NOITE

Contos de Luiz Vilela, seis dos quais premiados no I e no II Concurso Nacional de Contos do Paraná. "Tarde da Noite" foi lançado em 1970. Cr\$ 50,00

ESGOTADOS

Brinquedo, coletânea de contos de Hamilton Trevisan; e Isto o Jornal Não Conta, estórias escritas por 17 jornalistas de São Paulo entre os quais Lourenço Diaféria.

FREUD PARA CRIANÇAS

Texto de Louise Armstrong e cartuns de Whitney Darrow, Jr., que permitem às crianças explicar aos pais os termos mais elementares do jargão freudiano. Cr\$ 35,00

A FESTA

Segunda edição do romance: contos de Ivan Ângelo, jornalista em São Paulo, saudado pela crítica como um dos grandes livros de 1976. Cr\$ 60,00.

SAPO CURURINHO DA BEIRA DO RIO

Conto infantil de Maria Magdalena Lana Gastelois, próprio para as crianças que estão aprendendo a ler. Cr\$ 8,00

OS CANTOS DE MALDOROR

Poema em prosa de Lautréamont, de quem Philippe Soupault disse que em 1870, como um Deus, desencadeou uma tempestade formidável. Cr\$ 60,00

PRÓXIMO LANÇAMENTOS

O Urso, novela de William Faulkner, Os Meninos, contos de Domingos Pellegrini Jr., e um volume por mês na nova coleção Econômica.

FAVOR PREENCHER OS CLAROS ABAIXO:

Livro (s):
Nome:
Endereço: Estado
CEP: Cidade

Vertente Editora Ltda. — Rua Monte Alegre, 1434 — Fone: 62-3699
05014 — São Paulo (SP)

